REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:

O CASAMENTO DE MARLENE

O CINQÜENTENÁRIO DO FLUMINENSE

GAÚCHOS DE 500 ANOS





CADA VEZ MELHOR!



JÁ ESTÁ
À VENDA
ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado



76 PAGINAS ILUSTRADAS

CR.$ 10,00

EM TODO O BRASIL

Adlai Ewing Stevenson, Governador de Illinois, candidato do Partido Democrático à presidência dos Estados Unidos



STEVENSON contra EISENHOWER

A CONVENÇÃO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO ★ QUEM É O CANDIDATO ★ SUA TRAJETÓRIA E SUAS POSSIBILIDADES ★ A POSIÇÃO DO PARTIDO



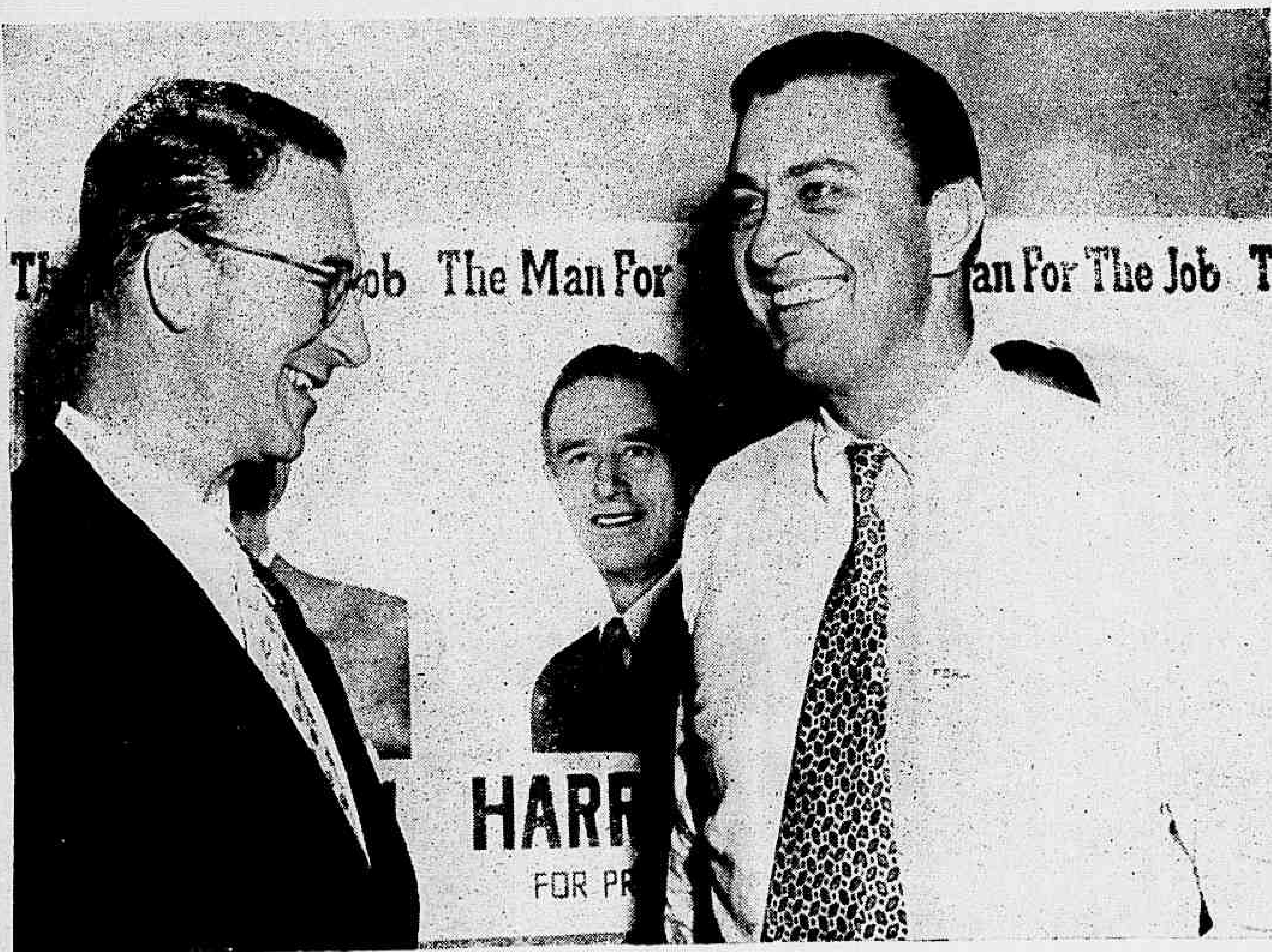
Flagrante tomado no interior do anfiteatro internacional de Chicago, vendo-se os membros da delegação do Hawaii à Convenção do Partido Democrata em 23-7-52.

A Convenção do Partido Democrático, em terceiro escrutínio, escolheu para candidato à presidência dos Estados Unidos, Adlai Ewing Stevenson, de 52 anos de idade, atualmente, governador do Estado de Illinois, cargo que ocupa desde 1948.

Para a Vice-Presidência, a Convenção indicou o senador John Jackson Sparkman, também de 52 anos de idade, do Estado de Alabama, que desde 1936 vem representando, sem interrupção, na Câmara Federal e depois no Senado.

Adlai Ewing Stevenson é neto e xará do Vice-Presidente dos Estados Unidos e, pelo lado materno, neto de Jesse Fell, o pioneiro republicano, que foi o primeiro que propôs Lincoln para a Presidência. Nasceu em Los Angeles, Califórnia, em 5 de fevereiro de 1900. Estudou na escola pública de Bloomington, Illinois, onde se preparou para a Escola de Croate em Wallingford, Connecticut. Seu pai era Lewis Green Stevenson, gerente de minas de ouro; sua mãe Helena Louise Davis. Ambos são mortos.

Em 1918, serviu para aprendiz de marinheiro na Marinha Naval dos Estados Unidos. Em 1922, colou grau na Universidade de Princeton, e entrou para a redação do "Daily Pantagraph", jornal que sempre pertenceu à sua família e



Aparece nesta foto Mr. Franklin Delano Roosevelt, Jr., em cordial palestra com o senador Estes Kefauver, um dos secretários da Convenção. Ao fundo: — Mr. Avarell Harriman.



Demonstração artística promovida pela representação que aplaudiu a candidatura de Oscar Ewing na Convenção do Partido Democrático, no anfiteatro de Chicago.

com o qual ainda conserva relações de interêsse. Tendo estudado direito e se bacharelado pela Universidade Northwestern de Chicago, Stevenson foi admitido no fôro de Illinois em 1926. Em 1927 fêz parte como advogado, da firma Cutting, Moore & Sidley de Chicago. Em 1933-34, Stevenson aderiu ao New Deal do Presidente Roosevelt e foi conselheiro especial do AAA. Mais tarde, em 1934, é apontado como assistente geral do Conselho de Administração Federal Central do Álcool, importante cargo, pois o álcool estava saindo de um período de proibição.

Em 1940, Stevenson trabalhou tenazmente para manter o tradicional isolamento do Oriente Médio da ameaça de Hitler e do nazismo. Nos meados de 1941, às vésperas de Pearl Harbour, Stevenson era chamado a Washington por Roosevelt, para servir como assistente do secretário Nany Frank Knox, lugar ao qual deu grande expansão e ocupou até à morte de Knox, em 23 de abril de 1944. Assumiu depois o pôsto do novo Departamento das Relações Econômicas da Administração e recebeu o Presidente Roosevelt uma especial missão à Itália devastada. Em 1941, chefiou uma missão especial da Fôrça Aérea na Europa.

Stevenson sempre estêve ligado às re-



Aqui está Mm. India Edwards, uma das representantes do sexo feminino, que desempenha papel saliente no Partido Democrático e que muito contribuiu para o êxito da Convenção.

STEVENSON CONTRA EINSENHOWER

O candidato democrático durante as férias na companhia de Leonard Schwartz, Diretor do Dep. de Conservação de Illinois, no delicioso esporte da caça.

lações e fatos internacionais: foi diretor do Conselho das Relações Externas de Chicago, da Biblioteca das Relações Externas e da Fundação Woodrow Wilson. Em 1945, serviu como assistente especial do Secretário de Estado Edward R. Stettinius Jr., e colaborou no Departamento de Estado sendo Secretário de Estado James F. Byrnes. Na Conferência de S. Francisco, Stevenson estêve como porta-voz da Delegação dos Estados Unidos. Foi escolhido para representar a Nação na qualidade de ministro para a Comissão Preparatória das Nações Unidas, que se realizou em Londres. Na ausência de Stettinius, foi nomeado delegado chefe. Quando se realizou a primeira Assembléia Geral das Nações Unidas, Adlai Stevenson foi como chefe da delegação dos Estados Unidos. Em julho, o Presidente Truman apontou-o como delegado alternado, servindo ora no comitê econômico ora no financeiro. Em fevereiro de 1948, Stevenson entrou na campanha democrática para a eleição ao govêrno de Illinois, e foi eleito com uma grande maioria nunca vista de 572.067 votos. Tem três filhos: Adlai, III, Borden e John Fell Stevenson.

O candidato à presidência é relativamente novo na política, e nela considerado mais amador do que profissional. Advogado de longo tirocínio, ocupou há alguns anos os cargos de assistente do Secretário da Marinha e depois do Secretário de Estado, tendo desempenhado ainda a missão de delegado do Govêrno Americano às Nações Unidas. Desde 1948, governador do grande Estado de Illinois, cargo em que se manteve até agora e no qual se projetou como administrador de excepcional capacidade, realizando um govêrno notável como padrão de moralidade política.

O governador Stevenson é uma figura de grande relêvo intelectual no partido, aproximando-se, todavia, mais da linha idealista de Wilson que da orientação reformadora de Roosevelt. Sparkman, candidato à vice-presidência, é homem do Sul, isto é, com a marca indelével do reacionarismo intrínseco à vida política da região. Mas, ao que parece, é o que o partido podia encontrar de mais liberal e avançado entre os sulistas.

Não há dúvida que Eisenhower é formidável como candidato, e nenhum outro mais forte o Partido Republicano poderia encontrar. Mas, de nenhum do,o pode ser considerado um candidato invencível. Porque os democráticos tiveram a sorte de escolher também um candidato de primeira ordem, que manteve a unidade do partido e tem condições para transformar-se num grande conquistador do voto dos neutros e dos independentes.

Parece errôneo subestimar a fôrça do Partido Democrático e as suas possibilidades de vitória no próximo pleito. Na eleição anterior as dificuldades do partido eram imensas porque êle havia sofrido duas cisões. E' que Wallace, democrático dissidente, se apresentou como candidato do Partido Progressista, e os sulistas apresentaram a candidatura do governador Strom Thurmond, que arrastou quatro Estados. Com tudo isso Truman venceu. Desta vez, se o adversário é um Eisenhower, mas o partido está coeso, o que aumenta sua capacidade de luta e suas possibilidades eleitorais.

Por outro lado, a vitória dos democráticos parece ser mais fácil de conquistar. E' que o partido pode considerar-se vitorioso em 18 Estados em que se julga inexpugnável, pois nêles tem sido majoritário desde 1936. Êsses Estados lhe asseguram, de saída, 190 eleitores presidenciais. Ficam-lhe faltando apenas setenta e dois votos para obter maioria necessária para eleger o futuro presidente isto é, 262 votos num total de 531.

Para isso o candidato democrático não precisa mais do que ganhar em dois ou três Estados de maior importância eleitoral.

Pode-se dizer que o Partido Republicano tem um grande triunfo, o candidato Eisenhower. Mas é um triunfo só. Ao passo que os democráticos contam com vários: o seu bom candidato, o apoio do "sólido sul", as preferências dos trabalhadores num país onde já há mais de sessenta milhões de assalariados, a provável opção das minorias raciais e a ajuda do govêrno federal, que de certo não será pequena, quando o govêrno está nas mãos de Truman e quando Truman se resolve a "tirar o palitó" para entrar na luta a favor de Stevenson.



Aqui vemos Mr. Adlai Stevenson na sua fazenda participando do trabalho mecânico da lavoura como homem da luta. Stevenson é um hábil administrador.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 32 ★ 9-8-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Stevenson contra Eisenhower 3/ 6
A medalha de ouro do atletismo 10/13
Gaúchos de 500 anos (por Nilo Veloso) 17/20
Os gatos de Josephine Baker (por Domingos de Lucca Jr.) 27/29
O Cinqüentenário do Fluminense (por Levy Kleiman) 45/49
O casamento de Marlene (por Milton Salles) 53/57

LITERATURA

O Pequeno Conto (por Géo William) .. 8
Semana Literária (por Edmundo Lys) . 14/15
História sem fim (por Ana Maria Ferreira) 23/50
Adoração (por Dora Batista Júnior) ... 26/50

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Eva Perón) . 9
A Revista há 50 anos 34
Puxe pelo cérebro 40
Passatempo (por Renato Cartaxo) 41

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (por Michel Davet) 24/25

FEMININAS

Dias de chuva 35
Assim se vestem as verdadeiras francesas 36/37
Agasalhos 38
Camaradagem (por Isolette) 40
Não se canse 41
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) . 50
À luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) .. 51

FOLHETIM

Filho, meu filho 32/33

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 39

NA CAPA

Michele Morgan

A VERGONHA DA ESCOLA



FAZ muito tempo, Júlia. Entretanto, ainda hoje, tôda vez que apago um fósforo e olho para a sua cabeça queimada, me lembro de teu pixaim batido. Não importa quantos anos tínhamos. Basta saber que éramos meninos e, na escola de dona Zefinha, estávamos no segundo ano primário. Tu, Júlia, eras a vergonha da escola. Não porque fôsses má, nem rude, nem mal-comportada. Mas, tu eras preta, Júlia. A tua cabeça sêca parecia um tição apagado. A tua pele era retinta e brilhante. Os teus olhos redondos como bolas de gude, davam-te um ar de cabrito espantado. E, para cúmulo do azar, não eras feia, Júlia. Especialmente quando iluminavas a fisionomia com a dentadura branca e bonita.

●

A nossa escola era mista... Por isso, os castigos doíam mais. Entretanto, Júlia, nenhum castigo humilhava tanto, nem bôlo de palmatória, nem régua na cabeça, nem ajoelhar sôbre caroços de milho, nem ficar de pé na porta da rua, com os braços abertos, feria tanto, como ser condenado a estudar ao teu lado, numa cadeira que estava sempre desocupada, unidinha à tua, isolada em frente à classe. Na ordem ascendente dos castigos, eras o último, Júlia!... E, também, o mais abjeto. Estudar ao lado da criada de dona Zefinha era uma nódoa atroz. Quem sofresse o seu ultraje dificilmente se reabilitaria.

●

Felizmente tu sabias sorrir, Júlia. Sempre que a calamidade nos atingia, era com os dentes brancos à mostra que nos recebias, oh! negra generosa! E quando a classe tôda se ia e a lição continuava impenetrável aos nossos olhos embaciados de lágrimas, eras tu ainda que nos vinha libertar, desvendando os segredos dos caracteres misteriosos. Só muito tarde eu vim compreender que a missão que desempenhavas ali era um complemento do teu ofício doméstico, de bem servir à tua patroa, ainda mesmo como triste objeto de humilhação e vergonha.

●

Os anos, porém, nos esticaram, Júlia. Separamo-nos de uma vez. Crescemos. Lancei-me para longe e tu mergulhaste no mundo. Entrei para o Liceu e tu para os braços de um carregador de lenha. Dei tratos à bola e tu, filhos à pátria. Saí pela porta de uma Academia com um canudo debaixo do braço e a vida transformada num problema. E tu continuaste a multiplicar o teu lar com rebentos e sorrisos, na mais simples e encantadora de tôdas as soluções. Hoje, Júlia, estou aqui parado com um fósforo apagado na mão e o pensamento pregado em ti. E tu, quem sabe, talvez estejas bem perto, sorrindo de minha atrapalhação. Uma coisa, no entanto, eu te garanto. Os meus filhos já não sentem vergonha de sentar junto aos teus filhos. Aproveitei, ao menos a tua última lição, oh! professorinha de pixel... Êste fraterno sentimento de igualdade que o teu sorriso claro me ensinou.

MARTINS D'ALVAREZ

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

PEQUENO CONTO

A VELHA SENHORA

Por GEO WILLIAM



QUANDO penetrava no túnel que a deveria conduzir ao subsolo, onde corriam os trens, a velha senhora sentiu-se sùbitamente mal. Cambaleou, caiu de joelhos para, em seguida, estirar-se sôbre o flanco direito. Imediatamente a multidão cercou-a. Todos desejavam prestar auxílio àquela nobre figura de mulher entrada em anos, vestida rigorosamente de prêto, com a sua touca rendada por sôbre os cabelos grisalhos, repartidos ao meio.

A vida tumultuante do ambiente paralisou-se por minutos. Palpites choviam:

— Chamem o médico...

— Telefonem à Polícia...

— Afastem-se que a pobrezinha precisa respirar!

Outros, distanciados pela parede humana que se formava, indagavam curiosos:

— Crime de morte?

— Suicídio?

— Morte natural?

— O que houve?

— Não havia nada. Um simples desmaio. E a pobre senhora viu-se cercada de mil gentilezas.

Ampararam-na pelos ombros, levantaram-na com delicadeza. Dez pessoas ao mesmo tempo e a pobre anciã segurando-se pelas lapelas dos paletós masculinos inclinados por sôbre ela, esforçando-se por levantar-se, aflita, envergonhada, olhos embaciados ainda, despertando profunda simpatia em todos.

— Obrigada... Obrigada... Foi um mal passageiro... Já estou melhor...

Finalmente largaram-na, assegurados de que estava tudo terminado. O tempo urgia e os passageiros correram para a plataforma inferior, enquanto que a velha senhora, auxiliada, por um "policeman", dirigia-se à porta da estação, aboletando-se num táxi providencial que o policial arranjou em breves instantes.

•

Minutos depois a velha senhora arrancava a peruca, depois suas roupas, tirava os óculos, desfazia a maquilagem e emergia na figura elegante, esbelta de um moço.

— Não correu muito mal — disse êste, monologando — Amanhã estarei na estação Central. Depois irei para Manchester, Liverpool, Dublin... Em seguida para o continente. Paris deverá ser fácil, pois que os franceses são mui cavalheirescos. Vai ser de colher!

Assim dizendo esvaziou o conteúdo de oito carteiras, somando as cédulas, rindo silenciosamente.

— Nada como segurar na lapela dos que socorrem uma velha senhora acidentada — ultimou em seu monólogo. — Golpe certo, especialmente estando em cima da hora do trem partir... Quem deseja perder o horário? Ninguém...

•

Fêz um embrulho das carteiras vazias, embolsou as libras esterlinas e saiu satisfeito da vida, elegante, alegre, assobiando canção em voga, rumando para os passeios de Picadilly... (IPA).

A Semana

A mulher na polícia



OUTRO assunto que está agitando os meios legislativos e os policiais: a idéia da participação da mulher nos quadros do Departamento Federal de Segurança Pública. O autor do projeto, senador Mozart Lago, já declarou que o Presidente da República era favorável à inovação, chegando mesmo a dizer que o Sr. Getúlio Vargas está no firme propósito de incluir na mensagem que vai mandar ao Congresso a respeito da reforma do D.F.S.P. uma cláusula propondo a participação da mulher nos quadros policiais. A iniciativa do senador Mozart Lago volta a provocar discussões. O general Cyro Rezende, chefe do Departamento Federal de Segurança Pública, falando a um vespertino acêrca das controvérsias provocadas pelo projeto Mozart Lago, não teve meias palavras: é contra, sob todos os pontos de vista. Para justificar seu pensamento o general Cyro apresentou dados tirados da experiência que já colhera no seu Departamento. Das observações realizadas desde que se encontra à frente do D.F.S.P., onde, aliás, há algumas mulheres servindo no quadro de investigadores, nada colheu que documentasse ou o induzisse a votar a favor da mulher na polícia, conforme o projeto do citado senador. Consultadas várias senhoras de nosso mundo social e literário, foram favoráveis ao projeto, e acham que, se em nações civilizadas isso é velho, não há motivo para não ser adotado aqui.

Acionando o Banco do Brasil

EM 1944 foi o Banco do Brasil debitado à Prefeitura por multas, taxas e impôsto predial, tudo referente ao seu edifício sede na rua Primeiro de Março, 66. A importância dêsse débito se elevava a 120 mil cruzeiros. A Prefeitura começou a insistir nesse pagamento, mas o Banco não queria satisfazer às reclamações achando que não devia isso. No ano passado voltou a Municipalidade a exigir o pagamento daquela quantia, mas o Banco do Brasil repelia o pedido alegando as mesmas razões antigas: não pagava porque não devia. Decidiu, então, a Prefeitura entregar o caso à Justiça. Já sete anos se haviam passado, e ela intentou ação contra o nosso maior estabelecimento de crédito na Segunda Vara da Fazenda Pública. Mas não foi mais feliz. O dinheiro não saía do Banco para os cofres da Prefeitura. O processo correu todos os trâmites legais e agora o Juiz Aguiar Dias acaba de dar ganho de causa à Municipalidade, julgando subsistente a penhora feita nos bens do Banco Oficial, que também não teve ganho de causa no embargo que apresentara contra a sentença. O caso chega ao seu último estágio, quando o Tribunal Federal de Recursos terá que apreciar os embargos do Banco à ação de penhora de seus bens pela Prefeitura, que persiste na decisão de receber aquêles 120 mil cruzeiros.



Em Revista

Cremação de cadáveres

ESTÁ em ebulição o projeto de lei de nossa Câmara de Vereadores sôbre a transformação de cadáveres em cinza, ao invés de serem inumados em cemitérios. O assunto não toca, apenas, a preceitos legais. Êle invade a fundo os sentimentos pessoais dos indivíduos que formam a sociedade carioca. E' lógico que o projeto não desrespeita os sentimentos cristãos dos que não podem tolerar a inovação, uma vez que se trata de uma providência **facultativa.** Quem quiser enterrar seus mortos, que o façam; quem preferir incinerá-los e guardar-lhes as cinzas, também estão certos. Mas, o que a lei prevê é o direito de o cidadão, enquanto vivo, dispor de seu corpo após o falecimento. Se uma pessoa achar que não está bem enterrada sob os sete palmos de terra, e preferir que os seus restos mortais se convertam em cinzas e pó, nada mais justo do que respeitar-se o seu desejo. Afinal de contas, ninguém pode ter mais direito ao próprio corpo do que o respectivo "cadáver". Os debates estão sendo objeto de argumentação de vários aspectos, e um dêles é muito sério, isto é, aquêle que acha não competir ao município a legislação sôbre assunto de tal transcendência. Sòmente o Congresso Federal teria competência para isso. Mas, contra êsse pensamento se erguem os que acham o contrário, pois a secularização dos cemitérios é municipal...



A PERSONAGEM DA SEMANA



Sra. Eva Perón

POUCAS vêzes registra a história uma mulher com a personalidade e caráter da segunda espôsa do Presidente Juan Perón. Maria Eva Duarte Perón foi considerada por muitos estudiosos de política internacional, como a mulher mais poderosa do mundo. Sua vida foi breve, pois, segundo o noticiário, morreu com trinta anos e dois meses de idade, tendo-se impôsto no cenário político e trabalhista de sua pátria em meia dúzia de anos, com uma vertiginosidade fenomenal. A Sra. Eva Perón como que previa sua morte para muito breve, tal a tenacidade com que se dedicava às atividades de benefício social da Argentina, trabalhando mais de dezoito horas por dia, atendendo às necessidades de seu povo, amparando as crianças e as mulheres, implantando no país vizinho uma assistência infantil de que não há memória em qualquer parte do mundo. Mulher de combate, de entusiasmo, de ação construtiva, tornou-se em poucos anos o ídolo das classes populares. Seu espôso possuía nela verdadeiro baluarte para as realizações de seus programas. Eva Perón, que, no início de sua carreira artística nada mais era do que uma criatura de aspecto frágil, com essa debilidade feminina que infunde certa simpatia, logo que deixou o palco e as câmaras de filmagens para tornar-se a primeira dama do país, como que se transfigurou numa espécie de divindade popular, entregando-se com ardor ao plano que fôra traçado por ela e seu espôso. Eva Perón trabalhou, na verdade, como uma heroína de lenda. Nos começos de sua luta, quando ainda Perón não havia assumido a direção nacional, até agredida foi por exaltados adversários políticos de seu companheiro. Ela, porém, tinha uma missão a cumprir cuja expressão real caberá ao historiador fixar em definitivo. Colhida pela fatalidade de uma doença que ataca sete mulheres em nove, Eva Perón ainda suportou cêrca de oito meses de batalha contra o insidioso inimigo da vida humana, — o câncer, para, finalmente, ser vencida inapelàvelmente. O que foi o seu passamento dirá esta REVISTA em sua próxima edição, quando publicará reportagem completa a respeito da morte de Eva Perón, lutuoso acontecimento que compungiu argentinos e emocionou o mundo.

O "Globo" e seus 27 anos



OCORREU a 29 de Julho p. passado o 27.º aniversário do vespertino "O Globo", editado nesta capital e fundado por Irineu Marinho. A imprensa da capital federal, que, já naquele tempo contava com diários vespertinos e matutinos de grande circulação e prestígio, viu-se enriquecida com "O Globo", de feição moderna e de caráter popular e combativo. Dentro em pouco o jornal de Irineu Marinho foi-se consolidando no conceito público, e sua prosperidade não teve um só dia de vacilações, chegando atualmente a uma posição das mais lisonjeiras em nosso meio jornalístico. Em virtude dêsse constante progresso fundaram os seus dirigentes a "Emprêsa Jornalística Brasileira", da qual é presidente o Sr. Roberto Marinho, congregando o vespertino e várias outras publicações. O prestígio de "O Globo" foi conquistado pela feição altamente informativa e noticiosa, com várias secções de imediato interêsse público e reportagens atualizadas, muito ao gôsto do público. Em virtude de já não mais acomodarem suas instalações o movimento da Emprêsa, que se desdobra constantemente, os seus dirigentes estão tratando de transferir oficinas e redações para sua nova sede na rua de Santana, onde tudo será amplo, moderno, compatível com as necessidades funcionais e profissionais de "O Globo" e publicações da mesma Emprêsa. Ao seu atual presidente, apresentamos nossos parabéns.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira



Ademar Ferreira da Silva conquistou para o Brasil a primeira medalha de ouro em Jogos Olímpicos, com o seu extraordinário salto tríplice de dezesseis metros e vinte e dois centímetros.

Ademo
uma f
No "
trada
locado

M U
Ferrei
de sal
título
repres
sim
mente.
realiza
Paraen
vencer
Na
olímpi
aliás,
anos,
prova.
outro
Oliveir
ces, e
porém
prova
mente
minado
tal o
Algu
Ademo
sileiro
a prim
as cô
Flamen
saltan
tímetro
lugar,
de bro
Ade
tado
de Ol
celoso
em vi
sua v
Apre
de rec
de 16
nervos
especta
Helsinl
No
metros
delega
tentati
corde
e 12
onze
em se
sário,

O notó
cumpri
gação,
pico B
tos, e



SEGUE

Ademar quando recebia das mãos de uma finlandesa um ramo de flores. No "placard" olímpico está registrada a vitória do Brasil, com os colocados nos seis primeiros lugares.

MUITA gente terá acreditado que o sensacional feito de Ademar Ferreira da Silva, vencendo a prova de salto tríplice, tenha sido o primeiro título olímpico conquistado por um representante do Brasil. Os que assim pensam enganam-se redondamente. Em 1924, nos Jogos Olímpicos realizados na Antuérpia, Guilherme Paraense obteve o primeiro laurel vencendo uma prova de tiro ao alvo.

Na realiadde, foi o primeiro título olímpico do Brasil em atletismo, que, aliás, já chega atrasado de quatro anos, por coincidência, na mesma prova. Porque em 1948, em Londres, outro saltador nacional, Geraldo de Oliveira, devido as suas performances, era cotado como franco favorito; porém o frio reinante na ocasião da prova lhe prejudicou o pulo, justamente êle que chegou a ser cognominado "Canguru" durante os treinos, tal o estilo de seu salto.

Alguns dias antes da façanha de Ademar Ferreira da Silva, outro brasileiro teve a primazia de conquistar a primeira medalha em atletismo para as côres nacionais. Foi o atleta do Flamengo, José Teles da Conceição, saltando em altura 1 metro e 98 centímetros, classificando-se em terceiro lugar, obtendo dêste modo a medalha de bronze.

Ademar Ferreira da Silva foi cotado como favorito, tal qual Geraldo de Oliveira em Londres, e ficou receloso de fracassar em sua tentativa em virtude de fatôres estranhos à sua vontade, principalmente o frio.

Apresentou-se à prova na condição de recordista mundial, com um salto de 16 metros e 1 centímetro, e com nervos de aço enfrentou os 70 mil espectadores presentes ao Estádio de Helsinki.

No seu primeiro salto marcou 15 metros e 95 centímetros. Delírio na delegação brasileira. Na segunda tentativa superou o seu próprio recorde mundial, assinalando 16 metros e 12 centímetros, ultrapassando em onze centímetros a sua marca. Logo em seguida o seu principal adversário, o russo Cherbakov, pulava

O notável atleta paulista quando era cumprimentado pelo chefe da delegação, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Dr. Ferreira dos Santos, e pelo embaixador Jorge Latour.



ADEMAR CONQUISTA

A MEDALHA DE OURO DO ATLETISMO

CHEGOU ATRASADA QUATRO ANOS ★ QUATRO VEZES QUEBROU O SEU RECORDE MUNDIAL ★ UMA LOURA E UM RUSSO BEIJARAM O CAMPEÃO ★ CANTOU EM JAPONÊS "CANTA BRASIL" ★ ERA JOGADOR DE FUTEBOL

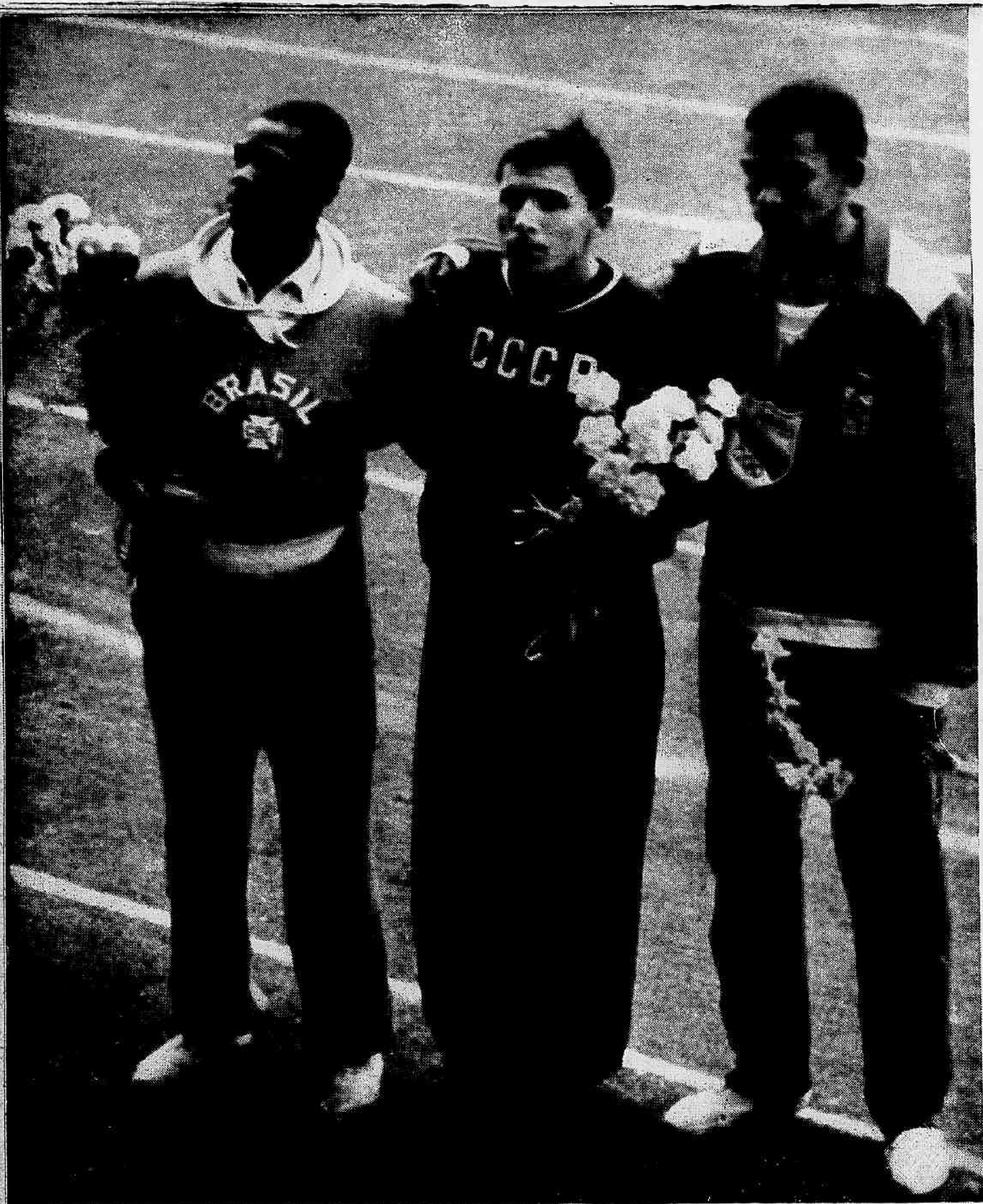
15 metros e 98 centímetros, batendo o recorde europeu. No terceiro salto Ademar realizou o seu menor pulo, 15,45 m. No quarto salto torna a quebrar o seu antigo recorde mundial, com 16,09 m. No quinto salto, o estádio em pêso com a respiração prêsa, o atleta nacional com boa velocidade realiza os três saltos, e chega ao máximo: 16 metros e 22 centímetros. O público a uma só voz grita: DA SILVA — DA SILVA — DA SILVA. Era a consagração olímpica. No último salto marca 16,05 m. Ganhara a prova e derrubara no mesmo dia quatro vêzes o seu recorde mundial. Uma façanha verdadeiramente inédita.

Depois, na plataforma olímpica, recebia de Von Franckel, presidente do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos, a sua medalha de ouro. Em seguida foi executado o hino olímpico, após o qual o estádio ouviu o Hino Brasileiro, enquanto Ademar no pedestal chorava olhando o pavilhão auriverde ser içado no mais alto mastro do Estádio de Helsinki. Uma ovação consagradora recebeu das 70 mil pessoas o atleta brasileiro quando fêz a volta pelo estádio, com a medalha numa das mãos e noutra o ramo de flores ofertado pelas finlandesas. De repente, do meio da multidão saltou uma jovem loura que correu para o atleta e beijou-o, e êste, comovido, entregou-lhe flores do seu "bouquet". Aliás, êste não foi o único beijo que Ademar recebeu. Foi beijado também por um homem, o vice-campeão da prova, o russo Cherbakov que, com a maior naturalidade, após abraçá-lo e felicitá-lo pelo grande triunfo, sapecou-lhe um beijo na bôca.

Os jornalistas e técnicos americanos procuraram conhecer, após a prova, a idade, a extensão dos braços e das pernas do primeiro recordista olímpico. A maioria acha que o seu maior "talento" técnico está na terceira passada quando emenda o pulo decisivo, com a meia tesoura executada no ar.

Ademar Ferreira deu muitas entrevistas a jornalistas americanos, franceses, inglêses, suecos e japonêses, algumas gravadas. A mais curiosa foi a que os radialistas japonêses gravaram para enviar às estações de Tóquio, durante a qual o recordista olímpico cantou em japonês a canção "Canta Brasil".

(Cont. na pág. 51)



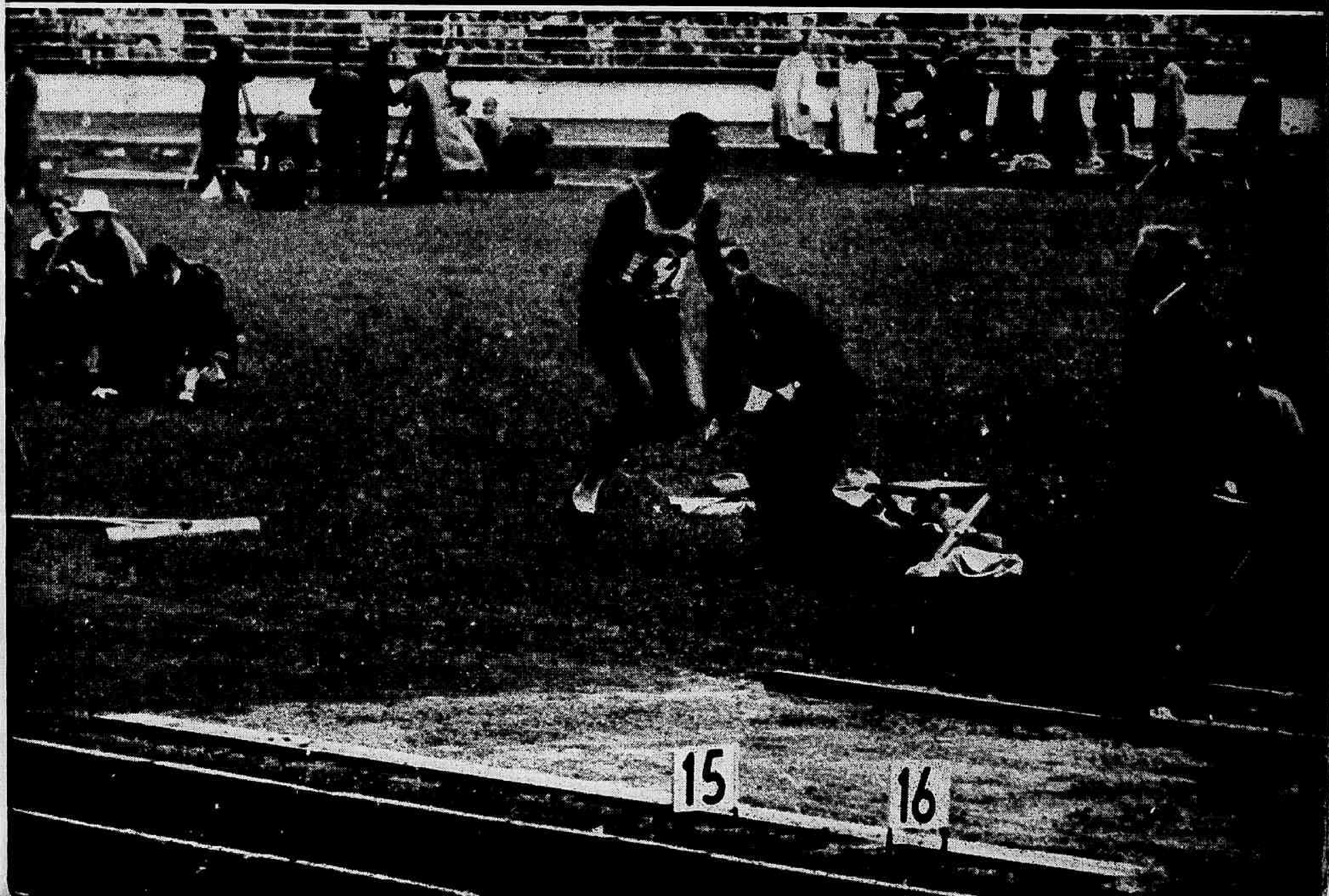
O esporte confraterniza povos. Eis abraçados, após a prova de salto tríplice, o brasileiro Ademar da Silva, o russo Scherbakoy (2.° colocado) e o venezuelano Devonish (terceiro).



"O Globo" fêz a entrega de um "corbeille" de flores, **por intermédio do seu redator-esportivo, Ricardo Serran, aos pais e à noiva do valoroso atleta antes do jôgo Fluminense x Áustria.**



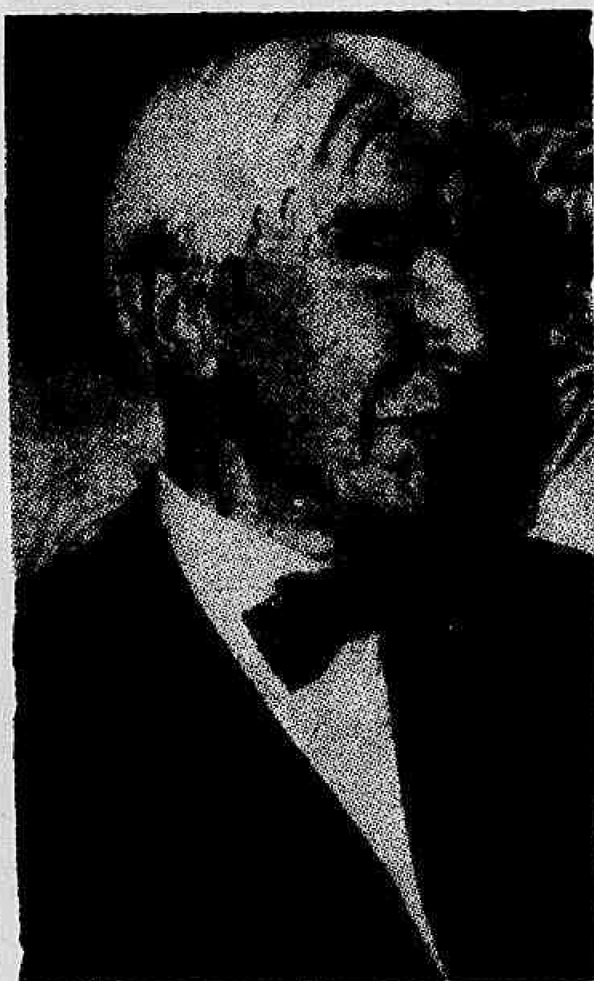
DOIS FLAGRANTES ESPETACULARES DO SENSACIONAL SALTO TRIPLICE DE ADEMAR FERREIRA DA SILVA AO ALTO: QUANDO COMPLETAVA O SEGUNDO SALTO, E EM BAIXO, ARRANCADA PARA O "RECORD".



SEMANA LITERÁRIA

UM AUTOR

CARL SANDBURG



CARL SANDBURG, distingüido com o Prêmio Pulitzer, e recentemente laureado com a medalha de ouro da Academia de Artes e Letras é uma das grandes figuras das letras americanas. Famoso como poeta, mais como rapsodo de sua terra e de seu povo, êle granjeou renome universal pela sua biografia de Lincoln, principalmente por sua devoção à memória do grande homem.

Considerado até há poucos anos um poeta excêntrico que escrevia versos como canções que êle mesmo cantava acompanhando-se à guitarra, vivendo uma vida simples e quase primitiva de hábitos, Sandburg granjeou, nos últimos dez anos uma projeção igual à que tiveram no passado outros grandes americanos como Whitman e Mark Twain, por exemplo. Agora, sua obra poderosa e expressiva, ao mesmo tempo de seu gênio e da vida americana, lhe valeu essa medalha de ouro, coroando sua obra de história e de biografia, concedida em maio último ao poeta de seu povo, ao historiador de sua pátria, da verdade de sua pátria.

FORA DO PRELO

● **A COMÉDIA HUMANA**

Pela primeira vez em sua história, a cultura brasileira é enriquecida com um empreendimento editorial que muitos talvez considerassem inexequível em nosso país. Referimo-nos à publicação, pela Editôra Globo, da "Comédia Humana", de Balzac, em 17 volumes in-8.º, num total de 12.000 páginas, contendo: 88 romances, contos e uma introdução de Balzac, traduzidos novamente ou pela primeira vez por uma equipe de 20 excelentes tradutores. Esta edição completa da obra monumental de Balzac inclui ainda uma biografia do romancista, 26 ensaios críticos, 89 pequenos estudos introdutivos, mais de 200 ilustrações e 10.000 notas explicativas.

Prosseguindo no lançamento dos diversos tomos da "Comédia Humana", a Editôra Globo apresenta agora o sétimo volume, que inclui o famoso estudo de Émile Faguet, intitulado "Balzac", e o grande romance "Ilusões Perdidas", uma das obras mais profundas e absorventes do criador do romance moderno.

● **UMA AVENTURA NO TEMPO DE NASSAU**

Em sua apreciada Coleção Universo, a Editôra Globo acaba de publicar mais um livro de Antônio Acauã: "Uma Aventura no Tempo de Nassau". Situa-se a presente novela em 1640, na cosmopolita Cidade Maurícia, como era então oficialmente chamada a sede do govêrno holandês no Brasil. Consolidavam os invasores o seu novo império. A resistência amortecia, a ponto de parecer às vêzes que se aproximava a capitulação final. Entretanto, o orgulhoso Nassau demonstrava insatisfação: por detrás das aparências, a conquista não dava nem mais um passo à frente.

Entremeando esta novela com fatos estritamente históricos, mostra o autor, que já nos deu "Capitão de Emboscadas", as misteriosas causas dêsse emperramento. Não apresenta êle aqui os lances épicos da luta em campo aberto nem a quase rotina das emboscadas e guerrilhas, mas a guerra surda da intriga, da espionagem, a guerra de bastidores, do desgaste psicológico e político.

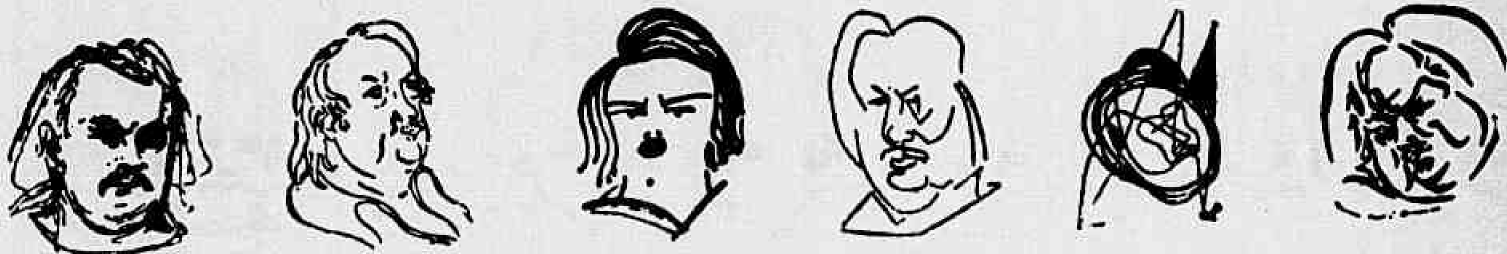
Através destas páginas, o leitor ficará capacitado, em suma, a fazer uma idéia das humilhações, lutas e esperanças daquela gente que, durante anos de jugo batavo, soube manter-se vigilante na defesa da sua terra e da sua liberdade.

● **GERAÇÃO IMOLADA**

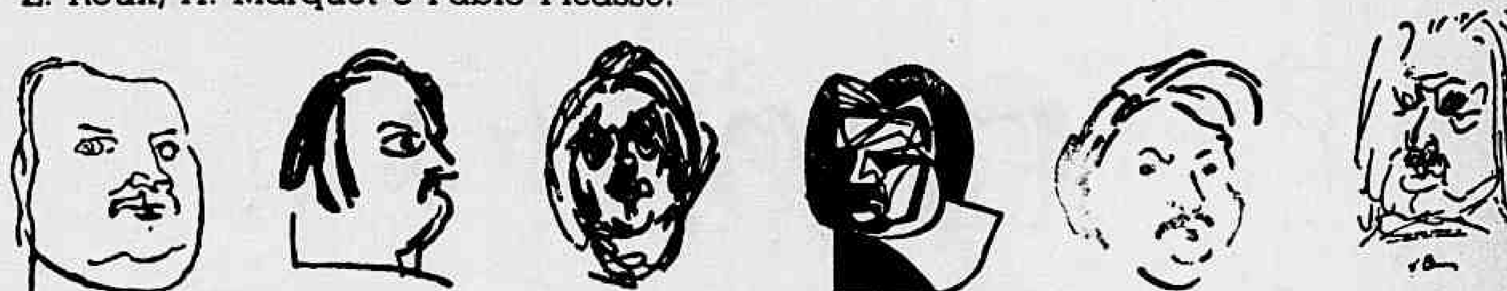
Êste livro, que assinala a estréia literária de Tiel Garcia nas letras nacionais, é um romance destinado a suscitar interêsse do público e da crítica. Dominando com segurança as dificuldades de um gênero, ao mesmo tempo complexo e sedutor, conseguiu a autora criar um enrêdo de estrutura sólida, onde os personagens e os conflitos íntimos encontram um espírito observador, sempre pronto a tirar às situações material de rica sugestão humana e artística. História de fundo moral, girando em tôrno de duas almas entregues ao drama de desajustes e frustrações psicológicas da sociedade moderna, Tiel Garcia a desdobra em traços firmes num território de dor e incertezas de sofrimento, não apenas físico, de desespêro e solidão. Tudo isso dentro de um ritmo moderado e sóbrio. Sobriedade que, aliás, confere uma das qualidades ao romance, onde não existe o jôgo de situações engendradas para tiradas de efeito que o tema sugestiona, emprestando à narrativa êsse toque de falso realismo que denuncia o exercício literário da maioria dos que se iniciam na arte de narrar. A Editôra A Noite, ao lançar "Geração Imolada", revela ao público uma escritora de inegáveis atualidades e que traz ao gênero uma contribuição apreciável.

● **A MULHER, ESSA DESCONHECIDA**

Quem conhece a mulher? Todos se julgam no dever de qualificá-las, classificá-las, etiquetá-las. Fazem isso filósofos, poetas, escritores de tôda a pinta, artistas, naturalistas, cientistas, sacerdotes e também o homem comum, aquêle que não tem qualquer título — escreveu, sôbre êste livro Moacir Andrade. Apesar de tantos milhões de opiniões sôbre ela a mulher continua a ser enigma. O sr. H. P. de Castro Lôbo teve a lembrança feliz de reunir em livro o maior número possível de opiniões a respeito dela, para reuni-las sob o título "A mulher, essa desconhecida". E' o julgamento da mulher através da opinião dos maiores homens de todos os séculos. Dêsse mundo de sentenças, aforismos e julgamentos, que se conhecem sôbre a mulher, o autor realizou um trabalho metódico de ordenação, separando as milhares de opiniões coligadas de acôrdo com as manifestações femininas a que se referem. Assim, seu trabalho já interessantíssimo pelo que contém, ganha ainda pela facilidade que oferece à consulta. Assim quem quiser saber o que já se tem dito sôbre a mulher no que toca à abnegação, à afeição, à amizade, à esperança, à fidelidade, etc., encontrará, sem demora, o que procura. Do mosmeo modo, as críticas à mulher estão catalogadas em ordem alfabética.



BALZAC tem suas obras completas agora editadas pela Livraria do Globo, de Pôrto Alegre, sendo assim, graças a êsse empreendimento, sobremaneira meritório, um autor com o qual estão perfeitamente em dia os leitores brasileiros. A propósito, damos aqui esta reunião de retratos do gênio da Comédia Humana, executados para as Edições Skira, de Gênova, que reproduzimos do "Graphis", de Zurich. Estão elas assinadas, pela ordem, por Balthus, Elie Lescaux, André Derain, André Beaudin, E. de Kermadec, André Masson, C. Rey-Millet, Tal Coat, Alberto Giacometti, G. L. Roux, A. Marquet e Pablo Picasso.



NA POEIRA DOS ARQUIVOS...

● Duma lucidez impressionante o estudo preliminar de Anísio Teixeira à tradução, que efetivou, da obra de Jonh Dewey «Vida e educação», 3ª tiragem da Melhoramentos, 1952.

● Paulo Coelho Neto escreveu, em 1942, a biografia «Coelho Neto», na qual todos sentem a vida mesma do genial romancista. Em 1943, «Vidas inquietas, contos, e a novela «A Mariposa», a que sucedeu, em 1945, «Páginas escolhidas de Coelho Neto, com excelente prefácio e úteis anotações. Impressionante o seu estudo médico-social «Perversão sexual e câncer», já em sexta edição. E agora «História do Fluminense», em cujas páginas cintilam as mesmas qualidades de análise, probidade e fluência de estilo.

● Trabalho ainda em elaboração, «Convulsões na infância», do pediatra e intelectual José Martinho da Rocha, estuda o assunto com aquela agudeza de ciência e arte em que é mestre. Nas Generalidades, acentua o ilustre catedrático: «O histórico das convulsões na criança é pobre de ensinamentos até o início do século XIX».

● «A representação sintética da idéia, pelo desenho, é o que se deverá chamar croqui. Fixar o instantâneo da forma, por linhas essenciais e característica - aparece na iniciação da linguagem plástica. Não há, em português, palavra que bem traduza o termo francês **croquis**, que a grafia oficializada manda escrever sem o s final — **croqui**. O vocábulo **esquédio** que foi aventado não parece ter tido sorte de divulgação». («Teoria e prática do croqui», soberbo estudo de Flexa Ribeiro nos «Anais da Universidade do Brasil», ano I, nº 1, dezembro, 1950, pág. 55).

● Bons autores, maus revisores... Demonstra-o Basílio de Magalhães, pg. 148 da «História da América», 2ª série ginasial, Livraria Francisco Alves, Rio, 1952: «... FORAM simultâneamente juradas pela Bolívia e pelo Peru A CONSTITUIÇÃO elaborada pelo Libertador...»

● Após louvar os búfalos, declaram os autores, pg. 39: «Entre as zebras, como não se pratica a mesma regra de seleção dos fortes e todos os machos intervém na propagação da espécie, o número de animais enfermos e raquíticos é muito maior». («Da vida e da morte dos bichos», Teodósio Cabral, Henrique Galvão, Abel Pratas; Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 2ª, IV volume).

UM LIVRO

"INVENÇÃO DE ORFEU"

SERÁ PRECISO esperar — avisa João Gaspar Simões, no seu prefácio a êste livro — que os anos passem e que sucessivas gerações de críticos se debrucem sôbre a fábrica imensa dêste imenso poema para, finalmente, se obter uma rigorosa exegese do mistério que o envolve. Murilo Mendes falara antes em equipes de críticos que, sucessivamente e através dos tempos, cheguem, a respeito do poema de Jorge de Lima a conclusões completamente diferentes. Estamos assinalando isso para, desde logo, mostrar ao leitor desta nota semanal que "Invenção de Orfeu" não é por aí qualquer livro de versos. Trata-se de uma grande obra de alta poesia, talvez a obra-prima da poesia brasileira, embora possa ser cêdo ainda para dizê-lo. Obscuridde. Transcendência. Complexidade. Palavras que ocorrem a respeito de "Invenção de Orfeu", ocorrem justamente. Nunca antes, entre nós, foi tão fundo um poeta no mistério, na encantação da poesia. Daí a justeza do título do imenso poema, "desta fábrica imensa", como fala Gaspar Simões.

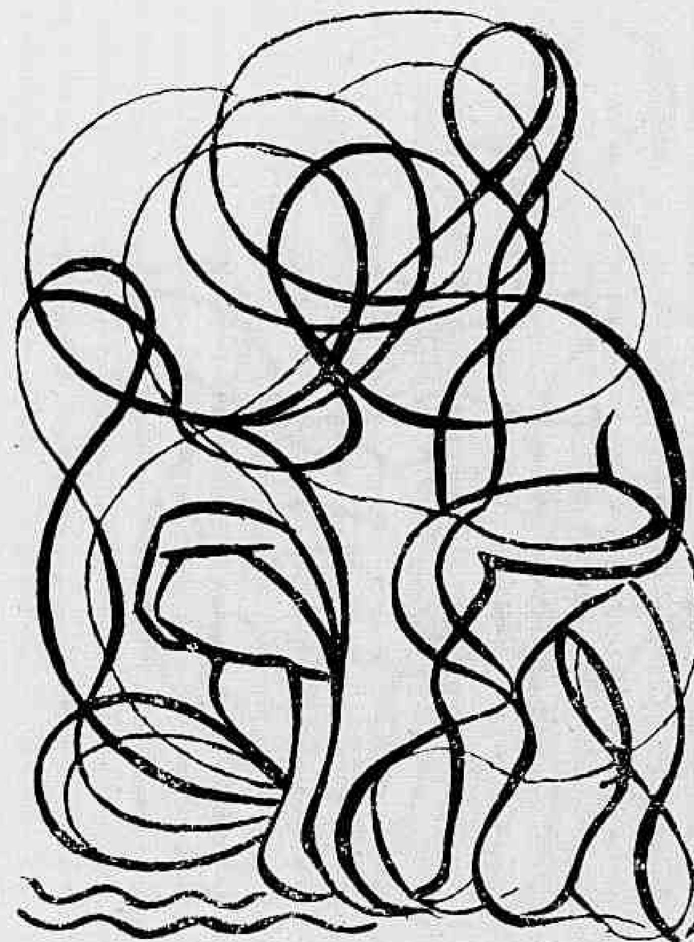
Explicar o poema? Até hoje as altas obras da grande poesia não se explicaram completamente, nem jamais há explicação, há sempre um novo mistério para além do mistério esclarecido, sempre um outro véu, sob o véu que se levanta ou se presume levantar. Dante, Gongora, Milton, "Chants de Maldoror" — aí estão desafiando os exegetas. Mas, para que os exegetas? Para que os críticos, interpretando, desinterpretando a poesia? O próprio da poesia é o mistério, a encantação. A poesia resiste ao laboratório, por sua essência divina, por sua transcendência. Deixemo-la na sua atmosfera própria, no seu mundo sobrenatural, no seu "super-solo", para empregar um têrmo dêste orfismo, mesmo. João Gaspar Simões comete um equívoco natural de crítico, quando espera que os poetas se entreguem ao mistério contando com o crítico que venha explicar e lhes venha explicar a sua obra. O poeta não conta mais do que com a poesia e não pede, nem espera explicações, pois o fenômeno poético está nêle, vive com êle, um e outro se interpenetram, se completam. E' como se nos arrancassem um braço e nos explicasse o anatomista os músculos seccionados, as artérias interessadas, os ossos desarticulados — que explicaria tudo, menos a dor, as dores que nos causou o braço arrancado, que essas não têm qualquer explicação possível: são, apenas, sentem-se, mais nada.

E' claro que "Invenção de Orfeu" cai no panorama literário brasileiro como se caísse, por exemplo a lua. Para melhor estabelecermos o acontecimento que representa, como se dissessemos: escreveu-se aqui, um outro poema como "Os Lusíadas", um poema medularmente e transcendentalmente brasileiro, sem verde-amarelismo, sem pitoresco, sem anedota, escreveu-o um poeta brasileiro de nosso tempo, vivo e forte, em plena Cinelândia, e nos dando, nesta obra de maturidade, a flama e a fôrça da adolescência, a ingenuidade e o gôsto da mocidade, da juventude ardente e rica de invenções, de descobertas, de revelações, de onirismo. Como "Os Lusíadas". Épico? O que quiserem, se querem um rótulo, mas de uma riqueza, de uma abundância poética que ultrapassa tudo o que poderíamos esperar, mesmo de um poeta como Jorge de Lima, e de tôda uma poesia.

"Invenção de Orfeu" é o marco de uma idade de nossa poesia. Tantas são suas pertinências, suas descobertas e suas invenções que poderemos, desde agora, falar na poesia brasileira antes e depois dêste poema monumental. Êle abre, realmente, um novo mundo aos nossos olhos. E, na paisagem do "possível super-solo", começa a nova era da poesia brasileira.

Edmundo Lys

NOTÍCIAS DE SÃO LUÍS



MENINOS — Desenho de Antônio Almeida (S. Luís)

★ O suplemento literário d'«O Imparcial» vem de publicar uma série de entrevistas, com escritores de maior relêvo da nova geração brasileira: dentre essas entrevistas, destacam-se as concedidas por Saldanha Coelho, Renard Q. Perez, Oswaldino Marques e Almeida Fischer.

★ Foram convidados para ir a Terezina, à época das comemorações do seu centenário, em agôsto, os intelectuais Antônio Luís de Oliveira e Lago Burnett, os quais deverão pronunciar conferências. Essa viagem se fará, sob o patrocínio da União Piauiense de Estudantes.

★ O folclorista Domingos Vieira Filho, que já deu por encerrado o seu dicionário de termos regionais da gíria maranhense, solicitou, em ofício, ao Govêrno Estadual, apoio financeiro para a publicação de sua obra, sem dúvida, muito importante.

★ Estêve, mais uma vez, nesta capital, a poetiza Soleneh de Medeiros, realizando, como sempre, os seus festivais, patrocinados pela Academia local.

★ Anísio Medeiros, gravador piauiense, residente no Rio, estêve, por dois dias em São Luís, tendo entrado em contacto com os novos da ilha.

★ Ainda êste mês, deverá ser inaugurada a exposição de arte fotográfica de Dreyfus Azoubel que já reuniu grande número de fotos interessantíssimas, trabalhadas com grande habilidade técnica.

★ O mês de agôsto assinala o primeiro aniversário de morte de dois poetas maranhenses: Corrêa da Silva, um dos primeiros a tentar o movimento modernista nestas plagas, e Corrêa de Araújo, poeta de grande inspiração, embora afeito às rígidas normas do parnasianismo. A Academia Maranhense de Letras, associação a que ambos pertenciam, prepara-se para prestar-lhes as suas homenagens póstumas.

★ A data de aniversário de nascimento da atriz Apolônia Pinto, foi condignamente comemorada, nesta capital. Amadores e intelectuais fizeram romaria ao local, onde está o seu busto, levando flores e tecendo palavras de louvor à sua arte. Pela nova geração, falou o jovem José Sarney Costa.

★ O jovem poeta Luís Carlos Belo Parga, que passou vários meses no Rio, seguiu, há pouco, para Camocim, no Ceará, nomeado que foi para o Banco do Brasil.



Olhem as figuras, as expressões dos rostos, a indumentária; o naco de carne no espêto de churrasco, o cachorro espiando e a menina também.



Esta foto não foi tomada no México, nem nas Antilhas. São índios Kaingang, do R. G. do Sul, em trajes civilizados. Ordeiros e capazes como o melhor imigrante.

GAÚCHOS DE 500 ANOS

A LUTA PELA TERRA ★ OS KAINGANG E SUA HISTÓRIA ★ O TIPO E SEUS HABITOS ★ FEIÇÕES ASIÁTICAS OU POLINÉSIAS? ★ ÍNDIOS QUE NÃO ANDAM NUS

Reportagem de NILO VELOZO

SÃO Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul foram, outrora, habitados pela grande tribo KAINGANG. Ferozes e temidos, êstes índios ofereceram ao invasor de suas terras tremenda resistência, só cedendo mesmo pelo quase extermínio. De suas tabas foram arrancados os seus filhos menores e mulheres que muitas vêzes morriam antes de serem feitas escravas. As amplidões dos Campos do Sul os tornaram imunes ao regime escravo da época. Quando o círculo da civilização européia, que se implantava nas terras livres do Brasil, mais e mais os foi apertando, mais e mais a luta recrudesceu. Processos torpes foram usados para o extermínio da valorosa raça que habitava essas terras, inclusive a disseminação da Varíola, pelo abandono de roupas e objetos infectados do terrível vírus, para que os pobres nativos ao usá-los contraíssem esta terrível enfermidade. Nada porém, os fêz aceitar a escravidão. A sua vida nômade, a fartura advinda da caça e da pesca, a segurança de que a **Pinha**, fruta colhida dos seus Pinheirais infinitos e que constitui ótimo alimento, não lhes faltaria, os conservou imunes a esta mancha vergonhosa, pior que a Peste — ser escravo.

Há 450 anos a pugna se desenrola; sim, há 450 anos, pois ainda hoje nós encontramos os Kaingang lutando e morrendo em defesa de suas terras.

O índio Kaingang tem a altura normal, e é de côr morena, cabelos pretos e corridos, olhos rasgados dos orientais.

Tecem com o algodão nativo um pano, a que dão o nome de "Curu". Êste pano é tecido sem auxílio de nenhum tear ou outro apetrecho qualquer, é um trabalho de paciência, em que só as mãos entram em ação; trabalho feminino, e de grande valor entre a tribo, pois êste pano é usado em todos os rituais e danças sagradas. O "curu" serve depois como mortalha quando do sepultamento do índio Kaingang.

Fazem êles, pela infusão do milho, uma bebida que usam em determinada dança a qual hoje dão o nome de "Fandango", não sendo êste no entanto o nome indígena. Usam o arco e a flecha com acompanhamento do Maracá, instrumento feito do fruto coité. Enquanto os índios cantam, os arcos batem compassadamente ao solo, um côro feminino acompanha a estranha melodia em que os feitos guerreiros dos antepassados são contados pelos mais velhos. Ao centro do terreiro um índio vai servindo em pequena cuia a **bebida** que, apesar de seu fabrico primitivo, fornece o álcool suficiente para aumentar o entusiasmo nos figurantes. Êste canto e esta dança, repete-se indefinidamente. Ainda hoje os Kaingang conservam esta festa cuja tradição perde-se nos milhares de anos do passado, e, que, mesmo os atuais índios, só sabem explicar, que foram seus avós quem lhes ensinaram.

GAUCHOS DE 500 ANOS

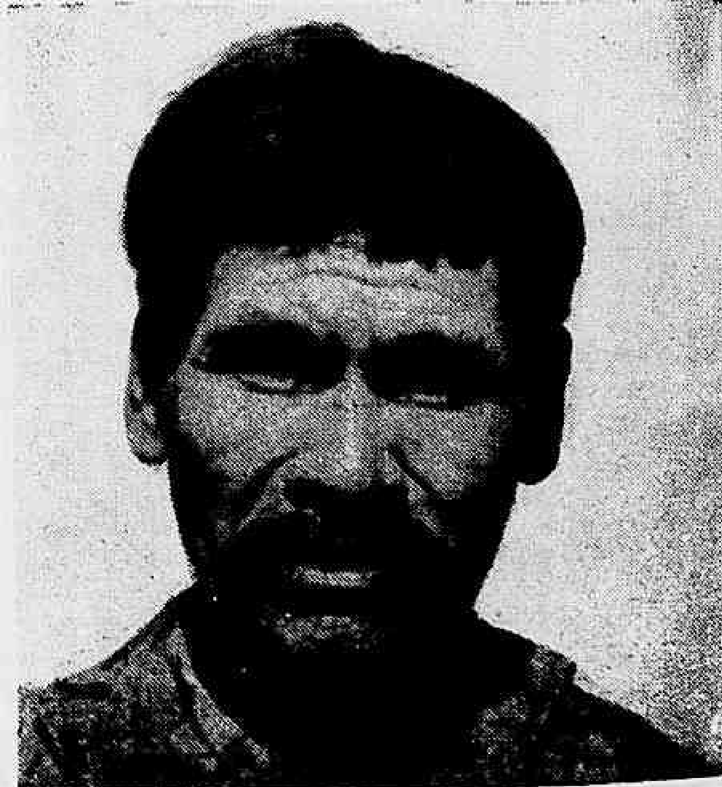




Tipo de beleza indígena: — uma gaúcha índia colhendo trigo. Sente-se uma expressão de ingenuidade que porém não nega decisão e fôrça, qualidades que herdou de seus valentes antepassados.



Êste neto do cacique Condor apresenta o local, na barriga, atravessado por bala, nas lutas referidas no texto por conquista da terra que era sua. E' a marca que lhe deixou a Civilização!...



Há tristeza na expressão dêste homem. Tristeza e bondade. Dir-se-ia que não se conforma com as "barbaridades" da civilização. A fusão das duas raças custou muita dificuldade, mas se fêz.



O "caracol" é a dança religiosa que os Kaingang preferem. A maioria tem os pés descalços, mas com um pouco de atenção o leitor poderá encontrar um chinelo e, até mesmo, um sapato grã-fino.

Os Kaingang atuais deixam continuamente as espôsas, e travam uma luta imensa pela extinção da tribo, evitando a natalidade. Não é raro uma índia com três e quatro meses de gestação, sair para o mato com o companheiro e voltar **desembaraçada**, sendo um mistério o meio utilizado para tal fim. Perguntei ao Cacique **Kancrá** em S. Paulo:

— Por que fazem isto, as índias? — E a resposta foi clara e compreensiva!

— Tudo isto era nosso (e me apontou para os morros e para os vales que tínhamos em frente) depois chegou o trem de ferro (E. F. Este Brasileiro) nós lutamos muito, pegamos a flecha e recebemos **bala**.

— Agora o que nos resta? Nada! "Nós éramos muitos, uma porção, e agora não temos mais ninguém. Kaingang não precisa mais viver".

E, de fato, a tribo está reduzida; principalmente em São Paulo, pode-se dizer que está liquidada.

No Paraná vamos encontrar a figura do Cacique Vitório Condar (Vitório, nome adotado como civilizado) que tomou parte na guerra com o Paraguai. Vitório Condar recebeu como prêmio, pela sua contribuição nos campos de batalha e pelos trabalhos que de volta da Guerra prestou, pacificando inúmeras tribos no Rio Grande do Sul, as terras que começavam no Rio Xapecó Grande, até a Barra, que foram reservadas para sua tribo.

Depois os índios ajudaram o Govêrno a abrir, em suas próprias terras, o picadão da linha telegráfica até Garapuava. Em 1902, com a morte do Cap. Condar, assumiu a chefia da tribo o Cacique Vaincrê, que fêz novo acôrdo com o Govêrno, desta vez com o Sr. Xavier da Silva, e as terras do velho Contestado, em cujas lutas os Kaingang também deram seu sangue, foram confirmadas, com pequena alteração, na posse de seus legítimos donos.

Outra "invenção" dos civilizados de que êles gostam muito: — o cavalo. Quer seja um "matungo" como êste, quer seja um corcel fogoso. Os índios são hábeis cavaleiros e também mui destemidos.





Antes de Pedro Álvares Cabral os nossos índios não conheciam carne de boi. Mas foi difícil a aprendizagem. Êles gostam, um pedaço de carne. E assim foram-se incorporando à civilização.

istezo
com
das
fêz.

GAÚCHOS DE 500 ANOS



Vejam como estas garôtas dançam o "caracol". A dança não é das mais alegres; porém elas bem que podiam dar um sorriso. Até parecem que cumprem uma obrigação desagradável, ou um ritual. A fisionomia indígena é bem peculiar, revelando traços característicos da primitiva raça do pele-vermelha.



Esta índia dos pampas sul-riograndenses é uma legítima representante de uma raça que vai pouco a pouco desaparecendo; ei-la trabalhando a palha.

Mas... estaria terminada a grande luta de 450 anos, dos nossos índios com os civilizados?

Não! em 1922 apareceu o verdadeiro **dono das terras**, Alberto Bertier de Almeida, sim meus senhores, êste foi o último **dono das terras de nossos índios!!**

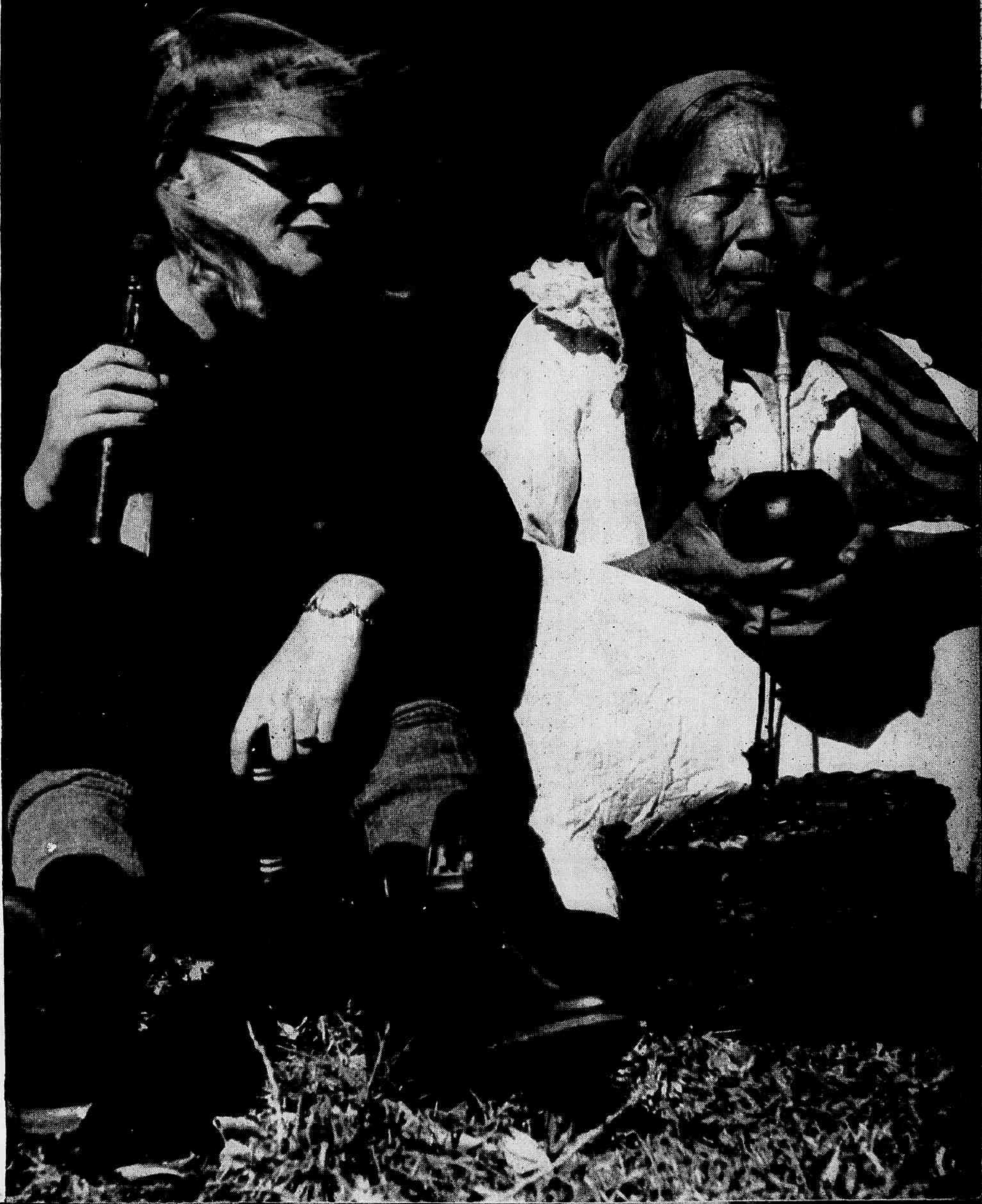
Recorreu à Justiça, invadiu as terras, e recuou... Mas o índio **José Rosa Kaingrê** foi morto por Manoel Narcizo, que se dizia herdeiro da **fazenda de Bertier**, ou seja, as terras dos índios. Outro índio, Albino Fongrê, também baqueou pelas balas de Manoel Narciso, e os velhos da tribo ao me relatarem êstes tristes acontecimentos tinham os olhos cheios de lágrimas.

Vara Fagualê, Inácio Kakanica e tantos outros tombaram na luta que se desenrolou de 1922 para cá. Mas felizmente os juízes do Brasil deram ganho de causa ao **Índio**. Só não restituiram os que tombaram em defesa de seus direitos... Os crimes praticados contra os índios ficam sempre impunes. Só as atrocidades indígenas são trombeteadas.

As lutas que se desenrolam em tôrno dos índios têm as seguintes origens: Castanha, Borracha, no Norte, e Pinheiro no Sul. Vamos olhar o índio como elemento na agricultura moderna e veremos o Kaingang na triticultura. Orientado e assistido pelo Serviço de Proteção aos Índios, os Kaingang produziram em 1951, nos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul, 500.000 quilos de trigo. Plantaram e colheram seu trigo, contribuindo para que a triticultura brasileira se desenvolva e ocupe o lugar que todos nós desejamos, abastecendo o nosso próprio mercado.

Quase na fronteira com a Argentina no Pôsto Indígena de Guarita vivem 1.200 Kaingang. E é um prazer ver êstes índios integrados na civilização, tendo adquirido hábitos **gaúchos**, como sejam o uso do chimarrão e o tradicional churrasco.

(Cont. na pág. 42)



Duas raças, dois continentes, duas civilizações que brigaram tanto e agora se entendem. Entendem-se ou apenas se misturaram? De tão misturadas acabarão se fundindo...

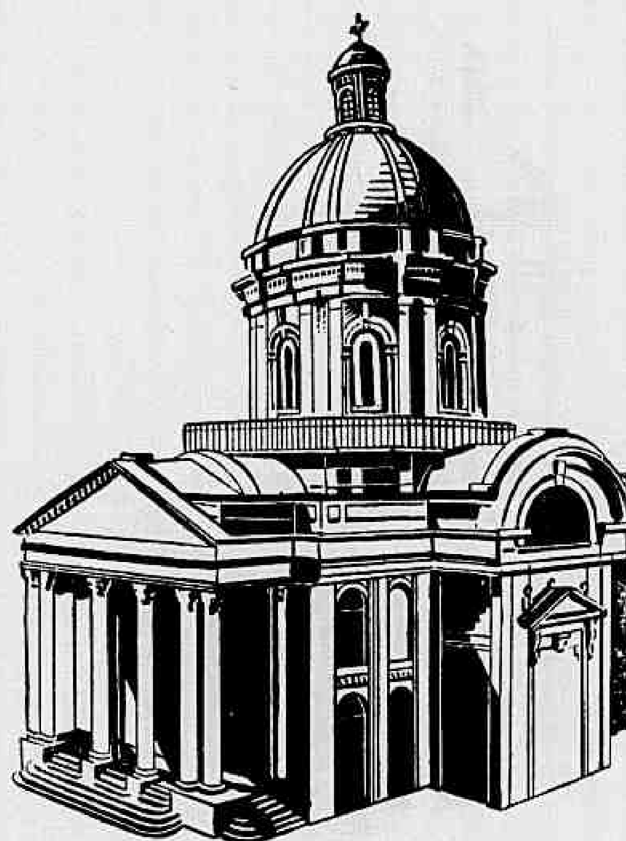


NOTÁVEL CONTRIBUIÇÃO

AO INTERCÂMBIO

BRASILEIRO-PARAGUÁIO!

A NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS, uma das principais emprêsas brasileiras de aviação comercial, orgulha-se em cooperar para o desenvolvimento das relações entre as duas nações amigas, mantendo linhas regulares para



(Oratório de la Virgen de Asunción y Panteón de los Héroes)

ASSUNÇÃO

A NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS, plantando mais este marco no caminho do progresso, cumpre o seu programa de fazer do transporte aéreo o mais forte élo de cordialidade entre os povos.

ESCALAS IDA-VOLTA:

Rio de Janeiro
Campinas
Barretos
Três Lagôas
Campo Grande
Dourados
Ponta-Porã
Assunção

VIAJANDO, PREFIRA O AVIÃO...
VOANDO, PREFIRA A

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

AGÊNCIA DE PASSAGEM: RUA SANTA LUZIA, 685-B - TEL. 32-7399
AGÊNCIA DE CARGA: AVENIDA BEIRA MAR, 514 - TEL. 32-9455 e 42-9850

HISTÓRIA SEM FIM

E a voz cálida chegou-lhe aos ouvidos através da confusão dos seus pensamentos.

Estava sòzinha como sempre, atirada negligentemente na poltrona, as pernas pendendo de um dos braços da mesma. Os pensamentos sombrios de sempre. Contraditórios, perturbadores à fôrça de serem incoerentes. Desejava afastá-los, por uma certa ordem no tumulto interior, mas desanimava, impotente. Não podia vencê-los, nem sequer coordená-los.

Tinha mêdo. Para qualquer lado que se voltasse, sentia-se perdida. Nenhuma porta se abria. Sim, se pudesse livrar-se dessa terrível incerteza, decidir alguma coisa...

Mas como? E depois?... Se acontecesse algo pior?...

Sofria. Sacudiu a cabeça para libertar-se dessas idéias angustiosas. Procurou fixar-se nos rumores externos para afastar o dilema íntimo.

Automóveis deslizando na rua alagada faziam o ruído característico do pneu «amassando água», uma espécie de chiado. A chuva produzia também um som abafado, como uma música de fundo, cortina sonora envolvendo tudo, parecendo cerrar as casas e as pessoas em mundos distintos, fechando mais cada coisa em si, limitando mais e mais as criaturas, isolando ainda mais as almas...

As gôtas acumuladas na calha caíam com estrépito no cimento ao lado das banquetas. Aplicou-se a ouví-las. Êsse som preciso, constante, não lhe sugeria nada, felizmente. Como gostaria de não pensar, trancar seus pensamentos... Lembrou-se do dia em que, ávida de compreensão, comunicava ao marido o desejo insensato: quisera poder manejá-los com uma espécie de válvula que pudesse abrir e fechar à sua vontade. Recordava o seu riso de escárnio e a sua irritação, pois êle bem sabia por que ela desejava detê-los.

E a voz macia e quente chegou aos seus ouvidos. Sim, era verdade... Tinha esquecido que o rádio estava ligado há várias horas. Mas não foi a música que a despertou — essa era como um prolongamento de si mesma. Lembrou-se de outra voz cantando para ela a mesma canção.

Fôra num outro dia igual àquele. Saíra tentando fugir de si mesma. Ao chegar à cidade, olhando para os rostos indiferentes que passavam ao seu lado, sem ter para onde ir, ansiou de novo pela solidão da sua casa e ali ficou à espera de um carro. O rosto impassível, mas o desespêro roendo-lhe a alma. Revivia todo o atroz tormento dos últimos meses vividos. As cenas dolorosas. A dor cruciante de ver o ente idolatrado — aquêle que era tudo para ela, o seu deus — afastar-se de si. O desprêzo nos doirados olhos há bem pouco tempo iluminados de ternura; as palavras cruéis e ferinas proferidas pelos lábios finos e sinuosos que a haviam beijado com tanto ardor. Não, não podia crer, conformar-se com o horror de sabê-lo completamente entregue a outra mulher. E uma dor desgarradora pungiu-lhe ardentemente o coração como se mão impiedosa o estivesse esmagando. Dor tão profunda, pungente e real, que um gemido entreabriu-lhe os lábios...

Voltou a si ao ouvir o próprio lamento e olhou assustada à volta, temendo que alguém a tivesse ouvido, quando encontrou os olhos dêle, curiosos, surpresos...

Baixou os seus envergonhada; encolheu-se com o desejo de desfazer-se, sumir, antes de se sentir assim entregue à compaixão alheia. Mas êle, embora não tivesse percebido o doloroso gemido, havia notado o súbito desfalecimento. Continuou onde estava, a mão longa e bem feita no ombro do amigo, o corpo esbelto destacando-se nas roupas elegantes e bem talhadas. Os olhos azuis de expressão meiga e terna, os cabelos loiros pouco abundantes, ligeiramente ondulados, davam à sua cabeça fina um traço de delicadeza; as sobrancelhas mais escuras, nitidamente desenhadas, soerguiam-se levemente numa inconsciente interrogação.

Porque, porque havia de encontrá-lo sempre no seu caminho nos seus momentos de crise?

Recordou-se do jantar de confraternização realizado num ano antes no Cassino, onde o conhecera e que reunia anualmente os vários membros da classe em que seu marido colara grau.

(Cont. na pág. 50)

Conto de ANAMARIA P. FERREIRA

Ilustração de RENATO DE SOUZA



UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille ficara órfã ainda muito criança e fôra criada por Manoue, sua tia. Na fazendola de Manoue vivia também Malique, um rapagão adotado por Manoue. Bertille, apesar da pouca idade, vivia cheia de sonhos. Fêz a primeira comunhão aos nove anos, e quase não pôde aprender as orações com o pensamento num príncipe encantado que a beijara, quando adormecera no bosque. Ela sentia que algo estava a despertar em sua alma. Quando Miquelotte, uma sua amiga, lhe disse que estava noiva, Bertille teve muita inveja. Quando ela completou dezesseis anos, começaram a aparecer pretendentes; mas a mocinha, ainda muito ingênua e inocente, só pensava em seu príncipe... Malique, porém, a amava em silêncio. Antes de Miquelotte deixar a fazenda vizinha da propriedade de Manoue, convidou Bertille para uma viagem a Cahors, onde iriam à feira e veriam as belezas da cidade. Era a primeira vez que Bertille, que jamais saíra da fazenda, ia ver uma cidade grande.

Eu gostava de vê-la. E me ia dizendo: — Olhe aquilo ali, veja isto aqui... espia acolá... Veja que bonito chapéu o daquela mulher! Ah! Bertille, que desfaleço de prazer! — Eu também estava admirando as coisas inéditas para mim, porém com uma certa desconfiança do tabaréu que acha um pouco maçante e estranho tudo o que não é a terra e a natureza. Por mais bela que fôsse a cidade com os seus ruídos, seu movimento, sua multidão, parecia-me não poder proporcionar-nos a ternura e a felicidade dos campos.

De súbito eu sinto que Miquelotte se encosta a mim e exclama:

— Bertille! Alguém está-nos seguindo!

— Credo! E por que faz isso? Quem é?

— Não seja tolinha! Você até parece um coelho com mêdo! Andemos depressa!

— Vamos voltar, Miquelotte! Vamos para onde está o seu pai!

Miquelotte enrubesceu de cólera:

— Ah! Bertille — diz ela com um dar de ombros. — Assim você jamais poderá conquistar um amor! Nunca pegará um rapaz.

Eu me senti ofendida e respondi:

— Sim, eu terei meus amôres, tanto quanto você e as outras, assim queira. Mas, para que tantas? Basta um, aquêle a quem se ama, e é a êsse a quem amarei.

— Olá! Como sabe você dessas coisas, sonsinha? Você quê nem falar sabe?

— E' porque os nossos segredos não nô-los dizem.. Êles moram conosco, no nosso íntimo.

Quando o sol esmorecia sôbre os telhados, Miquelotte me guiava pelas calçadas das velhas ruas, sem rir nem tagarelar. Nos parapeitos das janelas viam-se vasos com flores e plantas côr de violeta. Nossos sapatos escorregavam sôbre o calçamento molhado. Miquelotte erguia a saia.

— Esta parte da cidade não é a mais bela. Entretanto, eu gostaria mais de morar aqui, sem muito ar e espaço, perto do barulho da cidade, vendo o povo que passa, do que viver lá na roça onde me sinto como que morta.

Eu não concordava com ela, e pensei: Não pode haver melhor lugar em que vivermos do que aquêle em que nascemos. Ali, tanto na tristeza como na alegria é que poderemos calcular o que é felicidade.

Depois que nos livraramos das coisas para a feira, o pai de Miquelotte chamou:

— Vamos, meninas! Nossa charrete está pronta. Se não nos apressamos teremos que enfrentar a noite em pleno caminho!

Miquelotte obedeceu, pulando para cima do veículo, espalhando a saia. Estava com ar grave, sem nada dizer. Como durante a primavera a noite caía muito ràpidamente, ela nos surpreendeu em caminho, e o que era pior, não levava lanterna! Sôbre o cimo da colina diante de nós, erguia-se o imponente castelo de Roussilon, já muito surrado pelo tempo, enegrecido, tendo como fundo um céu nublado. Plena solidão, tendo-se sôbre nossas cabeças um céu triste e aos lados moitas de matos selvagens, atravessadas pela estrada em que íamos a passo lerdo. Uma lua pálida quebrava a escuridão da noite, e o perfume das flores silvestres chegava até nós.

— Ouve alguma coisa?

Eu estava ouvindo um tilintar de campainhas, misturando-se com o ruído sêco de cavalos em trote.

Miquelotte exclamou:

— Olha, papai! A bela carruagem!

O velho ia calado e não gostou da advertência.

— Com mil diabos! — gritou êle.

— Não diga isso, papai — São capazes de ouvi-lo!

O velho pai de Miquelotte, praguejando, parou o veículo a fim de atender à solicitação de quem vinha naquele carro de luxo. Com a parada brusca, a filha e Bertille foram lançadas para a frente, caindo sôbre os cêstos vazios.

— Bravos, minha gente! — gritou uma voz lá dentro. — Brouelles é ainda muito longe daqui?

— Minha senhora, — respondeu o velho, sem reconhecer a pessoa que falava — é longe porque tomaram a estrada velha, em lugar de irem pela grande via. — e depois de reconhecer a pessoa a quem se dirigia: Mas... é o senhor, doutor! Eu me enganara! Não havia reconhecido o médico!

— Olá! Também eu não o havia reconhecido, velho!

Miquelotte cochichou ao meu ouvido:

— Repare naquele senhor que está dormindo.

Ah! Durante muito tempo eu não via outro rosto que não o dêle, embora naquela penumbra, mas me pareceu um tipo de grande beleza. Uma visão inesquecível. Sua cabeça repousava em coxins. Parecia morto. Na brancura de seu rosto eu percebi seus olhos imóveis como duas flamas. Sentada perto do cocheiro um vulto nos falou:

— Vocês não têm, por acaso, um cobertor para vendernos, uma capa que seja bastante quente para cobrir o senhor que está aí com febre?

Era uma senhora já idosa e que nos falou numa linguagem mais estranha do que a do nosso patuá regional.

— Minha pobre senhora, — respondeu o pai de Miquelotte — não temos nem um cobertor, nem uma capa.

Mas eu, num impulso, retirei de meu corpo aquêle fichu com que Manoue me enrolara o corpo, e o entreguei à senhora, exclamando:

— Tome isto aqui; a lã já está um tanto estragada; mas ainda agasalha muito bem. Acho que o senhor se dará com êle.

A senhora pega o fichu e me agradece com expressões amáveis. Mas o olhar imóvel do enfêrmo não se moveu para mim. Eu sentia uma doçura íntima em meu coração. Pensei que o amor devia ter tais expansões de bem-querer, com as mesmas emoções súbitas, breves e tristes.

— Toma, toma, menina — diz o médico a remexer nos bolsos.

Mas eu não queria receber nada pelo meu gesto. Os cavalos da carruagem, estimulados pelo cocheiro, começaram a trotar e o veículo partiu. Antes disso, eu fixei com todo o meu ser, com todo o meu coração, aquêle ser que estava estendido lá dentro, com a cabeça em almofadas, os cabelos levemente alvejados pelo clarão da lua, emoldurando-lhe a cabeça febril.

— Que menina bôba! Um fichu ainda tão novo, e dar assim sem que nem mais! — e gritando para o animal: — "Vamos! Burra velha! Hei!"

Preguiçosamente, Jocotte avança um pé.

CAPÍTULO XII

Muitas vêzes velhotas que moravam nas redondezas vinham até nossa casa para conversar com Manoue e rememorar com ela os tempos passados.

Naquele dia Manoue se animou:

— Onde pôs os rossolis?

— O quê?

— O licor, Bertille! E traga depressa o meu avental, aquêle que está ali a secar! Vamos, minha filha! Mexa-se.

Eu corri a satisfazer o pedido de Manoue. Ela estava bem-humorada. Levei um banco para o ar livre, e elas se sentaram entre os gerânios, tôdas três bem juntinhas, muito parecidas entre si, com seus lenços à cabeça. Até nas gargalhadas se pareciam muito.

— Bertille, traz o licor.

As duas visitantes fizeram cerimônia, dizendo que licor era uma coisa cara e custosa, e que não vinham vê-la para beber ou comer. Mas Manoue estava contente e ofereceu uvas do outono e outras coisas. Mas as visitantes e Manoue começaram a virar copaços daquela bebida picante entre risadas e conversas dos velhos tempos. Quando acabaram de sorver o líquido perfumado e gostoso, estalaram a língua e tinham ares de grande contentamento e as faces ruborizadas.

Uma delas indagou, olhando-me:

— Que idade já tem a Bertille?

— Ah! Uma idade bem próxima do casamento, velha! — diz a outra. — Aos quinze anos eu já tinha cá o meu noivinho, e nos dias de festa de Natal passeávamos pelos muros do cemitério. Êle gostava de cerejas, e eu as punha nos dentes a fim de que êle as retirasse de minha bôca! E êle gostava muito de fazer isso. E' que tinha a cereja e meus lábios!

Manoue lamentou:

— Quinze anos! Pobres de nós! Isto nos faz ver que somos já muito velhuscas!

As uvas moscatel já em forma de passa, douradas e enrugadinhas, umas grandes e roliças como pedras a rolar em leito de riacho, eram devoradas pelas velhinhas com seus maus dentes que os anos destruíam aos poucos. Elas riam a cada dificuldade, mas sua jovialidade nem parecia que era de mulheres de oitenta janeiros...

Quando a tarde findava, elas duas se foram, a descer a ladeira, trôpegas, trocando as pernas, apoiadas em grossos bordões de bambu. Manoue as

Tradução de RENATO DE ALENCAR **Ilustração de RAMON**

olhava contente, a agitar a cabeça. Eu também me sentia feliz quando chegava a época das colheitas. Vinha até ali um moço simpático e ia trabalhar na fazenda dos Cajades. Quando êle chegava eu me sentia tão agitada e inquieta como Manoue se sentia ao achar-se entre suas velhas amigas. Chamava-se Jeantou. Não era tão bonito como Malique; mas seu corriso e seus olhos eram deslumbrantes. Quando ela falava eu sentia como que a chama de seu olhar atravessar-me o ser, indo ao fundo dos meus olhos. Eu me agitava tanto que êle, ao perceber, ria dessa inquietação e de meu rubor.

Um dia, ao regressar dos campos, o avental cheio de luzerna colhida nos prados, veio até onde eu estava:

— Bertille, — perguntou-me êle — você não sente mêdo quando fica assim escuro?

— Mêdo de quê? Não há senão o céu de um lado, e do outro as árvores!

— Sim. Não há mais do que céu e árvores na vida! — dizendo isto êle, sem-cerimônia, pegou-me pelas espáduas. Nós vínhamos do campo de trabalho e íamos para casa. Escurecia. Ao galgarmos pequena elevação, Malique nos avistou. Nós íamos de braço dado, como dois noivos felizes. Mas calados. Nem eu, nem êle dizia nada. De súbito, Jeantou falou:

— Dê-me um beijinho, Bertille. Sòmente unzinho!

— Não! Não! Fica quieto. Não gosto dessas coisas.

Êle soltou um riso diabólico e eu senti sua face encostar na minha. Pareceu-me a pele grosseira e estimulante, áspera e dura. Mas, nesse mesmo instante, uma coisa redonda e forte veio chocar-se com sua cabeça. Era uma pequena batata!

E Malique gritou em seguida:

— Hei! Vá fazer isso lá com as outras! Não procure divertir-se assim à nossa custa!

Malique avançou em largas passadas até nós e se colocou entre mim e o rapaz. Malique estava visìvelmente contrariado. Jeantou procurou acalmá-lo:

— Não se afobe, amigo. Não foi mais do que um beijo fraternal.

Eu me sentia confusa, envergonhada, sem nada dizer, como se a falta fôsse minha. No íntimo, eu estava contente com a intervenção de Malique, mas, sinceramente, também não desgostara daquele atrevimento do moço. Cheguei mesmo a interrogar-me, se Malique não estivesse ali, se eu teria aceitado o beijo daquele rapaz.

Depois da ceia eu arrumei as cadeiras e a mesa, lavei os pratos e fui ouvir as histórias que Malique devia contar. Eu me sentei e coloquei a gatinha ao colo, acariciando-a. Mas já se fazia tarde. Manoue falou:

— Bertille, você pode ir dormir, filha.

Eu não fui logo e ela repetiu. Era uma ordem. Obedeci.

Jeantou, que estava conosco, interveio:

— Ora, Manoue! Eu tinho mais algumas histórias para ela ouvir! Ela está na idade de ouvir outras histórias!

— Vá deitar-se, Bertille! — gritou-me Malique como se fôra meu pai. E eu gostaria muito de ter um pai assim.

Eu percebi que os três desejam conversar algo que eu não podia ouvir.

(Continua no próximo número)





Conto de DORA BATISTA JUNIOR

Ilustração de M. QUEIROZ

Adoração

FOI realmente assim como diz a canção popular: "Depois de tanta amizade, você me abandonou...". Depois de tanto amor, tanta amizade, finalmente você me abandonou... Eu não sei bem se foi dor, se foi saudade, aquêle sentimento atroz que me ficou. E no entanto, nós fomos tão felizes! Parecia até impossível, que dois sêres, fisicamente tão dissemelhantes, pudessem se querer, como um dia, nós nos quisemos! Você era tão bonita, tão meiga, tão moça! Eu, tão rude, tão triste, tão desajeitado! Você se lembra? A casa onde morávamos abria uma janela para uma lagoa distante, onde víamos sempre os barquinhos de pesca, brancos, a oscilar, como se fôssem pequenos pássaros pousados sôbre a esteira das ondas. E ouvíamos até os pescadores cantando, quando fazia noite de luar. Você gostava de ler revistas. Eu trabalhava para os jornais. Escrevia histórias sem graça, nas quais você achava uma graça imensa. Aos sábados, eu vinha para casa sempre com algum dinheiro, que arrancava do gerente. E nesses dias, lá íamos os dois alegremente, de braço dado pela rua em fora, percorrer os cinemas do bairro. E eu ria, ao ver você tão satisfeita, tão bela, com o vestido vermelho de bolinhas e a pulseira de ouro que eu lhe dera. Jantávamos cedo, às seis e meia. E íamos esperar a fita começar, sentados na pracinha, comendo chocolate. E quando a madrugada rompia, ainda nos encontrava sentados no barzinho que dava para a praia, tocando eletrola, falando de amor... Aos domingos, dormíamos até mais tarde. Almoçávamos na varanda. Depois eu ouvia o futebol e brigava com você por causa do Flamengo. Mas você não ligava. Ria e ia para a janela olhar o pessoal que passava para o circo.

Mas um dia, a vizinha do lado apareceu lá em casa. Eu sempre desconfiei daquela sua amizade. Pediu-me para irem juntas à Feira de Amostras. Dizia que era formidável! Não sabíamos? Roda gigante, Chicote, Restaurante, Música, Cinema! Sei lá quanta coisa ela contou. Tive que consentir, pois foi com os beijos mais doces dêsse mundo que você me pedia para acompanhá-la. E se você era tão boazinha, por que havia de eu, Dom Casmurro, negar-lhe um simples passeio à Freira das Amostras? E lá se foi você tôda contente, prometendo que voltava cedo. Foi o primeiro sábado que fiquei sòzinho...

Eu nunca cheguei a saber bem o que se passou por lá, aquela noite. Só sei é que dias depois apareceu aquêle diplomata que levou você de mim. Procurei então saber tudo e tudo soube: era um homem riquíssimo, dizia-se, muito elegante, muito bem vestido, de uma finura sem par. Falava quatro idiomas estrangeiros; já percorrera o mundo todo em viagens; enfim, um cavalheiro do mais fino trato; pessoa mais distinta jamais aparecera por aquelas zonas. Além de muito dinheiro, tinha também o galã um "cadillac" azul-claro, conversível, uma beleza de automóvel. E você não pôde fugir à tentação. E caiu-lhe nas garras. Achou naturalmente que êle podia transformá-la na dama de alta roda que sempre sonhou ser. E passou a pensar nas "boites" que iria freqüentar, na vida vertiginosa dos cassinos clandestinos, onde pudesse jogar roleta, "bacarat", campista... Engraçado. Você que nem conseguia jogar bisca... Mas a vaidade a perdeu. E lá se foi você. Correu como louca atrás do rapaz do "cadillac"...

E foi por isso que, depois de tanto amor, tanta afeição, você me deixou. E foi por isso também que prometi a mim mesmo que se um dia me encontrasse com você, por acaso, na rua, havia de rir muito no seu rosto; escarnecer, zombar! Dizer-lhe que uma mulher que se vende, que se troca por dinheiro, não fazia falta à minha vida. E esperava por êsse dia, quando, afinal...

Contaram-me. O tal moço do "cadillac", o tal que vivia esbanjando dinheiro, o tal cavalheiro fino e educado, da mais alta posição social — era tudo garganta. A presunção, o prestígio, a fortuna — fôra tudo conversa, nada mais que conversa. Êle embarcou, sexta-feira passada, no Netúnia, para a Argentina... sòzinho!

Triste e só, fatigada, você voltou hoje, para acolher-se ao lar, que recorda tôda nossa grande ventura destruída... Olho para você, que agora está deitada. Olho em tôrno a nós, enquanto você dorme... O pequeno rádio na mesinha de cabeceira, o relógio elétrico sempre atrasado, o Cristo de marfim lá na parede, o trinco da porta meio quebrado, os vasos de gerânios na janela... Torno a olhar para a cama. Sua face tem a expressão de uma amargura e de um cansaço inexprimíveis... Espero ùnicamente que seus olhos se abram, para que eu, acendendo a luz do "abat-jour", possa, enfim,

(Cont. na pág. 50)



"Oh! mon Cheri", que vai fazer dentro da cesta de papel? Está com ciúme? Você também será fotografada, queridinha". Minou é rival de Beauté, na elegância.

OS GATOS DE JOSEPHINE BAKER

ÊLES TÊM PASSAPORTE ★ VIAJARAM MAIS DO QUE MARCO POLO ★ O JARDIM ZOOLÓGICO ★ UM FILHO DE CADA CONTINENTE ★ JOSEPHINE QUER A UNIÃO DAS RAÇAS

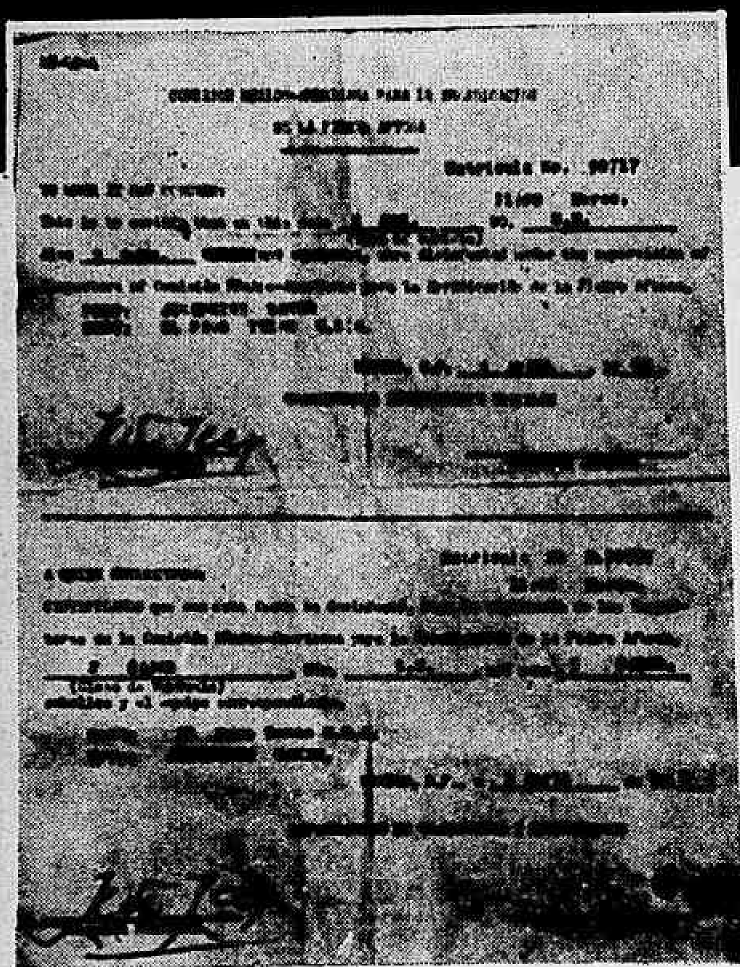
Texto de **DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR**

Fotos de **DARIO TERINI**

OS GATOS DE JOSEPHINE BAKER



Beauté goza os carinhos de Josephine, que tem dez gatos, em Paris, inúmeros macacos, coelhos, cachorros e outros animais. Adora tudo que é animado. Beauté, arrogante, desafiando a companheira de viagem.



Fac-simile do "passaporte" mexicano-americano. Êles têm "passaporte" brasileiro, americano, mexicano e francês. Assim, os gatos de estimação de Josephine podem transitar livremente nestes países.

SÃO PAULO, JULHO

MINOU é uma gatinha mimada e manhosa que estremunha o dia inteiro entre as fôfas colchas dos mais famosos hotéis do mundo, ou entre os tapêtes macios da casa de Josephine, quando está em Paris. Nos braços da cantora, faz fusquinhas para Beauté que, como Minou, deverá ter "nenês" por êstes dias; daí a razão dos extremos cuidados da Estrêla de Paris para com as duas.

E a negra Baker, famosíssima, essa mesma que o povo paga milhões para ver e aplaudir, nos palcos da Europa e das Américas, abaixa-se, com um ar maternal que não a identifica como a Josephine da ribalta, deposita Minou nas cobertas e passa a acarinhar Beauté, falando-lhe baixinho, como se estivesse ninando uma criança.

Minou e Beauté são persas e constituem, sem dúvida, os tacões de aquiles de Josephine.

★

Josephine não é apenas aquela mulher que vemos nos palcos cantando e dançando, transmitindo alegria e que, há quase 30 anos, eletriza as platéias de todo o mundo.

Ela é humana. Tão humana que possui, em sua residência de Paris, verdadeiro zoo, com animais das mais diferentes procedências. Em sua rápida passagem pelo Brasil, comprou alguns papagaios e macacos que, a estas horas, estão gozando as delícias da Cidade Luz.

No entanto, como todo ser humano, que dentre tudo que possui, prefere algo, a "colored" de Paris prefere os gatos e, dêstes, Minou e Beauté, a quem premiou com esta grande viagem pelas Américas.

As duas gatinhas são indolentes e têm a "pinta" de gente abastada. Diferem muito dêsses pobres gatos de telhado, que miam a noite tôda, com frio e com fome. Minou e Beauté são princesas persas e, como tal, têm histórias diferentes da "plebe" felina. Viajaram mais do que Marco Polo e vivem em melhores condições do que o próprio Aga Khan, pois êle já não pode fazer o que quer, nem comer o que deseja, enquanto os "dodóis" de "miss" Baker deliciam-se e lambem os lábios, à frente de um prato de fígado cru,



Minou vai ter "nenês" e precisa ser bem tratadinha. E, no seu apartamento no "Hotel Excélsior", é a própria Josephine Baker quem lhe dá, na boquinha, pedacinhos de fígado cru. — Tá!

de miúdos de galinha, de um frango assado ou de um filé "mignon" com arroz.



Como turistas, obedecendo o que preceituam as leis internacionais, Minou e Beauté possuem "passaportes". Não como os nossos, é evidente, mas "passaportes" concedidos pelas autoridades sanitárias dos países por onde passam, que só os emitem após examinar as duas gatinhas. E nessas permissões consta a idade, a raça e o nome de Minou e Beauté que, sem as mesmas, não podem viajar.

Na presente viagem, Josephine trazia três gatas, mas uma resolveu volver à França, por motivos íntimos, pois teria assuntos importantes a resolver, em Paris, antes da chegada da primavera brasileira.

Minou e Beauté não se importaram com a ida da companheira. Pelo contrário, mostraram-se até satisfeitas, pois sobrará mais carinho para ambas.



Elas levam vida de artista. Deitam-se altas horas, quando Josephine chega e lhes serve a "ceia" e levantam quando o sol está a pino. Durante o dia, perambulam pelos apartamentos dos hotéis onde se hospedam, sem tomar conta das admoestações dos empregados ou arrumadeiras. São dóceis, meigas e ronronam ao menor sinal de carinho, mas como "mulheres" que são e se prezam, tornam-se ciumentíssimas.

Minou não suporta a presença de Beauté e esta, por sua vez, mantendo sua dignidade, não come no mesmo prato, com a companheira. E quem se vê em apuros é Josephine. Serve uma de cada vez e, não raro, se Minou já lanchou ou já almoçou, Beauté faz manha e só come após muito carinho e insistência. Então, a Vênus de Ébano, esquecendo-se de suas platéias, desce à mais humana das figuras da vida e vai dando, na bôca do animal, entre palavras doces, suculentos pedaços de fígado cru, ou um filèzinho mal passado, que os cozinheiros dos hotéis mais famosos do mundo fizeram.



A guerra, entre as duas, é cerradíssima e nem à frente da objetiva quiseram ficar juntas. Superaram a vaidade feminina, em vista da rivalidade, e preferiram não aparecer juntas. Minou, a mais sabida, adiantou-se e quis fazer alguns "closes", ao que se negou, posteriormente, Beauté, que não parou quieta, frente à máquina.

Josephine é quem alimenta os animais, quem os acarinha, quem os deita. Na intimidade, ela não é essa deusa negra voluptuosa, que arrebata as multidões, formando estranho tabu em tôrno de sua personalidade. Na calma dos apartamentos de hotel, ela é simplesmente uma mulher. Faz todos os trejeitos que as mulheres fazem, para adular as crianças ou os animais. Esquece seu "cartaz", ajoelha-se no chão para implorar a Minou ou a Beauté, que saiam de baixo da cama.

Há anos, Josephine Baker viaja com animais. As duas gatinhas têm um ano de idade e já conhecem quase tôda a França, os Estados Unidos, o México e o Brasil, "do qual estão gostando muito".



Mas não é só aos animais que Josephine dedica seu afeto. Ela adotou quatro crianças: uma negra, duas brancas, uma amarela, os quais cria em comum, a fim de que aprendam que entre as raças não deve haver quaisquer preconceitos, pois os homens valem pela união e pela amizade.

A filosofia de Josephine é interessante. Fala pouco de si mesma e da carreira em que venceu, preferindo discutir política, salientando a necessidade dos homens exterminarem as barreiras raciais, para um melhor entendimento entre os povos. E, para provar sua tese anti-racista, é que Josephine adotou um negrinho do Norte da África, um mexicano, um judeu e um nórdico.

(Cont. na pág. 42)



E' nestas cestas que as gatinhas mais viajadas do mundo são transportadas. Dentro dos aviões — às vêzes — elas têm permissão para dar um girinho e nem dão "bola" aos passageiros.

A VINGANÇA DO BOI



ERA um dia como qualquer outro no pequeno matadouro de Monsieur Coeurderoy, em Aumale, no Departamento do Sena inferior. Situado ao lado do açougue modêlo, o patrão já havia arregaçado as mangas para o início da tarefa diária e empunhara a pistola elétrica, que é a arma moderna com que se liquidam os bovinos que daí a pouco serão a "carne de vaca" que vai alimentar as carnívoras populações. Paul Queval, o jovem ajudante, segurava o primeiro condenado do dia, um fogoso animal. Quantos já vira êle tombar, de todos os "biotipos", como os humanos... os desalentados e impassíveis, os rebelados, os irrequietos, os mansos e evangélicos, como aquêle que inspirou ao poeta Carducci o seu célebre sonêto "Il Bove". Talvez pensasse na diversidade dos temperamentos dos homens e dos bois, dos indóceis e dos "avacalhados", quando se deu o inesperado. Aquêle boi ardoroso, que seria o d'Artagnam dos bovinos, com uma fúria e uma arremetida que ninguém conteria, arremessou para o ar com uma chifrada mestra o pobre do Queval. Um grito de dor ecoa no ar. Atirado para cima, o que vale a Queval... é que sua mão esquerda se espeta num dos ganchos destinados a dependurar as cabeças sangrando dos animais abatidos. Apesar da dor horrorosa isso lhe dá um ponto de apoio, enquanto com as pernas para o ar, êle dá tempo ao coração heróico de M. Coeurderoy para o tiro de misericórdia, que não falha e abate o herói do dia em Aumale. Como male, em francês é macho, vê-se bem que todos os nomes estão muito adequados nesta história, que é autêntica e foi desenhada logo a seguir pelo lápis adestrado de Ferrari para "Radar", de onde data vênia reproduzimos.

FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

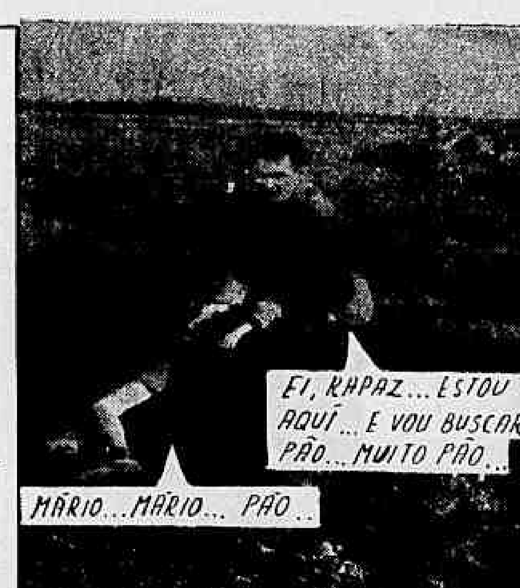
JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABB[illegible]
ZAIRA	LUIZA ALLI[illegible]
SOLANGE	LICIA MA[illegible]
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 7 (Resumo da parte já publicada)

PERTO da casa de João os prisioneiros fizeram uma parada. O patrulhamento alemão conseguiu localizar o esconderijo dos guerrilheiros civis poloneses. Dr. Skalski, depois de muita insistência persuade o tenente Mario a que fuja na companhia de João. Agora lá vão os velhos camponeses estrada a fora, conduzindo numa carroça, um cego e uma criança. Mais tarde chega a patrulha nazista e encontra vazia a casa. Os Dupuis vão para o campo de concentração.



NINGUEM ATENDE AO GRITO DE ANGÚSTIA DE MÁRIO, E JEAN DELIRA NUM ESTADO DE SEMI-INCONSCIÊNCIA...

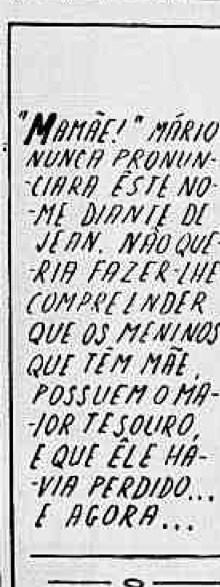






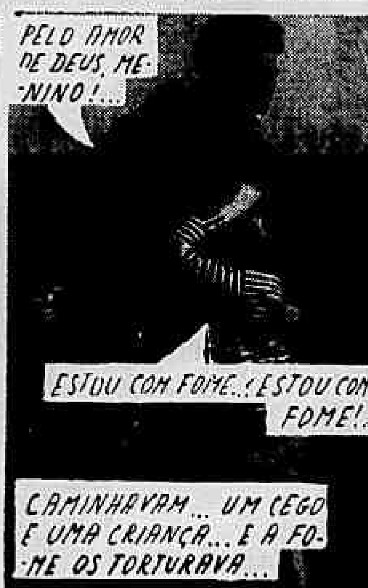


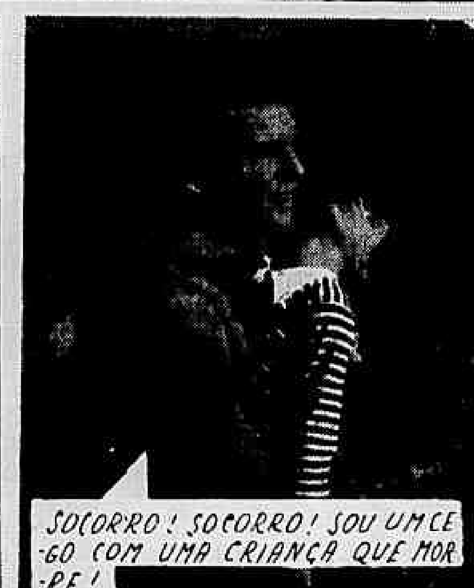










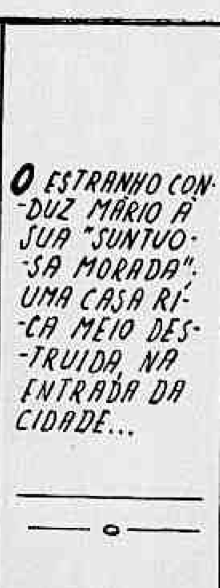
































A REVISTA HÁ 50 ANOS

(10 DE AGÔSTO DE 1902)

CRÔNICA

MINHA SENHORA:

Entre a correspondência dirigida à REVISTA DA SEMANA encontro uma carta em bela caligrafia inglêsa em que se pergunta ao humilde cronista o que pensa do beija-mão à Réjane na gare da Central, cerimônia esta revestida de grandes pompas litúrgicas, segundo rezam as gazetas contemporâneas do famoso acontecimento. Mostra-se a leitora amável um pouco surprêsa, não tanto do ato em si quanto do tom solene em que por letra de fôrma o noticiaram. Com efeito, tôdas as resenhas dessa despedida memorável dizem apenas com a concisão de um versículo: "antes de partir, Mme. Réjane deu a mão a beijar às pessoas presentes"; e, naturalmente, como se se tratasse de fórmula já prevista no ritual, todos beijaram; o trem abalou e, embora o ocultem os periódicos, estou em crer que a estrêla passasse "in continenti" ao lavabo.

Estranha a gentil correspondente o insólito da homenagem, achando-a exagerada, ridícula e deprimente. "Só na América, só no Brasil — exclamou ela — se vêem destas coisas!" Por fortuna, nesse momento recebia eu o Figaro e dêle resumo um episódio que responde com singular eloqüência à sincera indignação que as linhas acima transcritas denunciam.

Em roda de escritores e artistas, no "foyer" da Comédia Francesa, discutiam-se precisamente os excessos bizarros a que o entusiasmo aquecido ao rubro branco tem arrastado certos admiradores do talento ou da formosura. Citavam alguns mais de um episódio ultra-extravagante da tournée de Sarah Bernhardt aos Estados Unidos; outros rebuscavam incidentes similares nas excursões triunfais da Rachel, da Croizette, da Ristori, da Duse, da Paladini, quando, de repente, uma das mais lindas e societárias da Casa de Molière contou, como obra prima do gênero, um caso acontecido com a espirituosa Augustine Brohan.

Andava ela pelo sul da França, dando volta ao miolo dos Tartarin. Por tôda a álacre região dos vinhos capitosos o entusiasmo atingira ao paroxismo. Não era a admiração; era mais do que isso. Todo o mundo perdera a cabeça. Chamadas sem conta, jóias, flores, "marches aux flambeaux", discursos, um nunca acabar de manifestações. Um beijo, apenas?... "Troun de l'air. Bezuquet!"

Um belo dia, a insigne comediante foi convidada para um banquete por um opulento armador cognominado o Rei da Aquitânia. Augustine Brohan aceitou e foi. Recebida à porta de um parque magnífico ao som das fanfarras e ao estrondar dos morteiros, enfiou a comediante por uma avenida tapetada de areia fina. Um silêncio desusado sucedendo ao delírio das aclamações surpreendeu-a. Voltou-se. Estava só e, a distância, três criados de libré colocavam respeitosamente redomas de vidro sôbre cada uma das suas pegadas!

Já vê a gentil leitora da REVISTA que nos não assiste o privilégio das exibições espalhafatosas em matéria de entusiasmo. Depois, um beijo na mão é bem diferente de um beijo na fronte; êste, sim, exprime a ternura casta e só pode ser dispensado a um grupo limitado de mulheres; o outro é a fórmula significativa mais comum da galanteria.

Num ponto só o ato comentário é oportuno, ponto que a amável correspondente não visou: Por que será que só diante das estrangeiras perdemos a insociabilidade bisonha que nos caracteriza? Por que será que só para elas reservamos essas fórmulas requintadas de protocolo fidalgo que são o enlêvo e o encanto do meio social europeu? — **JACQUES BONHOMME**

OS ESCRITORES

EM uma revista estrangeira encontramos alguns curiosos pormenores sôbre os hábitos e as manias de alguns notáveis escritores. À testa do grupo bem fadado daqueles para quem o trabalho é um prazer fácil e que com êle nunca experimentam fadiga nem tormento deve colocar-se o nome de George Sand. Durante o dia, a grande romancista falava pouco, agitava-se ainda menos, vivia como alheia a tudo quanto se passava em volta de si, ruminando na cabeça as belas histórias que se propunha contar. Depois de jantar, por volta das oito horas, sentava-se à mesa, onde a aguardava uma importante provisão de fôlhas de papel de um certo formato, sempre o mesmo, e aí se punha ela a escrever, continuando o romance a partir da linha em que o deixara na véspera, e sem hesitações nem rasura ia enchendo fôlhas e fôlhas até às quatro horas da manhã. Se lhe acontecia terminar a novela antes dessa hora, metia o manuscrito numa capa para o enviar à "Revue des Deux Mondes" e principiava tranqüilamente a redigir outro romance!

Teófilo Gautier era também dotado de assombrosa facilidade. Tinha a seu cargo o folhetim teatral de "La Presse" e escrevia-o ordinàriamente na oficina tipográfica do jornal, sem que o ruído das máquinas e as idas e vindas do pessoal o incomodassem. A prosa saía-lhe da pena em fluxo incessante, sem uma entrelinha nem uma emenda, e o folhetim era escrito de um jacto, sucedendo-se as palavras umas às outras sem um único sinal de pontuação que as separasse. Conhecedor da língua como ninguém, dispondo de um vocabulário incomparável, Gautier costumava dizer: "O importante é ter uma boa sintaxe; a minha frase é como os gatos que, atirados ao ar, caem sempre em cima das patas."

Muitos escritores, para estimularem a imaginação, costumavam recorrer ao fumo como George Sand, ao café como Balzac, ao absinto como Musset; mas nem o fumo, nem o café, nem o absinto dão infelizmente talento a quem o não tem.

Só como um paradoxo se pode aceitar a observação de Teófilo de Banville pretendendo que George Sand deixava de ser inteligente quando cessava de fumar. Ao lado dêstes artistas, geralmente regulares nos seus hábitos, temos tôda uma plêiade de boêmios que se singularizaram por manias e métodos de trabalho extravagantes. Gerard de Nerval gatafunhava apontamentos a lápis em bocados de papel que metia nos bolsos.

Quando chegava o momento de mandar para a imprensa a página prometida, o nosso Gerard entrava na redação de um jornal, extraía das algibeiras uma garrafinha de tinta, penas, os tais bocados de papéis rabiscados, tôda uma biblioteca de livros e brochuras, e punha-se a trabalhar até o momento em que lhe aparecia algum conhecimento que o obrigava a evadir-se. Ia então para qualquer café, sentava-se a uma mesa retirada e de novo despejava o conteúdo das algibeiras. Mas não conseguia ainda escrever meia dúzia de linhas quando lhe aparecia qualquer outro conhecido, que o vinha interromper. Gerard encafuava outra vez no bôlso o seu material de escrita e partia à busca de um local onde o deixassem escrever em paz. E assim, do café para a redação e da redação para o café, conseguia chegar ao têrmo da novela, mas sempre no derradeiro minuto. Villers de l'Isle Adam não era menos excêntrico. O autor dos "Contos Cruéis" não costumava deitar-se antes da madrugada e não acordava antes do meio-dia. Bebia então uma chávena de caldo e punha-se a escrever sem se levantar. Sentado na cama, encostado a travesseiros e almofadas, escrevia a lápis até às seis horas da tarde, isto é, até o momento em que se erguia para ir passar a noite em qualquer taberna de Montmartre ou das Halles.

O SONO E O CORAÇÃO

● Quando nos deitamos a dormir, o fim da natureza é que o corpo e principalmente o coração, tenham descanso. Com efeito, êste órgão durante o sono dá dez palpitações menos por minuto, do que quando estamos levantados e isto significa 600 movimentos menos por hora.

Durante as oito horas que de ordinário cada indivíduo consagra ao descanso, o coração economiza por conseguinte 5.000 palpitações pròximamente.

O calor do coração depende da fôrça da circulação, e como o sangue corre muito mais lentamente pelas veias quando se está deitado, daí nasce a necessidade que temos de nos agasalhar na cama.

PENSAMENTOS SÔBRE A MULHER

● *Deus, que se arrependeu de ter feito o homem, nunca se arrependeu de ter feito a mulher.*

● *Mulher, disse Stendhal, instrumento delicioso, em que o amor deve ser o arco, e o homem o artista.*



"Toilette" de S. M. a Rainha da Inglaterra, na próxima coroação (1902)

DIAS DE CHUVA





1 — A elegante pala cruzada dá distinção a êste amplo casaco três quartos. 2 — Capa de chuva fechada por botões não aparentes. Chapéu do mesmo tecido.

COMO SE VESTEM AS

Gravatas e luvas combinadas dão uma nota de elegância



1 Vestido de blusa franzida sob uma pala redonda; a saia é em forma, em quatro panos. Gravata de "pois", combinando com as luvas e o chapèuzinho.

2 A saia reta tem uma prega nas costas para dar liberdade ao andar. Mangas "raglan" três quartos. Gravata e luvas combinando, em tom unido.

3 Pala japonêsa formando mangas curtas; largo viez debruando o decote e aproveitado em aplicações; saia em forma. Gravata e luvas em tecido estampado.

4 Duas-peças, o blusão sem cinto e as mangas muito folgadas apertadas por punhos sob os cotovelos. Saia "godet". Gravata e luvas em listras fininhas enviezadas.

5 Saia reta, blusão reto, apenas modelando o corpo. Cinto de verniz no tom da gravata e das luvas.

6 Vestido "chemisier" com corpo abotoado, ligeiramente decotado e sem mangas; saia em forma. Lenço-gravata de tecido igual ao das luvas.

7 Saia reta abrindo na frente, em baixo, por meio de um macho; blusa sem gola, abotoada. Gravata formando um laço, igual às luvas.

VERDADEIRAS FRANCESAS



AGASALHOS



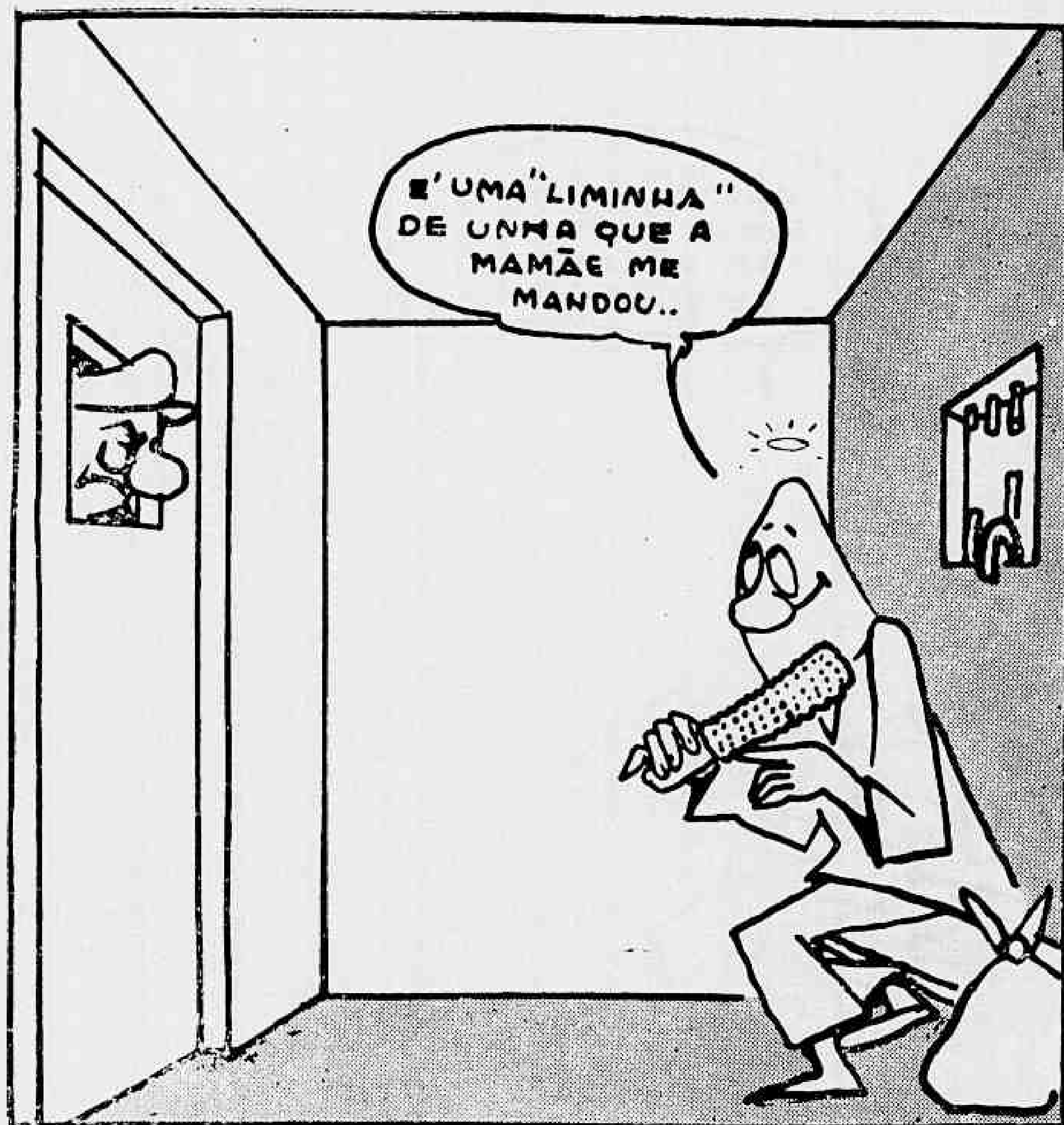


1 — Uma dupla carreira de botões fecha até o alto da gola êste confortável manteau.
2 — Muito prático êste costume em lã formando xadrez. Os bolsos são enviezados, como as pregas embutidas na saia.

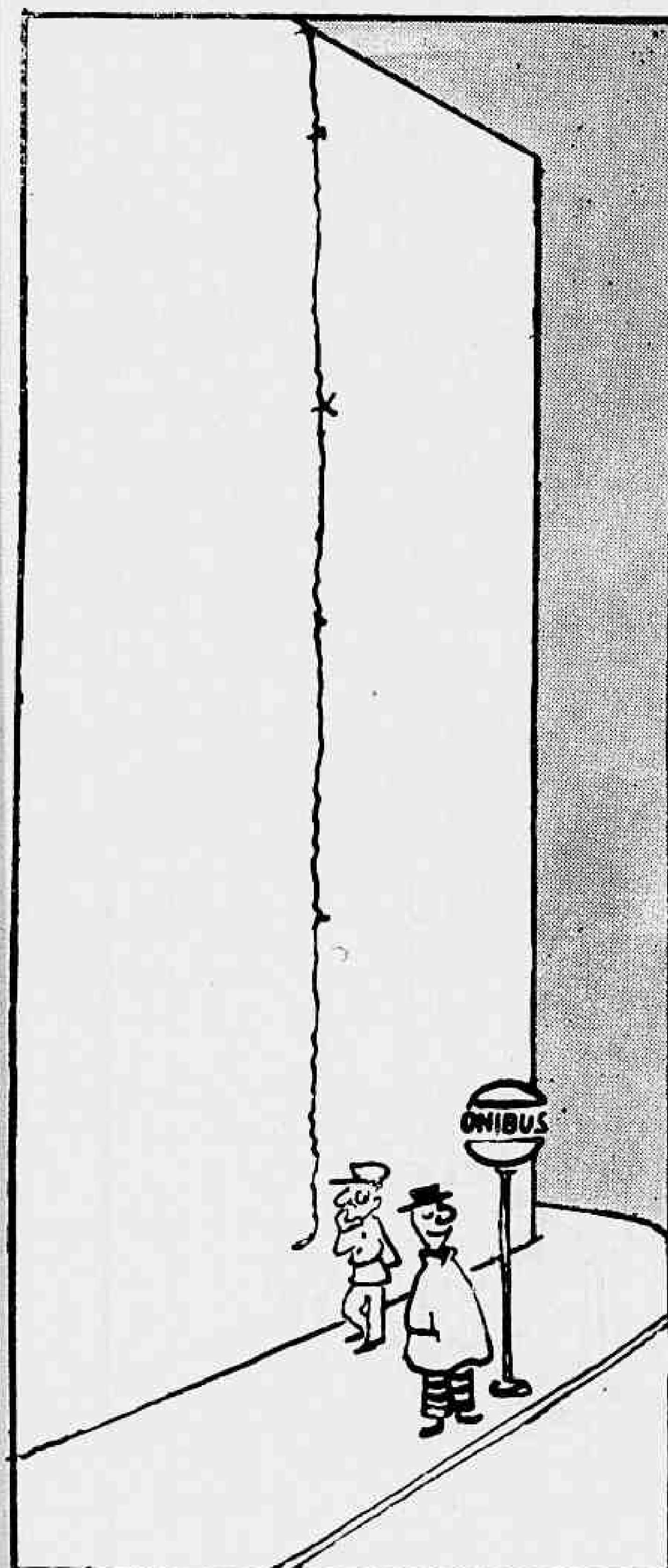
ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

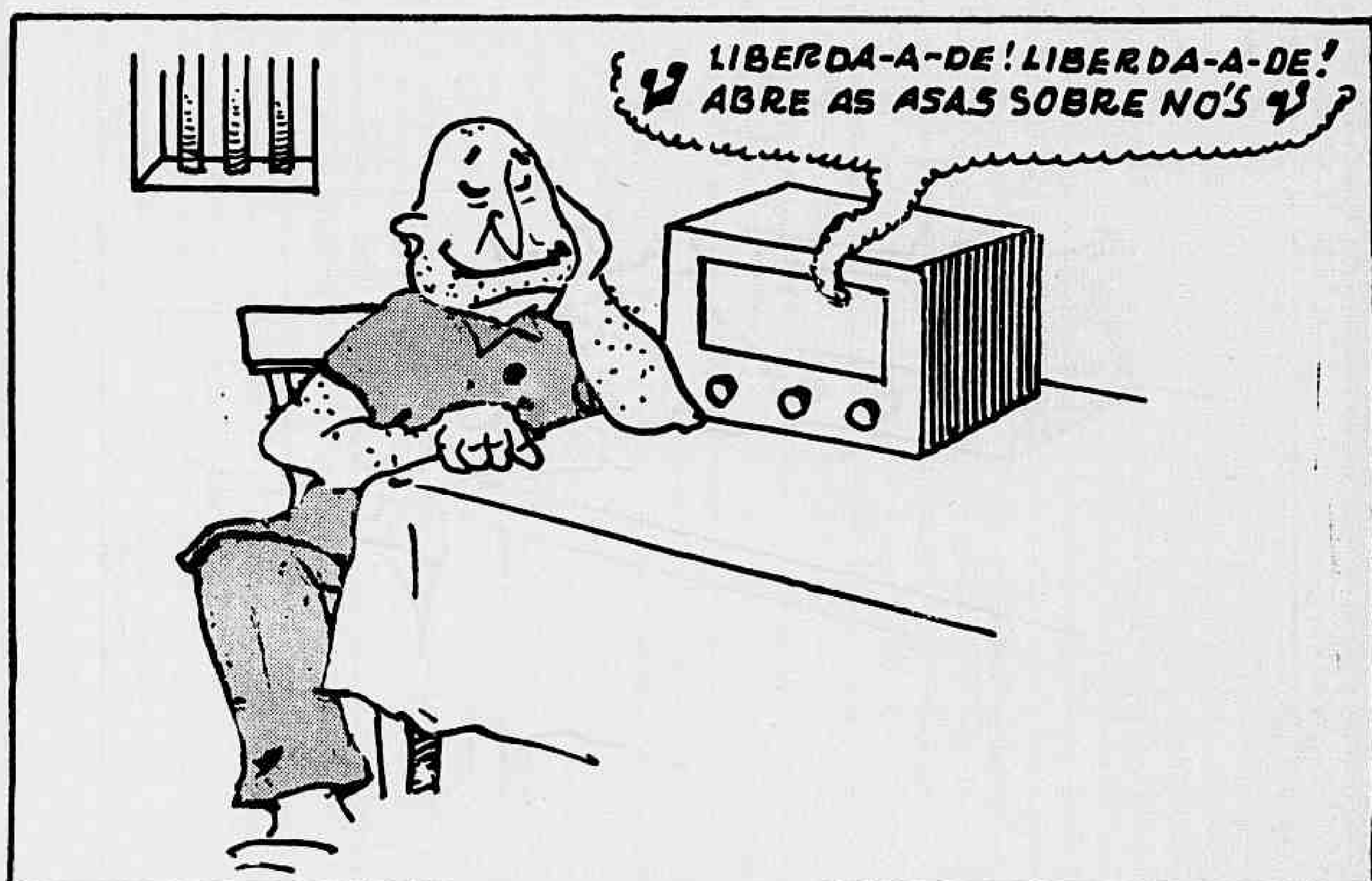
HO! OS PRESIDIÁRIOS...











PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — REGIME ONÍVORO, É O QUE MANDA COMER:

— Tudo?
— Só frutas?
— Legumes e frutas?

2 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA ATLANTE:

— Misterioso?
— Portador?
— Invencível?

3 — O ABACATE É ORIGINÁRIO:

— Da Grécia?
— Do México?
— Ou se ignora?

4 — QUAL DÊSTES ANIMAIS O QUE MAIS GOSTA DE BRINCAR:

— O macaco?
— Os gatinhos?
— A cabra?

5 — QUAL O ANTIGO NOME DA CIDADE DE CÁDIZ:

— Gates?
— Padisse?
— Fadize?

6 — PORQUE SE TORNOU FAMOSO O NOME DE HARRIET STONE:

— Por ter fundado a Cruz Vermelha?
— Por ter escrito «A Cabana do Pai Tomás»?
— Por ter tomado parte na guerra de 1914?

7 — EM QUE ANO A CÂMARA DOS LORDES, DA INGLATERRA, VOTOU A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NEGRA:

— 1807?
— 1852?
— 1790?

8 — EM QUE ÉPOCA PORTUGAL ABOLIU A ESCRAVATURA:

— Março de 1880?
— Abril de 1875?
— Maio de 1888?

9 — QUAL DESTAS CIÊNCIAS JÁ FOI A MAIS IMPORTANTE DO MUNDO ANTIGO:

— A Medicina?
— A Filosofia?
— A Astrologia?

10 — EM QUE ANO ROMA ORDENOU A CESSAÇÃO DE QUALQUER PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA:

— No ano 317?
— Em 1100?
— Ou em 670?

11 — QUAL O IMPERADOR ROMANO AO TEMPO DA MORTE DE S. PEDRO E S. PAULO:

— Constantino?
— Diocleciano?
— Nero?

12 — EM QUE CONCÍLIO CONSTANTINO IMPÔS A FÉ CRISTÃ:

— No de Nicéia?
— Em Trento?
— Em Bizancio?

13 — QUAL DÊSTES ANIMAIS TINHA A CARNE PROIBIDA POR MOISÉS E MAOMÉ:

— Galo?
— Coelho?
— Vaca?

14 — QUAL O ESTADO CIVIL DE MAOMÉ QUANDO TEVE A VISÃO CELESTIAL QUE O INDUZIU A FUNDAR NOVA CRENÇA:

— Casado?
— Solteiro?
— Viúvo?

15 — QUANTO TEMPO GASTARAM GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL NO SEU RAIDE LISBOA-BRASIL, SEM CONTAR AS INTERRUPÇÕES:

— 72 horas e meia?
— 60 horas e 14 minutos?
— 48 horas e cinqüenta minutos?

(Respostas na página 44)

CONVERSA DE MULHER

CAMARADAGEM



CAMARADAGEM é assim: nova, aco tece de repente, fácil, promove u entendimento leve em relação a cois imprecisas, uma compatibilidade supe ficial e amena; antiga, entra em di cussões, dá-se ao luxo de desentendime tos, bota desafôro, mas liga qual pux puxa, fica tão gostosa como vício.

● EXEMPLOS DE CAMARADAGE

Cena: um bar, em zona de praia, q certos espíritos metidos a decorativos d claram bom modêlo para mausoléu cachorro, onde, entretanto, não se po negar o bom tom da recepção nem o imponderável acêrto na dosagem das bebida

Personagens: em segundo plano, um cavalheiro idoso e neutro, que de t ambientado perdeu os contornos, um outro, membro da melhor sociedade, características apagadas pelos numerosos contatos cosmopolitas, mais um pint que se derreia para a esquerda mas é sustentado pela camada da alta gom (grana, dinheiro em linguagem vulgar); e em primeiro plano um jovem absol tamente comum, bonitão, rescendendo a impulsos, vestindo à moderna un camisa de malha com lenço de apache no pescoço, calças que o cinto não impe de escorregar pela concavidade do ventre até aos quadris sumidos.

Época: hora incerta entre a noite e a madrugada.

Toca o telefone no canto do bar. O rapaz é chamado em tom baixo pelo garç polido que dêle se aproxima, levanta-se com visível impaciência e fala pelo boca

— Alô? E' você, meu bem?... Não, estou cansadíssimo. Andei tratando uns assuntos aí, depois encontrei uns amigos e estamos conversando um pou antes de dormir. Não, meu bem, estou imprestável... Você estêve jogan buraco? Ah, é?... Ela disse? Qual... Pois é, meu amor, me desculpe. A amanhã...

Pelo jeito, a mulher devia ter encantos e estava interessada. Mas então, p que foi desprezada? Ora, por aquêle instante de papo sem direção, camaragem...

Outra cena: outro bar, que é nos bares que os homens de trabalho das cidad podem esperar encontros fortuitos com os conhecidos: um bar superlotado.

Personagens: homens e mulheres comprimidos em festonné em volta de du mesas unidas.

Época: finalíssima da tarde.

Não acontece nada. Falam muito, divergem, criticam, lançam grandes mentários. Companhia, camaradagem.

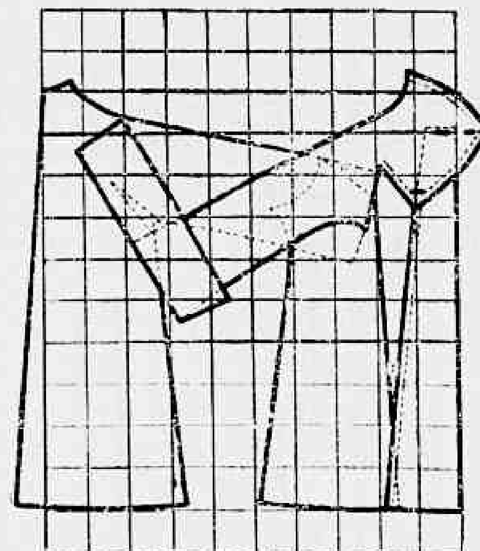
● ACREDITE SE QUISER

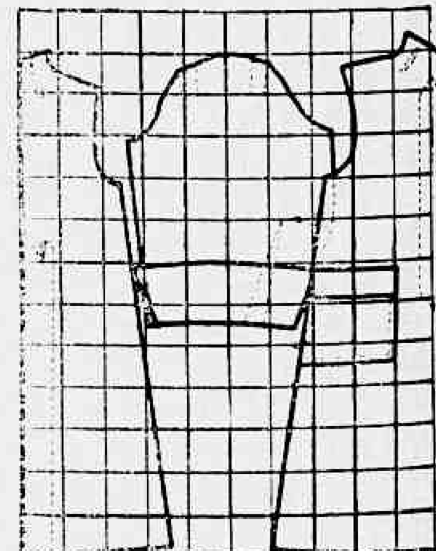
O primeiro cachorro brincava de roer o osso lavado no canto da cozinha. segundo cachorro olhava comprido, o focinho achatado entre as patas no ladril as largas orelhas esparramadas como asas de avião.

Num momento, o primeiro parou de roer forte e dominador, considerou lig ramente ergueu-se e largando o osso afastou-se abanando um pouco o ra como significando: "Tome, não precisa sofrer tanto aí nesse desejo, agora é seu

● O IMPOSSÍVEL

Não existe camaradagem verdadeira, pura e simples, entre homem e mulh Às vêzes a mulher quer, o homem atrapalha. Ou o contrário. E quando um d dois se torna verdadeiramente camarada, então o outro passa a sentir a situaç muito perigosa. — **ISOLETTE**





Diagramas dos modelos apresentados na página 35.

ROTINA DE BELEZA

NÃO SE CANSE

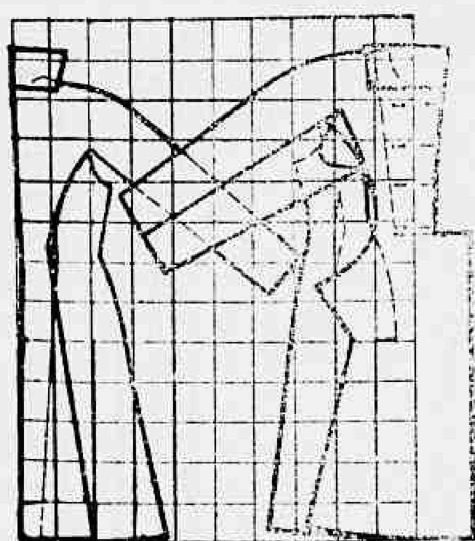


A beleza depende da saúde, e a saúde depende muito das glândulas supra-renais. Quando a pessoa se fatiga, as supra-renais produzem um excesso de hormônios para equilibrar as energias orgânicas — e quando o estado de fadiga se prolonga as glândulas supra-renais podem entrar em greve.

● As férias são uma necessidade não só para as crianças mas também para os adultos, mesmo os que não tenham trabalho intenso, pois a mudança de ambiente é uma cura indicada para o desgaste nervoso que a vida moderna sempre provoca, resultando em **surmenage**. Os resfriados mal tratados, as bronquites e sinusites são, por outro lado, moléstias sérias em geral desprezadas pelos pacientes, que depois têm a cegueira de não saber a que atribuir a piora em suas condições físicas funcionais e aparentes.

● Uma dieta deficiente estraga qualquer rosto antes bonito, sobretudo quando as deficiências são de vitamina C. O exame de laboratório prova que o nível de vitamina C no sangue é muito mais baixo no fim do inverno e no começo da primavera, sendo portanto êsse o período em que maior atenção deve ser dada ao problema. O mínimo de vitamina C que uma pessoa deve ingerir diàriamente está contido em meio **grapefruit** ou numa laranja. O tomate ou qualquer fruta cítrica são os veículos mais ricos de vitamina C. A vitamina B é igualmente necessária para impedir a fadiga, sendo encontrada em alimentos como cereais completos, a carne, o feijão, as nozes, fermento, ovos, etc. Certo centro de pesquisas nos Estados Unidos deixou por algum tempo um grupo de dez homens em dieta exclusiva de queijo, arroz, macarrão, frutas, saladas, bolos e doces. Diàriamente, êsses homens tinham que conduzir um carregamento de pedras ao longo de um percurso de 150 metros; mas do terceiro dia em diante não conseguiam fazê-lo a não ser com freqüentes paradas para descansar. Voltando a tomar vitamina B tornavam à resistência normal.

● O exercício, ginástico ou natural, é indispensável à manutenção da melhor saúde. E agora, muito importante: sempre que estiver se sentindo fatigada, procure repousar. O mundo não foi feito num dia, mas você pode-se espatifar de um momento para outro. Não é natural que o ser humano abuse do seu cansaço, urgindo que tome precauções para poupar o seu organismo.



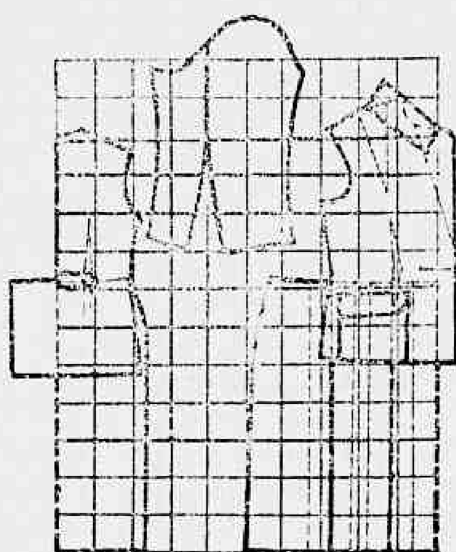


Diagrama dos modelos apresentados na página 38.

PASSATEMPO

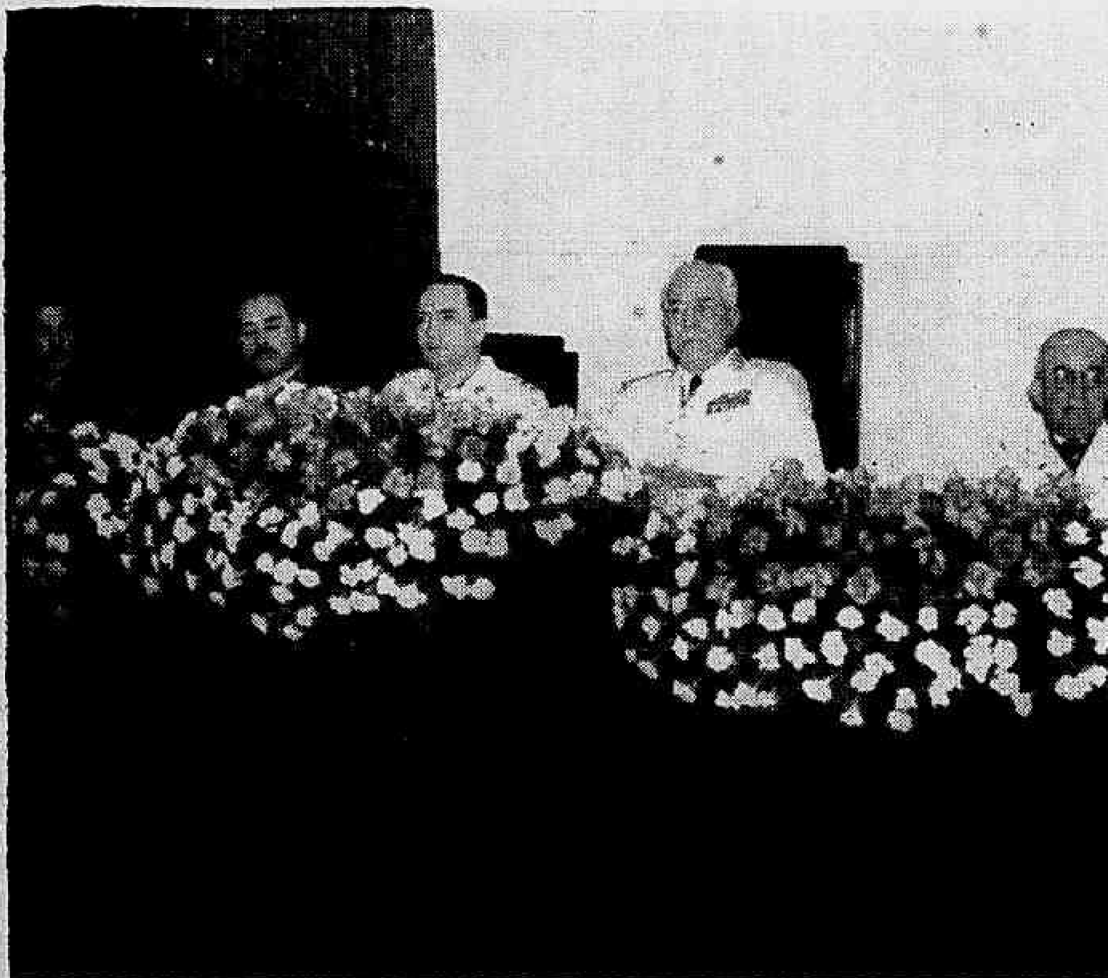
LIDERGRAMA Nº 15

A Chefe político, manda-chuva →	11	84	43	17	21	74			
B Propensão natural, temperamento →	2	45	91	123	50	65			
C Grêmio, casa de reuniões recreativas →	28	6	85	101	23				
D Entrelaçadas, perturbadas, confusas →	5	35	104	76	90	25	70	40	
E Que têm côr carregada; tintos de novo →	15	29	62	98	83	106	46	53	
F Mistura de vinagre, água e mel →	24	20	7	86	112	77			
G Larguem, abandonem →	73	39	12	117	54	33			
H Iscas, adulações astuciosas →	49	31	8	94	42	103	119		
I Dez vêzes seis →	27	19	55	80	109	81	113	61	
J Perdi meu marido →	16	57	48	72	105	75	56	32	
K Que contém nitro →	10	118	36	30	107	95	92		
L Punha no "prego" →	68	44	93	116	110	51	13	64	99
M Desgraçados, míseros →	60	79	26	120	14	122	37	47	
N Possuamos →	89	9	3	69	1	108	52	66	
O Que costumam fazer alguma coisa →	58	88	34	41	38	22	67		
P Que causam terror →	4	82	97	115	63	71	87	121	102
Q Gravura ou escultura em madeira →	96	59	111	100	18	78	114		

■	■	■	■	N 1	■	B 2	N 3	P 4	D 5	L 6	F 7
H 8	N 9	K 10	A 11	G 12	L 13	■	M 14	■	E 15	J 16	A 17
Q 18	I 19	F 20	A 21	O 22	■	C 23	■	F 24	■	D 25	M 26
I 27	C 28	E 29	K 30	H 31	J 32	G 33	O 34	D 35	K 36	M 37	■
O 38	G 39	D 40	O 41	H 42	A 43	L 44	■	B 45	E 46	M 47	■
J 48	H 49	B 50	L 51	N 52	E 53	■	G 54	■	I 55	J 56	■
J 57	O 58	Q 59	M 60	I 61	■	E 62	P 63	L 64	B 65	N 66	O 67
L 68	■	N 69	D 70	P 71	J 72	G 73	A 74	■	J 75	D 76	F 77
Q 78	M 79	I 80	■	I 81	P 82	E 83	A 84	C 85	F 86	■	P 87
O 88	N 89	D 90	B 91	K 92	■	L 93	H 94	K 95	Q 96	P 97	E 98
L 99	■	Q 100	C 101	P 102	H 103	D 104	J 105	E 106	K 107	N 108	I 109
L 110	Q 111	F 112	■	I 113	Q 114	P 115	■	L 116	G 117	K 118	H 119
M 120	P 121	M 122	B 123	■	■	■	■	■	Ctaner - Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

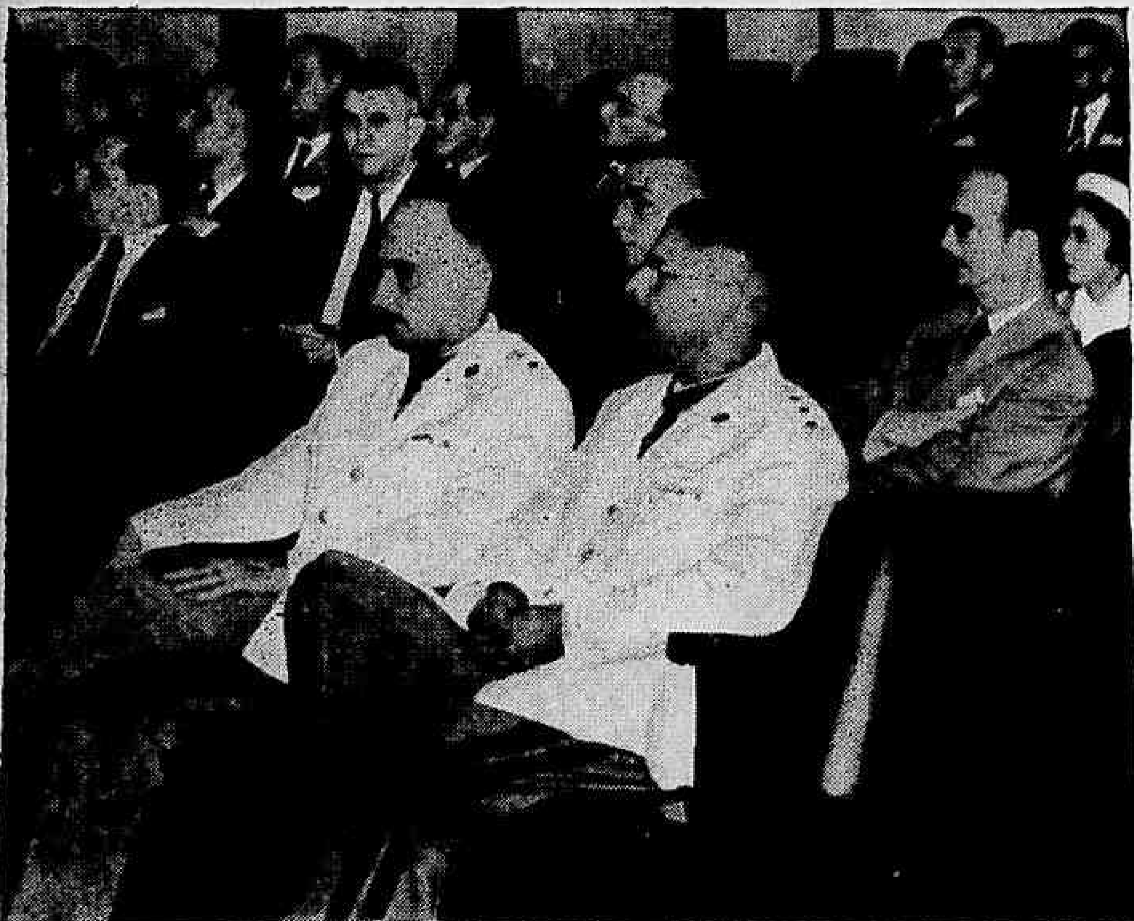
SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 14: ROUSSEAU, CONTRATO SOCIAL — "Quanto à riqueza, que nenhum cidadão seja bastante opulento para poder comprar outros e nenhum tão pobre que seja obrigado a se vender."



MEDICINA MILITAR



Flagrantes tomados no dia 22 de julho próximo passado, na Academia Militar de Medicina, nesta capital, por ocasião da posse, como titulares daquele sodalício, dos médicos, Major Itiberê de Castro Caiado, Capitão Olavo Cruz e Tenente Irineu Lomar, dentista, os quais foram saudados pelo acadêmico Luís Paulino de Melo. A cerimônia foi presidida pelo General Marques Pôrto. De pé, proferindo o seu discurso, vê-se o Capitão-médico Olavo Cruz.



OS GATOS DE . . .

(Cont. da pág. 29)

Sua predileção por animais, conforme explica, é nata e faz parte do sentimento de amizade que sente por tudo que é animado. «Essa a razão pela qual mantenho, na França, uma escola para 150 crianças e um asilo para velhos.

— Eu não sou apenas a cantora, a dançarina — disse Josephine, com ar sério e incisivo. — Sou, acima de tudo, a mulher que luta, com as fôrças que possui, pelo bem da humanidade. Diga ao seu povo que o Brasil é o protótipo da democracia. Não quero examiná-lo pelo prisma estritamente político, mas só o fato de ver brancos e negros, amarelos e pardos, judeus e católicos, de braços dados, andando pelas ruas, sem qualquer sombra de ressentimento, calou fundo em meu coração. Não se iluda o brasileiro e, especialmente, o negro, que não é em todo o mundo que as raças vivem assim».

*

Nessa altura, Minou, que estava dormindo no leito de Josephine, ronronou alto, virou-se preguiçosamente, olhando significativamente para Beauté, que estava sentada sob a penteadeira. Josephine levantou-se rápida e foi acariciar a gatinha. Deu-lhe alguma alimentação e explicou: «O senhor sabe, ela precisa se alimentar bem... enfim, vai ter gatinhos e precisa ser tratada com todo o cuidado».

E quando saímos, Josephine, a Estrêla de Paris, a Vênus de Ébano, a negra mais famosa do mundo, simples, com um turbante lembrando as baianas de Feira de Santana, foi ajeitar a cama para Minou e levar Beauté ao terraço, onde tomaria um banho de sol.

E a secretária de Josephine, atarefada, tratava de reunir os papéis de embarque, pois, além do passaporte da cantora e do seu, precisava tratar dos documentos dos únicos gatos do mundo que viajam de avião, dormem nos melhores hotéis, conhecem inúmeros países e todos, todos mesmo, os segredos da Vênus de Ébano.

GAÚCHOS DE 500 . . .

(Cont. da pág. 20)

Utilizam o cavalo, animal desconhecido nestas terras antes da descoberta do Brasil. Mesmo assim êsses índios não abandonaram seus velhos hábitos e ainda agora dançam o «Caracol», festa trazida até nós de longínquas eras. Um velho Kaingang me disse: Planto o trigo, porque o «bôlo» é bom!

Agora que a siderurgia e a extração do petróleo estão caminhando a passos largos para a realidade, realidade que nos trará uma época de industrialização acelerada, uma época de poder aquisitivo muitas vêzes maior, a agricultura, que forma o terceiro pé dêste tripé gigantesco do progresso, tem, deve e pode ser amparada e protegida. E, nesta mobilização de braços aliados às máquinas agrícolas, pode o Govêrno contar com o índio, inteligente e trabalhador. Êle formará, ao lado do colono e do mestiço, o rôdo que abrirá os sulcos na terra e semeará a semente que garantirá a fartura aos milhões de operários que integrarão as indústrias do Brasil de amanhã.

HISTÓRIA SEM FIM

(Continuação da pág. 50)

— Perdoe, Roberto mas já nos retiramos.

— Já Rosário?!... Faltam apenas cinco minutos para o «show». Você não quer apreciá-lo?

E o olhar de Sérgio foi pousar em Lia, que permanecia só em sua mesa.

— Não, Sérgio, há apenas um número novo e sinto-me fatigada... Você, Roberto, é um felizardo. Como não tem mulher para cuidar vá consolar a mulher do dr. Pimentel que prefere os «drinks» à espôsa.

— Com muito gôsto seguirei o seu conselho, Rosário.

Nunca apreciei muito a Lia que se apega fàcilmente a qualquer espécie de consolação, mas hoje tenho que lhe agradecer algo.

Sérgio pusera-se vivamente de pé. Rosário não sabia dizer se o motivo era o que as palavras de Roberto continham sôbre Lia ou a velada sugestão a seu respeito.

Desde então, passara-se quase um ano. Num momento, tôdas essas coisas desfilaram pelo espírito de Rosário e ela desejou fugir antes que Roberto se aproximasse dela, mas êle já se despedira do amigo e vinha em sua direção.

— Rosário, que se passa com você?... Quando a vi a sua imobilidade chamou-se a atenção. Estava aí, à minha frente, mas era como se não estivesse. Passaram vários carros sem que o percebesse. De repente, os seus lábios entreabriram-se e os olhos dilataram-se num transporte de dor. Julguei que estivesse sentindo qualquer padecimento físico e já ia correr em seu auxílio quando a vi olhar aflita para os lados, e então compreendi. Você sofre.

— Diga-me, que posso fazer para ajudá-la?

Notou que ela se retraía, e os lábios cerravam-se, na sua habitual expressão obstinada. Então, ligeiramente, disse:

— Vamos tomar êsse «lotação». Levo-a até sua casa.

Fazendo-se surdo aos seus protestos, tomou-a pelo braço, e subiu com ela ao carro.

Permaneceram silenciosos durante o trajeto, e ao chegarem ajudou-a a descer.

— Roberto...

— Escute, Rosário, não vou deixá-la sòzinha agora. Seja gentil e convide-me a entrar.

Sem outra alternativa abriu o portão e a seguir penetraram na sala.

— Rosário, gosto da sua casa. Ela se parece com você... E' agradável e simpática como a dona.

— Por favor... Não se julgue na obrigação de consolar-me...

— Rosário, será que você não compreende? Acredita que é um sentimento banal de consolação o que me aproxima de você?

HISTÓRIA SEM FIM

Vendo o seu movimento de protesto, num tom de voz diferente, aproximando-se da vitrola, propôs:

— Que tal se ouvíssemos uns discos?...

— Sim...

— Você tem «Adeus Guacira»?

Não, ela não tinha. Preferia música clássica.

— Eu também, mas não agora. Vou cantá-la para você. E' uma linda canção, muito doce e sentimental. Você há de gostar.

E Roberto cantou... A sua bela voz encheu a sala e durante alguns instantes ficou ressoando aos ouvidos estáticos de Rosário.

Fêz-se como uma trégua nos seus padecimentos.

Após alguns instantes de silêncio, respeitando o seu mutismo, Roberto insinuou brandamente:

— Rosário, está-se sentindo melhor, não? Agora você vai contar-me tudo.

— Não, Roberto, nada tenho de novo para dizer-lhe. Você sabe tão bem quanto eu o que se passa. Está uma tarde tão linda. E se fôssemos até à praia?

— E' boa idéia...

Quando lá chegaram, o sol, numa apoteose de ouro começava a esconder-se. Ficaram admirando o disco luminoso que aos poucos ia desaparecendo por trás das montanhas côr de violeta.

Depois que mergulhou totalmente, um grande halo dourado permaneceu ainda iluminando o céu.

Uma doce penumbra envolvia a terra.

Roberto tomando a mão de Rosário, caminhou com ela pela areia. Já era quase noite quando chegaram ao fim da praia. Encostando-se à muralha que contornava os grandes rochedos, fitando-a com os seus olhos ternos e meigos, Roberto começou a falar-lhe carinhosamente.

Rosário, empolgada pelo esplendor do céu, deixava-o falar.

O desaparecimento gradual da luz tinha um efeito suavizante na sua alma dolorida. A beleza do mar, onde as gradações de luz doirada misturavam-se ao reflexo vermelho das nuvens, impressionavam a sua alma tão sensível ao colorido como a de uma pintura. Nela, só a beleza atenuava o sofrimento moral.

Como poderia Roberto perceber isso? Jamais poderia haver conciliação entre o caráter superficial de Roberto e a sua pessoa que só as coisas intangíveis exaltava.

Sabia quanto eram mentirosos êsses olhos de expressão cariciosa. Era assim que êle olhava para tôdas as mulheres.

Mas sentia-se tão desamparada que, inconscientemente, começou a prestar atenção às suas palavras. Havia um acento de sinceridade nelas, e por um momento, Rosário deixou-se embalar pela doce ilusão que elas criavam.

Quando êle se aproximou mais para beijá-la, não se furtou ao abraço, e os seus lábios se encontraram.

Mas a imagem de Sérgio veio interpor-se entre êles. Inerte, deixou-se ficar entre os seus braços.

Olhou para os últimos clarões que vinham morrer na praia, e que na areia molhada semelhante amálgama de ouro e mercúrio. Subindo, na areia branca e lisa, tomavam um tom de âmbar. Logo depois, as depressões profundas, parodiavam vales minúsculos... E nas pequenas dunas, ondulações pequeninas e simétricas desenhavam curvas sinuosas...

E, enquanto êle a beijava, indagava como poderiam ter sido feitas. Imaginou que um bando de fadas tivesse ali passado deixando na areia fina a impressão dos pés delicados. Nenhum pintor tentara jamais reproduzi-las, e ela nunca as vira senão projetadas na tela soberba daquele quadro inimitável.

Surpreendeu-o com a inesperada pergunta:

— Como pode você beijar com tanto ardor uma mulher a quem não ama?

Os seus olhos demonstravam aborrecimento e enfado diante da imprevista interrupção. Aquêle beijo, finalmente concedido, prelibava o gôzo de uma intimidade maior. Assim desafiado, respondeu, cruel, não desconhecendo quanto era profundo o amor que ela nutria por Sérgio:

— E você, gosta acaso de mim?

O palpitar de um sonho apenas entrevisto, o perpassar ligeiro e impreciso de uma ilusão, qual espírito sutil que adejara em tôrno do corpo anelante, afastou-se desalentado...

Não, não, era êle. Era apenas o Roberto de sempre...

E os seus lábios, para não dar uma explicação inútil, buscaram os dêle, e o impulso momentâneamente os uniu, fez calar as locubrações daquele espírito insatisfeito e silenciou os anseios daquela alma sedenta de ideal.

A volúpia se insinuara entre êles, e já não era possível reviver a história sentimental de dois corações.

Enquanto o carro corria, êle satisfeito, aplacado o receio que o alarmara por um instante diante do novo obstáculo que teria que enfrentar nela, disse:

— E' pecado, mas é gostoso não Rosi?

Ela, para não decepcioná-lo, disse àlacremente:

— Sim, Pierre, não é um bom pecado mais é um pecado bom...

— Pierre?!...

— Oh! perdoe-me, Roberto. Estou sempre pensando em Pierre...

Lembrando-se da peça que assistira com ela e Sérgio, meses antes, o desânimo tornou a dominá-lo. Voltando-se para o «chauffeur», disse:

— Depressa amigo, temos que parar ali adiante, e, depois, seguir para o Hotel.





A qualidade
é essencial
na alimentação.

EXIJA

AYMORÉ

Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!



A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!



GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

WEEK-END NA COZINHA

VARIADAS SUGESTÕES

★ Não esqueça de satisfazer de quando em quando a ancestral predileção masculina por uma boa costeleta.

★ *Para acompanhar mais sòlidamente o café da manhã prepare torradas quentes cobertas de purée de maçãs e salpicadas de torresmos.*

★ Uma boa idéia: um jarro grande cheio de chá gelado, com copos pelo meio do mesmo e completados por ginger-ale, com uma rodela de limão. O açúcar, cada um porá a gôsto, pois há muitos que preferem sem açúcar.

★ *Uma boa omelete, com môlho de queijo, milho e batatas assados no forno tem às vêzes maior atração que um jantar num bom restaurante.*

★ Se o dia der para sorvete, prepare um misturando abacaxi ralado (ralo muito grosso), geléia de hortelã e creme de baunilha.



★ *Marshmallow é muito bom para cobrir tortas, e em alguns casos pode ser salpicado de pistaches ralados.*

★ As cebolas destinadas ao hamburger devem ser fritas em manteiga antes de incorporadas, e a manteiga aproveitada na mistura.

★ *Canapés gigantes: Uma fatia de pão de fôrma torrada, uma fatia de tomate frito bem temperado, um ôvo poché e môlho de queijo. (Em que estilo? No seguinte, se é que você entende algo de espanhol: "Ventana sobre ventana, sobre ventana balcon, sobre el balcon-una dama, sobre la dama una flor".)*

★ Uma salada de batatas bem feita é uma refeição completa juntamente com fatias de carne fria. Deixe de môlho no limão, já cortada, a cebola a ser usada na salada.

★ *A apreciação de uma salada de abacates depende do seu gênero de educação. Ponha à prova um amigo oferecendo-lhe uma salada de abatacate com maionnaise.*

★ A indispensável sopa pode adquirir muito "glamour" com êste acompanhamento: tiras finas de pão mergulhadas em manteiga derretida, passadas em amendoim ralado e depois torradas na chapa.

★ *Parece uma loucura, mas há muita coisa boa que também parece: ponha um pouco de açúcar prêto na panela enquanto estiver esquentando a sopa de tomates para servir.*

★ Despeje um pouco de melado pingado de licor de hortelã em cima de um sorvete de creme e salpique com nozes raladas.

★ *Quando o franguinho estiver assando, esprema sôbre êle uma laranja. Tempere então com sal e pimenta do reino. Sirva com acompanhamento de salada de agrião e gomos de laranja sem a pele. Tem gôsto de Paris.*

★ Recheie tomates para saladas com a seguinte mistura: queijo verde com gema amassada de ovo cozido e um pouco de maionnaise.

NESTE MÊS VAI S FRER OUTRA VEZ

Esta pergunto dirigimo-la a v prezada leitora. A você que, c mulher, está sujeita todos os m aos terríveis males resultante do funcionamento de seus órgãos fe ninos. Terríveis males sim por além de transformarem a sua e tência num verdadeiro martírio gotam com rapidez a sua saúde sua mocidade, a sua beleza.

Ponha um ponto final neste ca tulo de amarguras. Não sofra m neste mês e em nenhum outro de sua vida. O Regulador Xavier O Nº 1 ou o Nº 2, conforme o caso — afastará definitivamente seus males, restituindo-lhe a sa e com ela a beleza, a mocidade boa disposição física e moral. O gulador Xavier é fabricado em d fórmulas diferentes — O Nº 1 e Nº 2 — de acôrdo com as nature diferentes dos males femininos. Nº 1 se aplica nas regras abund tes, repetidas, prolongadas, hem ragias e suas conseqüências: do vertigens, insônia, nervosismo, tio, etc. O Nº 2 se aplica na f de regras, regras atrazadas, susp sas, diminuídas e suas conseqü cias: anemia, cólicas uterinas, res brancas, insuficiência ovaria etc. O Regulador Xavier lhe d saúde todos os dias do mês e to os meses do ano.

Respostas ao teste

1—Tudo
2—Portador (por levar o mundo às costas)
3—Ignora-se
4—Os gatinhos
5—Gates
6—Por ter escrito «A Cabana do Pai Tomás»
7—1807
8—Abril de 1875
9—A Astrologia
10—317
11—Nero
12—No de Nicéia
13—O coelho
14—Casado
15—60 horas e 14 minutos.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente o sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário demasiadamente volumosos, u BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HOR MON, à base de hormônios é u preparado moderníssimo, eficien te de aplicação local e resultado imediatos. Adquira-o nas farm cias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil Sociedade Farmacêutica Quintin Pinheiro Ltda. — Rua da Cario ca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pi nheiro Ltda. — Queiram enviar-m pelo Reembôlso Postal um vidr de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,0



O CINQÜENTENÁRIO DO FLUMINENSE

SEGUE

Instante solene das comemorações do cinqüentenário do Fluminense. um dos sócios fundadores, Álvaro Drolhe da Costa, hasteia o primeiro pavilhão tricolor.



Dr. Mário Polo, grande benemérito do clube das Laranjeiras, lendo a mensagem da geração do cinqüentenário à do centenário, que será comemorado em 2002.

COMO SURGIU O CLUBE DAS LARANJEIRAS ★ O PRIMEIRO JÔGO ★ O PRIMEIRO CAMPEONATO ★ OS TÍTULOS DE CAMPEÃO QUE POSSUI ★ A MENSAGEM DO CINQÜENTENÁRIO À JUVENTUDE TRICOLOR DO CENTENÁRIO

Texto e fotos de LEVY KLEIMAN

MAIS um clube carioca atingiu o cinqüentenário: o Fluminense Futebol Clube, a aristocrática agremiação das Laranjeiras. A história do Fluminense é a própria história do esporte no Brasil, tal o acervo de iniciativas em prol do lema "Mens sana in corpore sano".

Em Julho de 1902 um grupo de rapazes do Rio foi jogar futebol em S. Paulo, e na volta veio com o propósito de fundar um clube. Na residência de Horácio da Costa Santos, na rua Marquês de Abrantes, 51, surgiu o Fluminense Futebol Clube. Foram considerados sócios fundadores os 20 rapazes presentes, e eleito presidente o Sr. Oscar Cox. O nome de **Fluminense** surgiu da designação, em uso na época de fundação, tanto para os habitantes do Estado do Rio como para os do Distrito Federal.

Na Assembléia-Geral de 17 de Outubro de 1902, a comissão incumbida de alugar um campo anunciou que conseguira um sucesso: arrendara, por 100$000, ao Banco da República, o terreno da rua Guanabara esquina de Rosso, onde havia uma chácara. Em 1905 o Banco da República vendeu o terreno a Eduardo Guinle que, demonstrando a sua confiança nos dirigentes do clube, construiu por iniciativa própria a primeira arquibancada dos campos cariocas, no valor de 25 contos.





A nadadora Ana Lúcia de Santa Rita foi escolhida rainha da Bandeira Vermelha, na olimpíada tricolor, em comemoração ao seu cinqüentenário.

A estréia do Fluminense em jogos de futebol verificou-se no dia 19 de Outubro de 1902, contra o Rio Futebol Clube, no campo do Paysandu. Os organizadores da partida fizeram imprimir convites com os seguintes dizeres: "Association-Football" — "Match to be played at the Paysandu ground on sunday the 19th October 1902 — Fluminense F. C. v Rio F. C.". O Fluminense venceu de 8x0, "goals" de Horácio Santos (3), Heráclito de Vasconcelos (2), Felix Frias (1), Eurico de Morais (1) e A. Simonsen (1). Foi êste o time: Américo Couto; M. Frias e V. Etchegaray (capitão); Mário Rocha, Oscar Cox e W. Schuback; A. Simonsen, E. Morais, Costa Santos, H. Vasconcelos e F. Frias.

Na segunda partida, no dia 26 de Outubro de 1902, contra o Paysandu, o Fluminense não foi feliz: perdeu de 3x0.

Em 1903 o Fluminense fêz a sua estréia em jogos interestaduais, em São Paulo. Empatando o primeiro prélio com o Esporte Clube Internacional, a 6 de Setembro, por 0x0, no dia 7 derrotou o Clube Atlético Paulista, e, no dia 8, venceu por 3x0 ao São Paulo Atlético Clube, campeão paulista. O conjunto do Fluminense, que obteve a primeira vitória interestadual, jogou assim formado: Cruisckshank; J. Robinson e V. Etchegaray; E. Etchegaray, A. Wright e F. Moreton; C. Robinson, H. Costa Santos, E. Cox, H. Vasconcelos e F. Frias. Marcaram os "goals" do clube vencedor: C. Robinson e Edwin Cox.

Em 1904 o Clube Atlético Paulistano, retribuindo a visita do Fluminense, veio ao Rio. Foi no dia 14 de Agôsto. Para acomodar o público o grêmio das Laranjeiras construiu uma arquibancada de madeira que custou 330 mil réis, e o campo foi cercado com uma corda, para evitar invasão do público. Pela primeira vez em campos cariocas e talvez no Brasil foram cobradas entradas. A renda foi de 1:932$000, que não deu para as despesas. Foram vendidos 996 ingressos a 2 mil réis cada um.

A bela atleta tricolor, Anita Linch, foi a porta-bandeira do pavilhão nacional no desfile realizado no estádio do Fluminense, na manhã do domingo, dia 20 p.p.



A tenista Teresinha Del Panta marchou à frente da Bandeira Branca, na qualidade de rainha da equipe, no grande desfile que o tricolor realizou.



A bela Rita Maria Benito Ribeiro desfilou como rainha da Bandeira Verde na olimpíada com que os tricolores comemoraram os seus cinqüenta anos.

Em 1905, no dia 16 de Julho, o Clube Atlético Paulistano voltou a exibir-se no campo da rua Guanabara, e, depois de ter perdido o primeiro jôgo, no dia 14, venceu ao Fluminense por 3x2. Esta partida foi assistida pelo Presidente da República, Dr. Rodrigues Alves. Era a primeira vez que, no Brasil, um chefe de Estado prestigiava com a sua presença um prélio de futebol, cuja assistência foi calculada em 2.500 pessoas, um bom público para a época.

O primeiro campeonato carioca de futebol foi vencido pelo Fluminense. Foi em 1906, após a fundação da Liga, com as vitórias sôbre o Paysandu por 7x1, Botafogo por 8x0, Bangu por 4x0, Rio Cricket por 2x1, Football Athletic por 7x0, no turno. Botafogo por 6x0, Bangu por 2x0, Rio Cricket 4x1, Football Athletic 11x0. E uma derrota ante o Paysandu por 3x1, no returno. O primeiro "goal" do Fluminense, no campeonato carioca de 1906, contra o Paysandu, foi marcado por Horácio da Costa Santos.

Até hoje o clube tricolor já conquistou os títulos metropolitanos de futebol de 1908 (invicto), 1909 (invicto), 1911 (invicto); depois o célebre tricampeonato 1917 — 1918 e 1919 com o time: Marcos; Vidal e Chico Neto; Laís, Osvaldo Gomes e Fortes; Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bachi. Em 1924, já no profissionalismo, o tri-campeonato de 36, 37 e 38 com outro time famoso: Batatais; Guimarães e Machado; Marcial, Brant e Orozimbo; Sobral, Romeu, Russo, Lara e Hércules. 1937 — 1938 — 1940 — 1941. Em 1946 o supercampeonato com: Robertinho, Guálter e Haroldo; Pedro Amorim, Ademir, Simões, Tim e Hércules e 1951 com: Castilho; Píndaro e Pinheiro; Vítor, Edson e Lafayette; Telê, Orlando, Carlyle, Didi e Joel.

Na véspera do cinqüentenário conquistou o Fluminense uma grande vitória internacional derrotando o Peñarol, pela "Copa Rio", por 3x0.

Assim como tem brilhado no futebol, seu principal esporte, o Fluminense dedica especial carinho as outras modalidades esportivas, tais como o tênis,



Desfila a equipe de esgrima do tricolor, tendo à frente a atiradora Heliodora C. de Mendonça, filha do grande goleiro do passado, Marcos de Mendonça.

O CINQÜENTENÁRIO DO FLUMINENSE



As bandeiras do Fluminense, conduzidas pelas suas atletas, deram um colorido vivo ao desfile do cinqüentenário. Logo em seguida marcha a atual diretoria.



basquete, volei, natação, atletismo, esgrima, tênis de mesa, water-polo, tiro ao alvo e xadrez, nos quais conquistou inúmeros campeonatos.

Todavia, 1951 foi o ano de ouro do Fluminense no futebol, obtendo todos os títulos da cidade, o de juvenis, aspirantes e profissionais, façanha que outro não conseguiu.

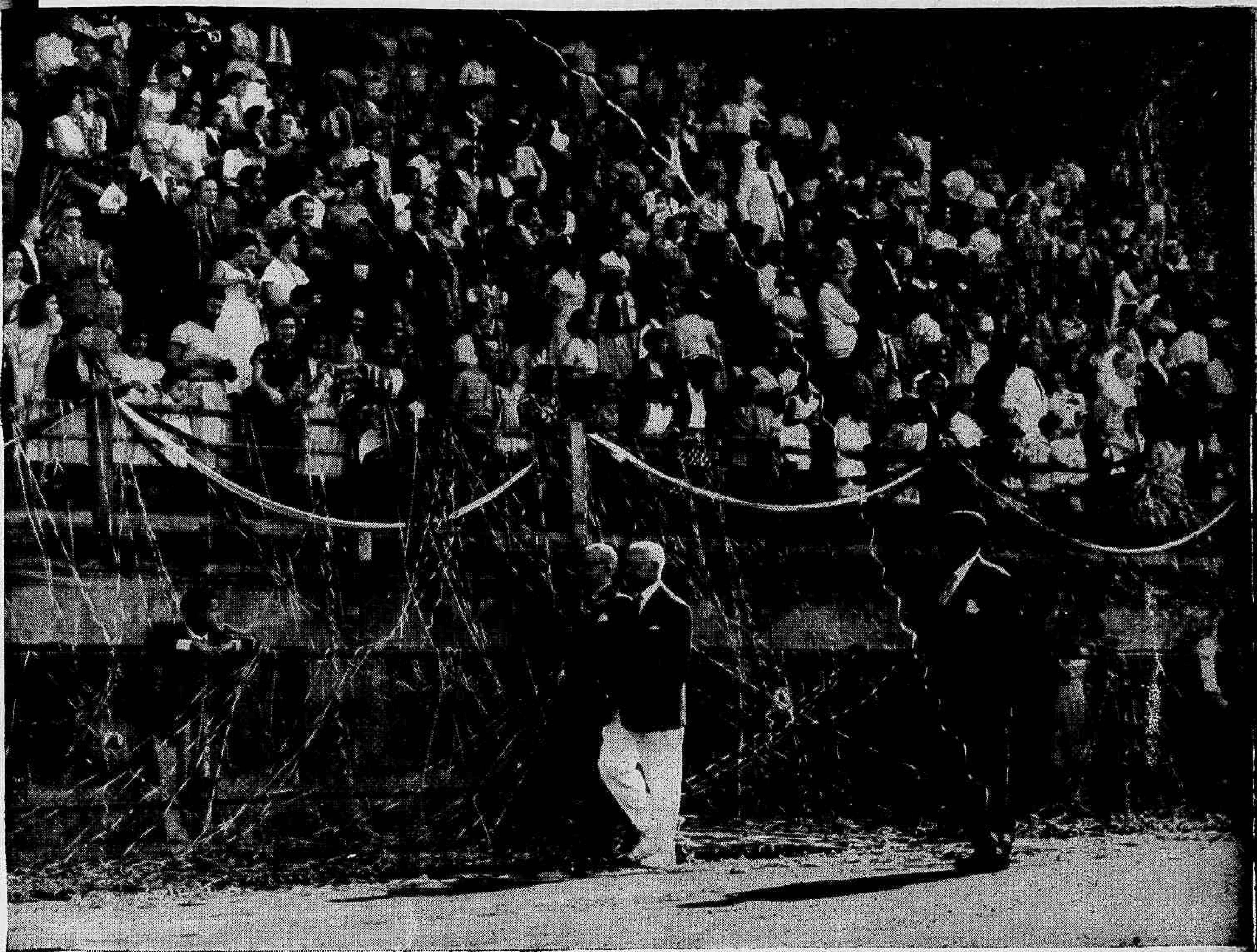
A maior glória do Fluminense foi a conquista da Taça Olímpica em 1949, troféu destinado, pelo Barão de Coubertin, a premiar aquêle que, a juízo do Comitê Olímpico Internacional, mais fêz em prol do olimpismo e do esporte.

Torna-se impossível descrever em tão poucas linhas a trajetória brilhante do Fluminense nestes cinqüenta anos. Paulo Coelho, filho do saudoso escritor Coelho Neto, conseguiu numa obra de fôlego resumir em 415 páginas a "História do Fluminense" neste meio século de existência do tricolor desde o seu primeiro campo até a suntuosa sede da rua Álvaro Chaves, e a sua magnífica praça de desportos, com campo de futebol, piscinas, ginásios, quadras de tênis, "stands" de tiro ao alvo. O livro é, sem dúvida, uma grande contribuição para a literatura esportiva.

O Fluminense, clube modêlo do esporte brasileiro, comemorou com grande gala o seu cinqüentenário, realizando na véspera da data comemorativa, um magnífico desfile, com a participação de atletas do passado, presente e futuro, êstes representados pelas crianças que conquistaram o título de campeões dos "Jogos Infantis" de 1952.

O ponto culminante das cerimônias foi a leitura da mensagem à juventude do centenário em 2002. O Sr. Mário Polo deixou o seu leito de enfêrmo para ler o pergaminho, que depois foi colocado num envólucro de prata, devidamente lacrado, e entregue ao neto do veterano Lais, o menino Gilberto Morais de Castro. Foi bastante emocionado que o grande benemérito do Fluminense leu a mensagem que transcrevemos abaixo:

O passado confia ao futuro o canudo de prata com a mensagem dos tricolores de 1952 aos de 2002. Mário Polo ao menino Gilberto M. de Castro, neto de Lais.



Sob uma chuva de confetes e serpentinas, abrem o desfile três sócios fundadores: da esq. para a direita, Júlio Morais, Álvaro Drolhe da Costa e Américo Couto.

"JUVENTUDE TRICOLOR de 2002:

Ouvi em silêncio e concentração a mensagem que da geração fundadora recebeu a juventude tricolor de 1952, formada no estádio, pelo cinquentenário do clube, para vos ser entregue e por vós lida, ao comemorardes o centenário. Enfileirados ao vosso lado, comparecem os homens, que eram os jovens de Julho de 1952. Mas a geração que vos fala, essa já aqui não está mais. Tombou para sempre, à imposição da natureza humana. Estais ouvindo, pois, a palavra viva dos mortos, o sentido imortal do espírito tricolor.

O momento não sofre a emoção da lágrima. Recordai e evocai os que vos foram caros — pais e avós — sem a memória armada em funeral, mas na saudade colorida em festa. O Fluminense de 2002 é o triunfo que continua. Temos certeza de que a juventude do cinquentenário soube cumprir a missão que lhe entregamos. E de que a juventude do centenário prosseguirá na obra comum de abnegação, de sacrifício, de amor à bandeira que se prosterna ante as mãos iluminadas que a abençoam do alto do Corcovado.

Voltai os vossos olhos para a imagem de Cristo como a fixamos na hora da mensagem. Na convergência dos olhares de ontem e de hoje nos reencontramos no tempo e sôbre a terra.

JUVENTUDE TRICOLOR DE 2002

Ouvi em silêncio e concentração o encerramento desta mensagem gravada no pergaminho da história. Revezai-a com a juventude de 2052 para a continuidade de glória do Fluminense. — 21-7-52.

Foi uma bela festa desportiva na qual tomaram parte, numa demonstração de pujança, os atletas do passado, presente e futuro de tôdas as modalidades que pratica o Fluminense. Medalhas reluzindo ao peito dos veteranos e dos jovens, prova evidente dos louros conquistados individualmente para o clube que mais tem trabalhado pela causa desportiva em nossa pátria — Fluminense Futebol Clube, detentor da Taça Olímpica.



A Sra. Maritana de Castro empunhou nas comemorações do cinqüentenário a primeira bandeira do clube, a de 1902, branca e cinzenta, substituída pela tricolor.

A SAÚDE DO BEBÊ

Necessidades de prevenir a sífilis na criança

DR. SABOIA RIBEIRO

A herança dessa infecção, em virtude da qual tantos indivíduos já nascem nitidamente estigmatizados, outros, sob uma aparência sã, mais tarde sujeitos às suas múltiplas e larvadas manifestações, constituiu, sempre, objeto de sérias preocupações dos cientistas. Daí um trabalho acurado porque fôsse o produto da concepção protegido contra ela, mediante um tratamento da gestante de molde a beneficiá-lo e datando o mais cedo do início da gravidez.

A natureza, sempre sábia, já por si faz essa profilaxia, não permitindo, em muitos casos, prossiga a gestação, com a morte do ôvo, do embrião e até do feto — a verdade é que, na maioria das vêzes, dos dois primeiros (até o sexto mês).

Mas, com referência à sífilis congênita, existe um fato curioso. E é que, depois de algumas gravidezes interrompidas, pela morte ou do ôvo ou do embrião, sucedem-se outras, em que a gestação prossegue até o fim, nascendo criança com vida e, às vêzes, até com aparências de sã. Por outros têrmos, após uma série de abortos, dá-se o nascimento de fetos a têrmo. A explicação, sem dúvida alguma, é que, a cada gestação, a infecção atingindo maciçamente o produto da concepção, provoca, ao mesmo tempo, reações sorológicas no organismo materno, como resposta. E essas reações ocasionam, necessàriamente, uma atenuação do germe sifilítico, nêle; daí que, em face de novas gravidezes, o ôvo e o embrião resistem com vida à nova infecção, vingando ao fim de tudo.

Não obstante, gestantes que tais são sifilíticas, e não raro a criança é portadora de estigmas que mostram claramente, nela, a presença do mal. Não são, na maioria das vêzes, lesões externas, atingindo a pele e as mucosas visíveis, o que, mais costumeiramente, se encontra como expressão da sífilis na criança. A sífilis do recém-nascido e da criança, nos primeiros meses, revela-se, antes, pelas anomalias de conformação, ou lesões mais profundas, viscerais, ósseas. Atribuem-se-lhe, outrossim, certos desvios glandulares, vícios congênitos de determinados órgãos, paradas de desenvolvimento de outros.

E, assim, quando a sífilis não mata, muitas vêzes, fere, indelèvelmente, a criança. Dêstes efeitos, nela, dos mais desastrosos, são os que atingem as glândulas, notadamente a tireóide e a hipófise, trazendo, na primeira hipótese, as costumeiras desordens da inteligência, na última, malformações diversas (mãos, pés, dentes).

A preocupação constante em prevenir êsses males na descendência justifica-se, assim, por si mesma.

Há muito está comprovada a eficácia do tratamento anti-sifilítico durante a gestação, de modo a evitar semelhantes manifestações no recém-nascido, ou mais tarde. No entanto, é preciso investigá-la não sòmente quando há antecedentes de abortos sucessivos ou outros que a indicam. Essa investigação, em todos os casos, procede sempre, quando menos, por ocasião da primeira gestação, logo em comêço. A precocidade do tratamento é perfeitamente compreensível uma vez que, tardiamente feito, já a infecção atingiu o produto da concepção nos seus primeiros tempos de desenvolvimento e, assim, já ocasionou lesões ativas e, acaso, irremovíveis.

E', pois, o diagnóstico da sífilis um dos primeiros cuidados a ter na gestação.

Do tratamento e sua eficácia não há mais dúvidas, e simplifica-se, hoje, mediante métodos rápidos de cura, à frente dos quais está o que se vale da penicilina para um tratamento em poucos dias.

CONTOS PARA A "REVISTA"

Em face do grande acumulo de contos, a redação resolveu suspender o recebimento de novos originais. Os que foram recebidos até agora serão julgados e os aprovados serão publicados.

ADORAÇÃO

(Cont. da pág. 26)

lançar em seu rosto todo o meu desprêzo! Falar-lhe dos dias que vivi, das noites que passei detestando tôdas as mulheres! Ingratas! Inconsequentes! Cruéis! Até que enfim, hoje era o meu dia! Sim, eu também queria falar, rir, ironizar! Então pensava que só você é que podia me enganar? Me desprezar? Me passar para trás? Não! Isso não ficaria assim. Bem que custou, mas meu dia de vingança veio. E foi bem feito assim. Se desse mais valor ao meu carinho, não estaria agora abandonada, sem ter para onde ir. Tarde de mais! Não me interessaria mais!

Mas, de súbito, pegando neste bloco de lágrimas molhado, começo a escrever a lápis esta história, para que o ranger da pena no papel não vá despertar nem perturbar o tranquilo repouso de seu corpo...

E, enquanto escrevo, choro de alegria, porque você voltou!...

HISTÓRIA SEM FIM

(Continuação da pág. 23)

Da enorme turma era talvez o único que permanecia solteiro, e por isso ficara entre ela e o seu marido. Conversavam sôbre generalidades.

Rosário reparou no marido de Lia, o dr. Pimentel, que já tomara várias taças de champagne, e ria ruidosamente.

Passaram enfim para o «Grill-room» onde assistiriam ao «show» da meia-noite.

Sentaram-se a mesinhas separadas. Dr. Pimentel ficara no Bar. Seu marido dançava com Lia, para distraí-la. Quando ficou só na mesa pela quinta vez, pensou que êle estava exagerando um pouco o seu papel de consolador. Procurou-o com os olhos entre os pares enlaçados e a expressão ardente do seu rosto muito próximo ao dela, causou-lhe dolorosa impressão.

Quando se voltou, os olhos guardando ainda a desagradável visão, encontrou os olhos azuis de Roberto. Êle aproximou-se de sua mesa e convidou-a para dançar.

Não, ela não tinha desejo nenhum de dançar, mas não podia ficar tôda a noite sòzinha à sua mesa. Faria como a Lia, trataria de esquecer...

Sempre grave e comedida, tornou-se alegre e provocante aquela noite, e Roberto ficou maravilhado com a sua vivacidade.

— Rosário, como você está diferente hoje... Sempre a admirei muito, mas achava-a muito fria e distante.

— Mas se me conheceu esta noite, não acha um tanto precipitado o juízo que faz a meu respeito?

— Hoje, tive o prazer de falar-lhe, mas já a conhecia antes. Sou amigo de seu marido, e entre colegas, comenta-se a vida uns dos outros. São várias as opiniões a seu respeito. Os que freqüentam a sua casa, julgam-na um tanto orgulhosa...

— Então, a minha insignificante pessoa é assunto de palestra de tão eminentes doutores!... Você me deixa surprêsa. Eu sou a mais simples das criaturas.

— Sim, porém é preciso conhecê-la de perto. Como vê, a sua atitude anterior também me enganou.

— Mas, Roberto, como pode ter a certeza de estar agora com a verdade? Talvez seja o efeito do champagne...

— Você está bem certa de que é o efeito do champagne?...

O sentido dúbio da frase chocou-a. Viu que Roberto também reparara na assiduidade de Sérgio junto a Lia.

Soaram os últimos acordes do «bolero» e a orquestra emudeceu.

Já era a terceira vez que dançava com Roberto, e o seu desejo era ir para junto de Sérgio, chegar depressa a casa, apagar a penosa impressão sentida.

A voz de Roberto, persuasiva, chegou-lhe aos ouvidos.

— Vamos dançar êsse tango...

— Não...

— Veja, Sérgio continua dançando.

— Então, sigamos seu exemplo...

Puseram-se a dançar novamente. Roberto ficara calado e um significativo silêncio reinou entre os dois.

Continuaram bailando por algum tempo, até que Rosário, vendo Sérgio conduzir Lia até sua mesa, pediu a Roberto que a levasse também à sua.

— Então, filhinha, divertindo-se?

— Sim, Sérgio, bastante... «Seu amigo é um perfeito cavalheiro». Acentuara bem as últimas palavras, olhara para o marido que, desviando os olhos, convidou o colega para sentar-se à mesa.

(Cont. na pág. 42)

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Lido... Visto... Ouvido...

Por motivo de fôrça maior, deixa de sair neste número a seção "LIDO... VISTO... OUVIDO" que tanto tem agradado aos nosso leitores. Mas, na próxima edição, será a mesma restabelecida com a continuidade necessária e que vinha sendo observada rigorosamente.

A REDAÇÃO

CORREIO DA REVISTA

● B.C. DA S. — Rio — Não foi possivel aprovar seu conto «Na Taberna», cujo tema muito se parece com aquela famosa «Noite na Taberna» de Alvares de Azevedo. Os contos de horror não têm mais razão de ser. Não há quem acredite em fantasmas e assombrações do outro mundo. Para apreensões e muito tino, basta mesmo êste nosso mundo.

● D. de H.C. — Recife — Não empregue nomes de personagens fáceis de encontrar-se na vida real. Nada mais incômodo do que o escritor escolher, sem qualquer intenção de atingir terceiras pessoas, certos nomes para personagens de seus contos, e encontrar uma pessoa com igual batismo. Se a personagem da ficção é digna de todo respeito, vá lá; mas, quando o homônimo é um sujeito repugnante e deplorável? Isso não é meio de fazer literatura, e sim de arranjar inimizades. Seu conto, «O coronel F. de Tal» não foi aprovado.

● OMAR MACHADO — Rio — Está aprovado o seu conto «Uma História de Natal».

● J.F.D. — Belo Horizonte — O seu conto «Lidia me ocultava um segrêdo» não passou pela Comissão de Julgamento.

● LIZA M. — Rio — Não foi aceito o seu conto «O Homem Só». Além de conteúdo fraco, há muitos erros de português. Procure outros motivos e se aperfeiçoe em nosso idioma.

● JAIME DE RANVILLE — Itapetiginga — São Paulo — Foi aprovado o seu conto «Memórias de um Juiz». Continue a mandar-nos os seus trabalhos dêsse gênero. Está muito bom o atual.

● G.H.L. — Rio — Literatura para contos é uma coisa; descrição de um episódio, outra muito diferente. O amigo precisa aperfeiçoar-se na técnica de contos, estudando ou... lendo bons autores.

● T.D. de S. — S. Paulo — Não abuse de termos matutos. Isso afeia a produção literária e aborrece o leitor que não sabe ler tantos modismos roceiros.

A MEDALHA DE OURO DO ATLETISMO

(Cont. da pág. 12)

O primeiro telegrama que recebeu, três horas depois da prova, foi-lhe enviado de Tóquio pelo antigo recordista da prova, Naoto Tajima, com as seguintes palavras em inglês: — "Congratulation to your champion ship with splendid record, a) Naoto Tajima — Tokio. (Champion ship holder in Berlim Olimpic).

O mais interessante é que Ademar começou jogando futebol como centro-médio na várzea paulista e acabou indo dar uns chutes no S. Paulo F. C., onde o técnico de atletismo pediu que passasse a praticar o desporto-base, no qual se especializou no salto tríplice, tendo conquistado 74 medalhas e 15 troféus. Tem 24 anos, trabalha na Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de S. Paulo, e é aluno do curso clássico do Ginásio Ipiranga. Dietrich Gerner é o técnico que o preparou em tôda a sua carreira esportiva, e que criou o sistema de treinamento que levou a Ademar Ferreira da Silva a medalha de ouro das Olimpíadas.

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER, NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

À LUZ DA PSICANÁLISE

CIUMES

Pelo DR. LUIZ FRAGA

GEORGINA DO CARMO, de 18 anos, estuda na Faculdade de Filosofia e procura-nos porque, diz, sofre tanto pelo fato de ser ciumenta que tem insônia e anorexia (falta de apetite).

GEORGINA — O doutor poderia explicar-me a razão de tudo isto? Sim, digo a razão porque o meu noivo, ao que me parece, é correto e leal. Eu é que alimento a idéia de ser traída.

— E' um sentimento primitivo que é encontrado após uma análise muitas vêzes laboriosa. A emoção egoista dá-nos exemplos palpáveis. Você alimenta um ideal absurdo: possuir, sem restrições, a vida e as atividades de seu noivo. Se por vêzes, à sua presença, mostra resignar-se, não faz mais do que apresentar uma forma malograda do pesar... a resultante de duas correntes: duma parte a dor moral, o pesar, que se traduz, como você mesma o confessa, pela prostração, pelas lágrimas ou pelas crises de nervosismo; doutra parte, uma noção intelectual, a do irreparável, do irremediável, da inanidade de todo o esfôrço. Sobrevem, depois, a melancolia (combinação de alegria e de tristeza), o pudor — que é a representação do amor próprio e mêdo, ou o sublime que é a representação do mêdo — confiança e alegria...

GEORGINA — Creia, doutor, tenho estudado e me dedicado com afinco aos livros que me possam elucidar pela razão...

— A razão exerce pouco influência sôbre os nossos atos, ao menos diretamente. Nossa conduta seria pois emotiva ou passional, deixando pouco lugar ao poder pessoal, à vontade, à reflexão e ao govêrno de nós próprios, se a vida sentimental não nos fornecesse um intermediário feliz que tem bastante plasticidade e ponderação para se dobrar e se subordinar à nossa reflexão e à nossa inteligência. Por outro lado, conserva bastante poderio sôbre nossa organização prática e ativa, para se fazer obedecer e nos fazer agir. E' então, por esta forma indireta que, para a generalidade dos indivíduos, o conhecimento, o saber, a razão pode influir na ação e que a educação se torna possível, pelo menos até certo ponto. A vida sentimental de cada um de nós é a alavanca de que se serve a vontade racional para determinar a razão a nossa conduta. A razão e a ciência quando entregues a si mesmas seriam impotentes. Carácteres mais difíceis para adquirir, são o faro, o tato, a fineza, a delicadeza, a despeito de serem os mais necessários para a ação moral, pois têem os seus elementos na vida sentimental.

x x x

ERLINDA — São Paulo — A psicologia fala a propósito do desejo, como de um elemento dinâmico e ativo, de um movimento, de um impulso do coração, da vida interior que se livra de um sentimento causado por uma carência para se dirigir para um prazer.

PAULO — Belo Horizonte — Acima do plano da espontaneidade, acha-se o plano da reflexão.

GUSTAVO — E. do Rio — Se a percepção exterior encadeia as sensações num plano idêntico para todos os homens, é porque êste encadeamento é guiado por sua utilidade.

BERENICE — Petrópolis — Há um minimo de excitação que é definido pela produção da menor sensação de que tenhamos consciência.

GILBERTO — Fortaleza — O campo da atenção é muito estreito para cada instante de nossa vida psicológica e tende a variar sem cessar, e a se transformar ocasionando um outro estado de consciência, quando a necessidade de ação força nosso espírito a se aplicar a outra cousa.

CUPÃO

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....





Um cinturão humano cercou a igreja de N. S. da Glória do Outeiro para assistir ao casamento de Marlene e Luís Delfino. Eram mulheres e crianças, em sua grande maioria. Em baixo, a noiva chega ao templo com quarenta minutos de atraso, conduzida pelo braço de seu padrinho, sr. Luís Capriglione.

O CASAMENTO DE MARLENE



CINTURÃO HUMANO EM TÔRNO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO ★ O VESTIDO DO CASAMENTO CUSTOU QUINZE MIL CRUZEIROS ★ EMILINHA BORBA E PAULO GRACINDO FORAM OS PADRINHOS DO ATO CIVIL

Texto de MILTON SALLES
Fotos de ALBERTO FERREIRA

HÁ muito o Rio não assistia a um fato dessa ordem: milhares de pessoas, em sua grande maioria mulheres e crianças, deslocando-se dos bairros mais longínquos da Cidade Maravilhosa para assistir ao casamento de Marlene e Luís Delfino. Nem o matrimônio de César Ladeira com Renata Fronzi, realizado há anos no mesmo local, levou tanta gente à igreja de N. S. da Glória do Outeiro, estendendo um verdadeiro cinturão humano em tôrno do velho templo.

★

Filha de italianos, tendo nascido em São Paulo no dia 22 de novembro de 1924, Marlene começou no rádio em 1941, cantando na Rádio Tupi de São Paulo com o seu ver-

À chegada de Marlene houve correrias, desmaios, uma confusão tremenda. Todos queriam vê-la e abraçá-la.



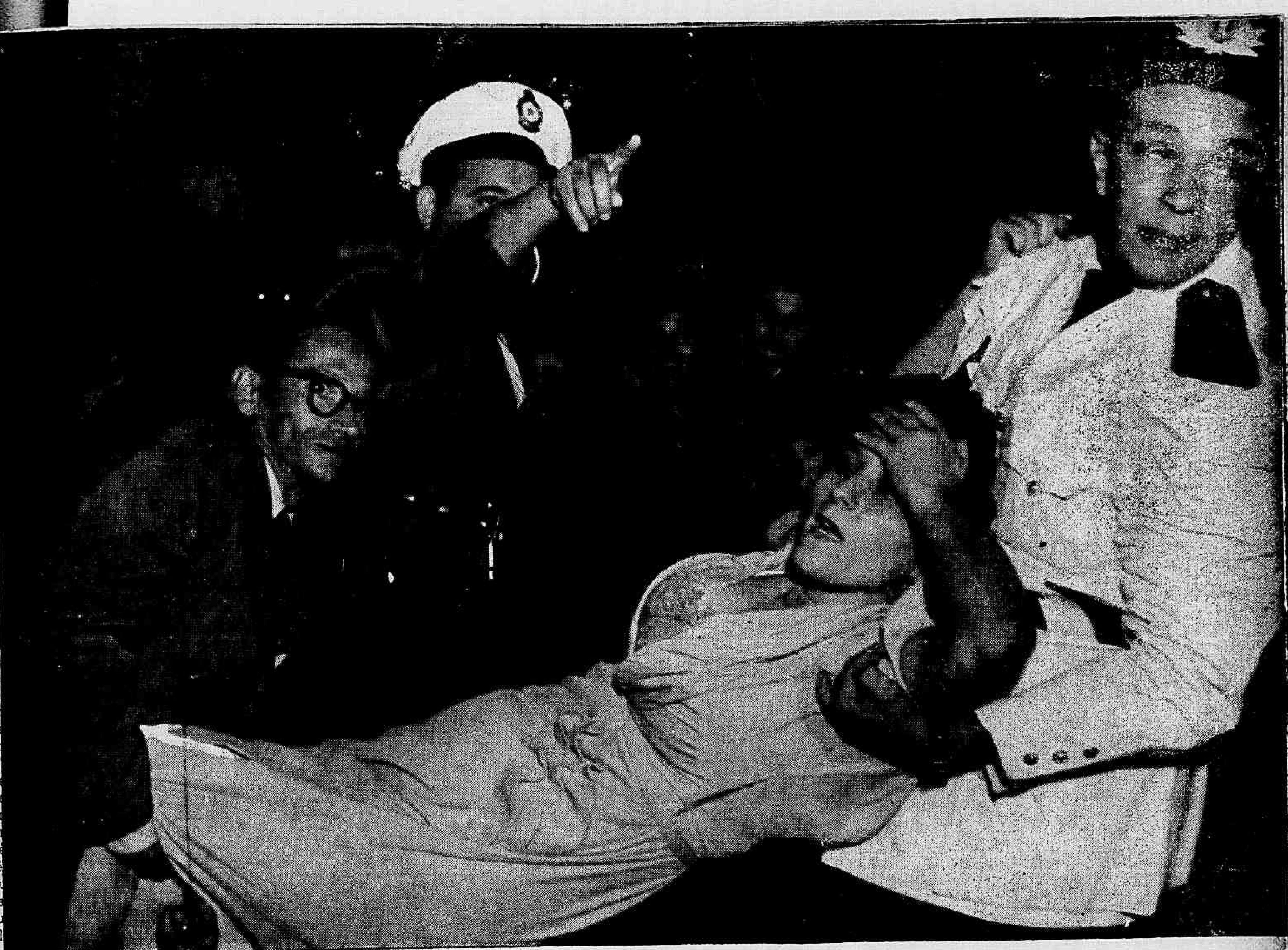
Para conter a multidão que cercava o templo, f ram requisitados dois choques da Polícia Especia

dadeiro nome — Vitória Bonaiutti. Recebendo u convite para excursionar ao norte do país, trocou pelo sobrenome que lhe deu tanta fama e prestígi Depois de uma grande temporada pelo nordest regressou ao Rio em 1942, indo atuar no Cassir Icaraí, no qual estêve durante muitos anos. Ness época tomou parte em diversas películas do cinem brasileiro, como "Corações sem pilôto", "Pif-Paf" "Caídos do céu" e "Noites de Copacabana". De xando o cassino, ingressou na Rádio Mayrink Ve ga. Posteriormente estêve na Globo, mas só n Rádio Nacional, onde já se encontra há algu anos, conseguiu projetar o seu nome como inté prete dos nossos ritmos populares. Já foi estrê de teatro de revistas e, no ano transato, excu sionou à Europa, tendo brilhado intensamente e Paris. Foi eleita "Rainha do Rádio" em 1949, nu pleito disputadíssimo e uma viagem aos Estad Unidos não está fora de suas cogitações.

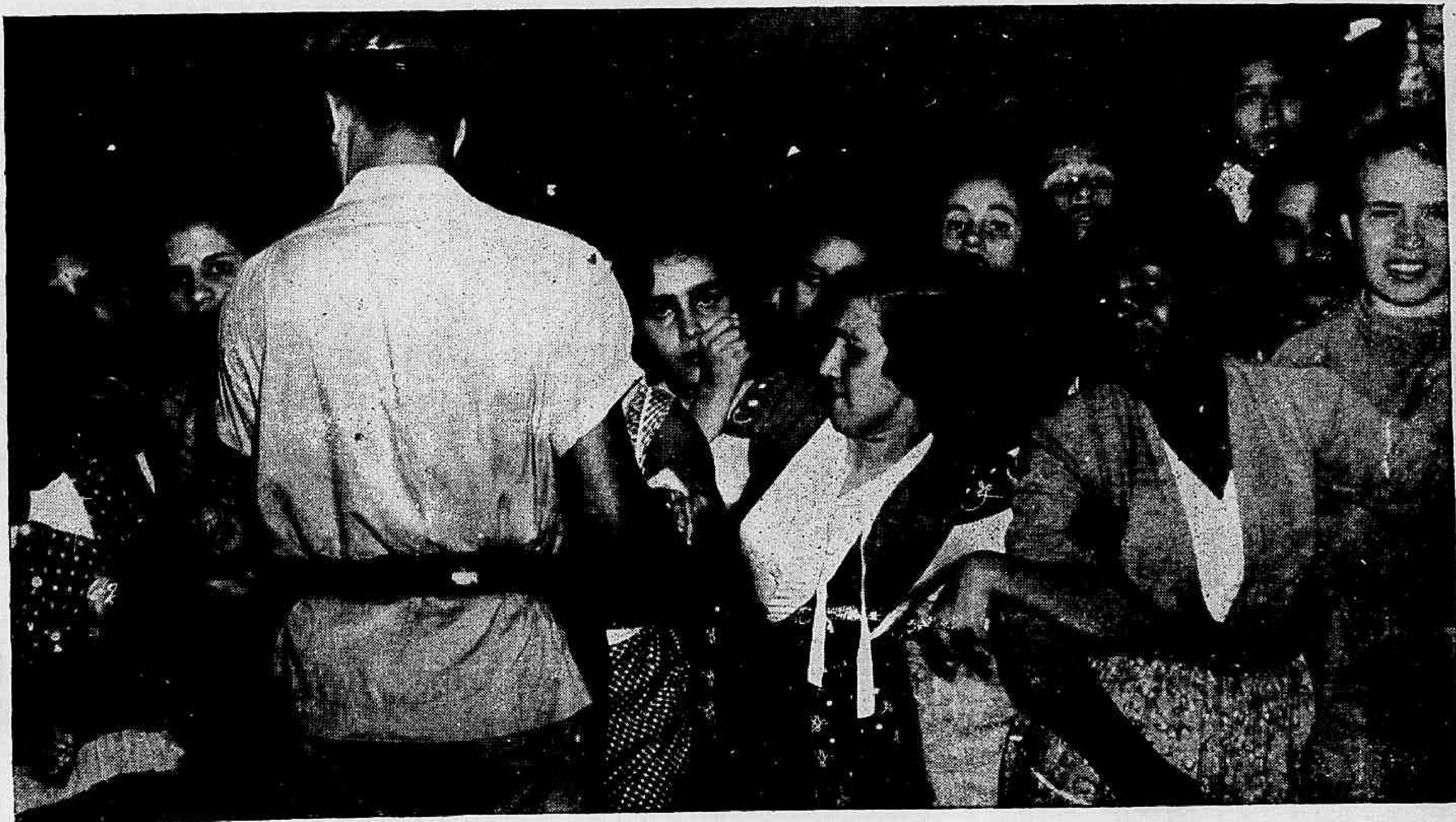
★

Luís Delfino é veterano elemento do nosso te tro de comédia, onde goza de merecido prestíg em face de suas seguras "performances" e





Parecia até o casamento de um artista de Hollywood. Houve várias senhoras que foram pisadas pela massa compacta de fãs, dando grande trabalho aos policiais, que não tiveram mãos a medir para conter a fúria dos que desejavam ver "alguma coisa", mesmo que isso lhes viesse a custar muito sacrifício.



À saída dos cônjuges, a massa prorrompeu em côro: — "Mar-le-ne! Mar-le-ne!" Mar-le-ne!" — E, numa arremetida sensacional, procurou furar os cordões de isolamento, feitos por soldados da Polícia Especial, para jogar pétalas de flores e grãos de arroz sôbre o popular casal de artistas, Marlene e Luís Delfino.



O CASAMENTO DE MARLENE



Após o "conjugo vobis", o sacerdote cumprimenta o casal de artistas. Reparem na felicidade estampada no olhar de ambos e no sorriso de aprovação da madrinha.

algumas das mais categorizadas companhias teatrais. Era um celibatário ferrenho até o dia em que conheceu Marlene, durante as filmagens de "Tudo Azul", película estrelada pelos dois. Gostando da estréia na sétima arte, já que deu tanta sorte que até ganhou uma espôsa, êle pretende continuar filmando, abandonando por algum tempo as atividades da ribalta.

A agitação no dia 25 de julho, data em que Marlene e Luís Delfino se uniram pelos sagrados laços do matrimônio, começou muito cedo, às 11 horas, quando uma multidão de fãs e curiosos cercou o prédio em que se acha instalada a Associação Brasileira de Rádio para assistir ao casamento civil, no qual foram padrinhos Paulo Gracindo e Emilinha Borba. Interessante é ressaltar que muita gente quis ver de perto o ato



Emilinha Borba — madrinha do casamento civil — no momento em que beijava Marlene efusivamente. Muita gente daria tudo para assistir a esta cena...



O casamento civil foi realizado na sede da Associação Brasileira de Rádio, longe dos olhares curiosos. Aqui os noivos aguardam a conclusão da cerimônia.

civil para ver como se comportaria Emilinha Borba, em face dos boatos que circulam sôbre a sua rivalidade com Marlene. Entretanto, sòmente alguns convidados especiais puderam assistir à cerimônia.

★

Mais tarde, pouco depois de meio-dia, os coletivos começaram a despejar gente nas imediações do Catete e da Praia do Rússel. Eram mulheres e crianças e alguns poucos homens que se dirigiam para a igreja de N. S. da Glória do Outeiro, a fim de assistir às cerimônias religiosas do matrimônio de Marlene e Luís Delfino. Assim, muito antes da hora aprazada, o velho templo encontrava-se cercado por um cinturão humano que suava, gritava e aplaudia a chegada dos convidados ao casamento mais comentado dos últimos tempos. Os primeiros a chegar foram o noivo e madrinha, sra. Rubens Berardo, dando um exemplo de pontualidade. Marlene, porém, só chegou quase uma hora depois, com grande atraso, já que o início da cerimônia estava marcado para as 17 horas e 30 minutos. À sua chegada, o oceano de gente que fêz o templo virar uma ilha, como que se revoltou com a presença dos choques da Polícia Especial que ali estavam para manter a ordem e, prorrompendo, aos gritos de "Mar-le-ne! Mar-le-ne! Mar-le-ne!", procurou furar os cordões de isolamento para abraçar a festejada artista. Assim, a muito custo, a sambista e o padrinho, sr. Luís Capriglione, puderam penetrar na igreja. Felizmente, o seu vestido azul, que custara 15 mil cruzeiros, nada sofrera...

★

Ao contrário do que se esperava, o templo não estava repleto de convidados. Apenas umas trinta ou, no máximo, quarenta pessoas. Muitos cartazes do rádio, como Manoel Barcelos e espôsa, Marion, Waldemar Galvão, Emilinha Borba, Paulo Gracindo e muitos outros, da Rádio Nacional e de outras emissoras, além do deputado Nelson Carneiro. Apesar da multidão que, lá fora, fazia tremendos esforços para ver "alguma coisa", a cerimônia decorreu dentro do maior silêncio e com a máxima simplicidade.

★

À saída dos noivos, novamente se rebelou a massa compacta de admiradores. Empurrões, gritos histéricos, desmaios, tentativas de burlar a vigilância dos policiais — uma confusão tremenda! Para amansar os fãs, o jovem casal de artistas subiu ao palanque armado defronte ao templo e saudou demoradamente a grande multidão. Finalmente, atingindo com grande esfôrço o automóvel que os levaria ao apartamento novinho em fôlha, Marlene e Luís Delfino, ainda com os vestígios da chuva de pétalas de flores e arroz com que foram banhados pelos admiradores, puderam respirar fundo, aliviados. E enquanto êles partiam para a lua-de-mel, o oceano de gente se espraiava pelo Rússel e pelo Catete, interrompendo o trânsito durante várias horas.



Para assistir às cerimônias religiosas, na igreja de N. S. da Glória do Outeiro, os fãs usaram de todos os truques e de todos os recursos. Até uma quina do palanque em frente ao templo serviu de pôsto de observação...



ÚLTIMO FLASH

TEM sido brilhantíssima a trajetória dos brasileiros nas Olimpíadas de Helsinki êste ano. Porque nossos patrícios para lá foram levando técnica, entusiasmo, alma, muita alma. E desta regra não escapou a equipe de futebol. Jovens amadores enfrentaram com enorme calor cívico adversários poderosos. Colheram vitórias e derrotas, ambas recebidas com grande emoção. E' que todos êsses embaixadores do Brasil sempre pensaram acima de tudo na pátria. E em tôdas as emergências se portaram como homens do esporte. Esta foto é um flagrante de Arísio, da equipe de futebol do Brasil, entre Alfredo e o médico Santa Maria, chorando, desesperadamente, a derrota do seu time no jôgo contra a Alemanha.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto executado pela CASA NUNES

MÓVEIS AVULSOS

**TAPÊTES e
PASSADEIRAS de FORRAÇÃO**

durante as obras
a PREÇOS DE ARRAZAR!

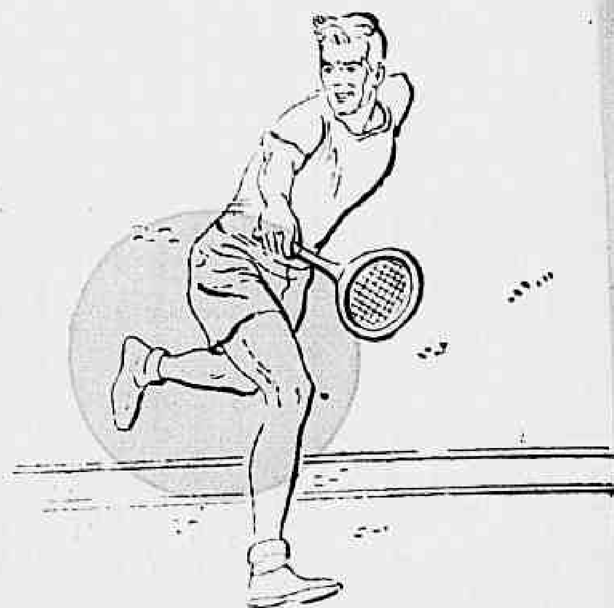
GRUPOS ESTOFADOS

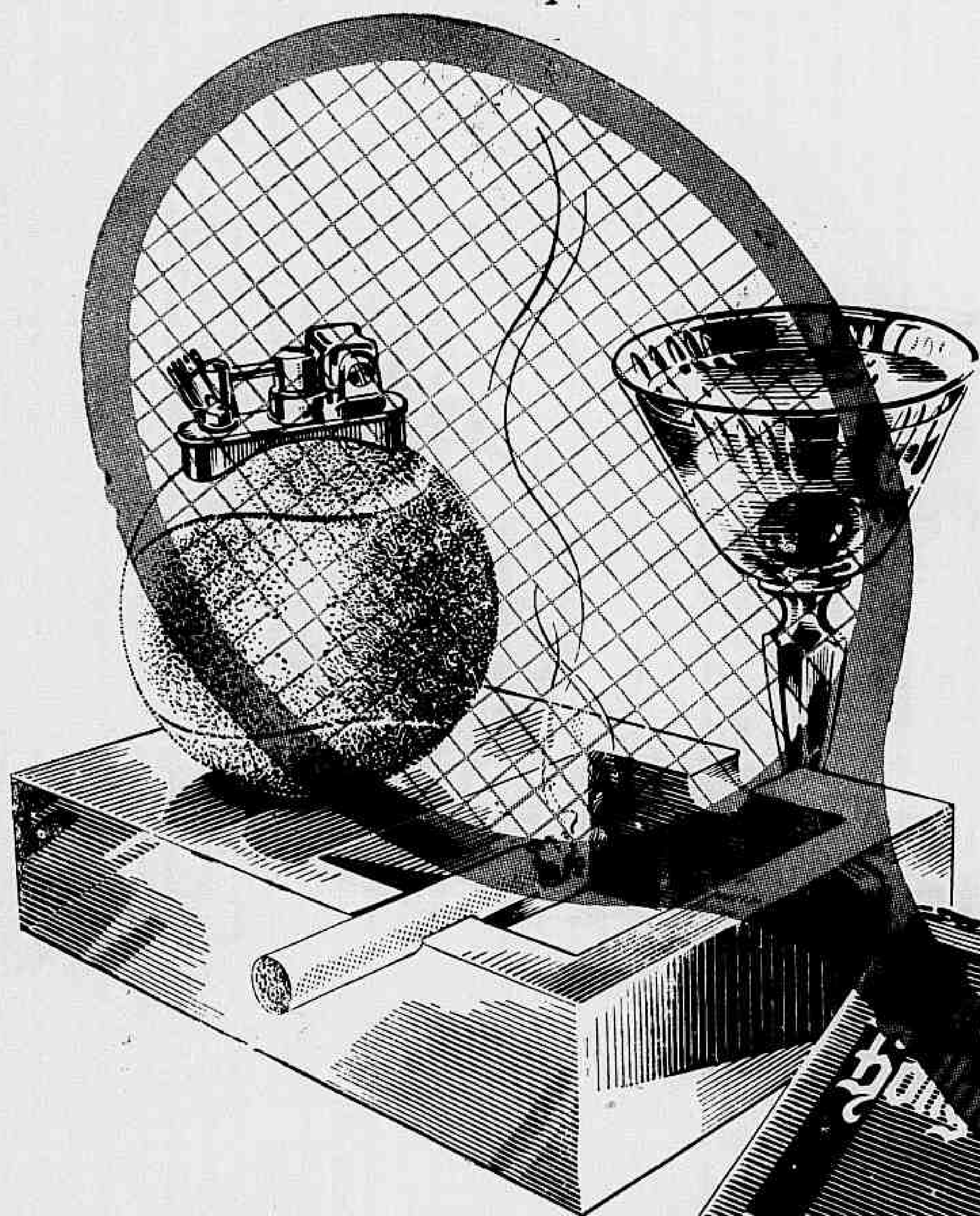
especialidade de nossas oficinas

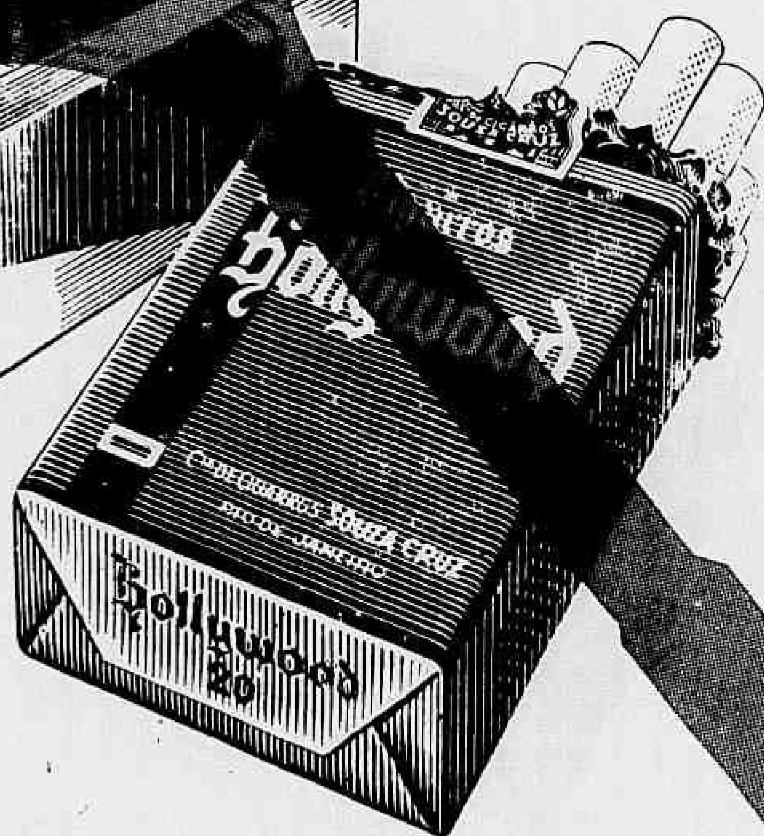


65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

sua recompensa... e nosso orgulho!







Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

68.144